

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola

**CULTURAS POPULARES NO CARNAVAL:
a narrativa de uma comunidade**

Taubaté – SP

2025

Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola

**CULTURAS POPULARES NO CARNAVAL:
a narrativa de uma comunidade**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do Título de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano,
da Universidade de Taubaté

Área de Concentração: Desenvolvimento
Humano, Políticas Sociais e Formação

Linha de Pesquisa: Formação, Políticas e
Práticas Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala

Taubaté – SP

2025

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

C576c Ciola, Sheila Cristina Cardoso dos Santos
Culturas Populares no Carnaval : a narrativa de uma comunidade /
Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola. -- 2025.
142 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Taubaté, 2025.
Orientação: Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala,
Departamento de Ciências Sociais e Letras.

1. Desenvolvimento Humano. 2. Carnaval. 3. São Luiz do
Paraitinga. 4. Culturas Populares. 5. Turismo. I. Universidade de
Taubaté. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano.
II. Título.

CDD – 981

Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola

**CULTURAS POPULARES NO CARNAVAL:
a narrativa de uma comunidade**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do Título de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano,
da Universidade de Taubaté
Área de Concentração: Desenvolvimento
Humano, Políticas Sociais e Formação
Linha de Pesquisa: Formação, Políticas e
Práticas Sociais
Orientadora: Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala

Data:

Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala (Universidade de Taubaté)

Assinatura: _____

Profa. Dra. Mirian Cristina de Moura Garrido (Universidade de Taubaté)

Assinatura: _____

Prof. Dr. André Bazzanella (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN)

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala, agradeço imensamente por ter despertado meu interesse por esse tema de pesquisa e por ter acompanhado minha jornada com dedicação e sabedoria.

À Profa. Dra. Mírian Cristina de Moura Garrido e ao Prof. Dr. Régis de Toledo Souza, expresso minha gratidão por terem sido fontes de inspiração e apoio desde o início desta pesquisa. Sua orientação e competência foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Aos meus pais, Ires e Luiz Homero, agradeço pelo amor incondicional, apoio e motivação. Vocês foram minha fonte de energia e inspiração ao longo desta jornada.

Ao meu marido, Anderson Ciola, agradeço pela paciência e carinho nos momentos de maior ansiedade, pela ajuda na organização da rotina para que eu pudesse estudar e me preparar como pesquisadora, e por ter sido um valioso interlocutor, revisando meus textos e me auxiliando ao longo desta pesquisa.

Ao meu filho, Davi, expresso minha profunda gratidão por ter sido minha fortaleza e fonte de inspiração ao longo desses dois anos. Sua maturidade e autonomia foram fundamentais para que eu pudesse me dedicar à construção desta pesquisa, mesmo quando estava ausente. Lembro-me com carinho das vezes em que ele, com sua ingenuidade e sensibilidade, expressava sua compreensão pela minha dedicação ao trabalho, dizendo ao papai que "a mamãe parece um robô do Google, só fala do trabalho que ela está fazendo".

Aos meus amigos, Cândida e Cabrera, agradeço pelas conversas estimulantes e pelo apoio mútuo. Vocês foram importantes para a minha formação como pesquisadora.

Aos luizenses que participaram desta pesquisa, agradeço por terem compartilhado suas visões e experiências, enriquecendo este trabalho.

E, por fim, à Secretaria de Educação do Município de Taubaté, agradeço pelo fomento e pelo apoio financeiro, que foram fundamentais para a minha formação como Mestra.

Morro da Cueca (Mudança)
Paranga

Minha mudança está arrumada
O caminhão já aluguei
Vou pro outro lado da cidade

Perto do Pedro morarei
Vou levando na bagagem
O carnaval que eu passei

(Campos *et al.*, [s.d.])

RESUMO

O município de São Luiz do Paraitinga está localizado no interior do estado de São Paulo, faz parte do patrimônio cultural brasileiro, apresentando em sua arquitetura características dos casarões tombados pelo CONDEPHAAT, protegidos pelo IPHAN. A cidade apresenta uma diversidade de festividades ao longo do ano, o Carnaval se destacando por atrair pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo. A pesquisa realizada teve como tema o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, cujo foco foi abordar as narrativas de luizenses sobre os valores culturais tradicionais do Carnaval em seu município, relacionando as influências com o contexto das transformações decorrentes da globalização e a expansão do turismo. Como fundamentação teórica, foram consideradas as bases de pesquisa de Alfredo Bosi, Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Néstor Canclini e Milton Santos, que contribuem através de suas pesquisas com o estudo dos indivíduos, dos lugares, considerando as relações sociais na formação cultural. A presente pesquisa utilizou como metodologia a história oral, complementada pela observação de campo, baseando-se em entrevistas semiestruturadas com luizenses. Através da análise dessas narrativas, buscou-se compreender como o Carnaval moldou e foi moldado pelas vivências, identidades e subjetividades dos participantes ao longo das últimas décadas. Ao explorar as narrativas dos entrevistados sobre a festa desde os anos 1980 até o ano de 2024, buscou-se construir uma narrativa histórica que evidencie o espaço do Carnaval na identidade local. Além disso, a pesquisa visa identificar as expectativas e desafios para a preservação das tradições carnavalescas e o seu papel no desenvolvimento humano da comunidade luizense. Ao analisar as narrativas observa-se que o Carnaval exerce grande importância na identidade cultural de luizenses, no destaque da atividade turística no município e na geração de renda formal e informal de luizenses.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Humano. Carnaval. São Luiz do Paraitinga. Culturas Populares. Turismo

ABSTRACT

The municipality of São Luiz do Paraitinga is in the interior of the state of São Paulo, is part of the Brazilian cultural heritage, presenting in its architecture characteristics of the mansions listed by CONDEPHAAT, protected by IPHAN. The city has a diversity of festivities throughout the year, Carnival standing out for attracting people from different parts of Brazil and the world. The research carried out had as its theme the Carnival of São Luiz do Paraitinga, whose focus was to address the narrative of Luizenses about the traditional cultural values of Carnival in their municipality, relating the influences with the context of transformations resulting from globalization and the expansion of tourism. As a theoretical foundation, the research bases of Alfredo Bosi, Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Néstor Canclini and Milton Santos were considered, who contributed through their research to the study of individuals, places, considering social relations in cultural formation. The present research used oral history as a methodology, complemented by field observation, based on semi-structured interviews with Luizenses. Through the analysis of these narratives, we sought to understand how Carnival shaped and was shaped by the experiences, identities and subjectivities of the participants over the last decades. By exploring the interviewees' narratives about the party from the 1980s to the year 2024, we sought to build a historical narrative that evidences the space of Carnival in local identity. In addition, the research aims to identify the expectations and challenges for the preservation of carnival traditions and their role in the human development of the Luizense community. By analyzing the narratives, it is observed that Carnival exerts great importance in the cultural identity of Luizense, in the prominence of tourist activity in the municipality and in the generation of formal and informal income of Luizense.

KEYWORDS: Human development. Carnival. São Luiz do Paraitinga. Popular Cultures. Tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Panorâmica de São Luiz do Paraitinga entrecortada por Mares de Morros.....	20
Figura 2 – Bloco da Coruja do Carnaval de 2018	27
Figura 3 – Caminhão do “trio elétrico” no Bloco Juca Teles.....	28
Figura 4 – Reportagem expressa o carnaval de tradição	32
Figura 5 – Entrevista com populares	33
Figura 6 – Coreografia dramática no Bloco do Barbosa	36
Figura 7 – A influência do samba carioca	38
Figura 8 – Reportagem sobre o Grupo Paranga	40
Figura 9 – Divulgação do Carnaval de São Luiz se destacando nacionalmente	42
Figura 10 – Turista no estilo surfista, “surfando” na poça d’água no Carnaval.....	43
Figura 11 – Novos espaços durante o Carnaval	44
Figura 12 – Banheiros químicos próximos da praça do centro histórico	44
Figura 13 – Propaganda da Skol Folia em São Luiz do Paraitinga	46
Figura 14 – Fim de semana em São Luiz: feira, comércio e encontros.....	49
Figura 15 – Igreja Matriz e encontros na escadaria.....	50
Figura 16 – Momento da Malhação do Judas em 1948.....	51
Figura 17 – Dito Pinto em 1948 lendo o Testamento para as crianças	52
Figura 18 – Malhação do Judas acompanhada pelo Bloco Pé na Cova	53
Figura 19 – Bandeira do Divino recoberta por fotos, objetos e fitas com pedidos de graças .	54
Figura 20 – Benção do Afogado do Divino.....	55
Figura 21 – Mapa da cidade de São Luiz do Paraitinga com cortejo dos Blocos no Carnaval	64
Figura 22 – Cafeteria adaptada em bar.....	104
Figura 23 – Escombros da Igreja Matriz de São Luiz do Paraitinga - Objetos encontrados na Igreja Matriz	107
Figura 24 – Carnaval não oficial de São Luiz do Paraitinga.....	111
Figura 25 – Artesãos em São Luiz do Paraitinga com suas barracas vendendo roupas para o Carnaval.....	112
Figura 26 – Batismo do Bicho Papão, dias que antecedem o Carnaval	113
Figura 27 – Cobrança de Taxas de Proteção Ambiental (TPA) e de Zona Azul no Carnaval	114

Figura 28 – Entorno da igreja Matriz e nova função de <i>fast food</i>	116
Figura 29 – Moradores observando o movimento do Carnaval	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características dos participantes da entrevista e pseudônimos.....	64
--	----

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

AMBEV	–	Companhia de bebidas das Américas
COMTUR	–	Conselho Municipal de Turismo
CONDEPHAAT	–	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
FED	–	Banco Central
FUMTUR	–	Fundo Municipal de Turismo
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	–	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PIB	–	Produto Interno Bruto
TPA	–	Taxa de Preservao Ambiental
UNIFESP	–	Universidade Federal do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 PROBLEMA	18
1.2 OBJETIVOS	18
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivos Específicos	18
1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	19
1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO / JUSTIFICATIVA	20
1.5 ORGANIZAÇÃO DO PROJETO	21
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	22
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1.1 Cultura popular	22
2.1.2 Hibridação cultural	29
2.1.3 Economia neoliberal	37
2.1.4 Cidade e território: apropriações da comunidade	47
2.2 PANORAMA DAS PESQUISAS SOBRE O TEMA ESTUDADO	56
2.2.1 Descritor “Cultura Popular and São Luiz do Paraitinga”	56
2.2.2 Descritor “Cultura Massa and São Luiz do Paraitinga”	57
2.2.3 Descritor “Carnaval and São Luiz”	57
3 METODOLOGIA.....	59
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	59
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	59
3.3 PARTICIPANTES	59
3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	60
3.5 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	61
3.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS.....	62
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	63
4.1 O CARNAVAL COMO VALOR CULTURAL PARA O LUIZENSE	65
4.2 BENEFÍCIOS QUE O CARNAVAL PROPORCIONA AO MUNICÍPIO.....	82
4.3 O TURISMO NO CARNAVAL PARA O LUIZENSE.....	97

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE 1	132
ANEXO 1.....	133
ANEXO 2.....	134
ANEXO 3.....	136

1 INTRODUÇÃO

São Luiz do Paraitinga, município paulista do Vale do Paraíba, destaca-se por seu rico patrimônio histórico e cultural, apresentando um conjunto arquitetônico característico da época dos barões do café, reconhecido nacionalmente e tombado pelo IPHAN. A cidade, no entanto, não se restringe a sua importância histórica, sendo também conhecida pela manutenção da cultura tradicional do caipira, manifestada na canção popular, nas artes visuais, na oralidade, nos ritos e no folclore.

Cidade pequena e acolhedora, São Luiz do Paraitinga foi berço de alguns personagens importantes da cultura e da ciência brasileira, entre os mais conhecidos, o médico sanitarista Oswaldo Cruz¹, o geógrafo Aziz Ab'Sáber² e o compositor Elpídio dos Santos³. O município também apresenta o maior conjunto arquitetônico característico da época dos barões do café tombado do estado de São Paulo. Esse processo, de acordo com o Portal do IPHAN ([s.d.], online), foi finalizado em 2009 e atualizado em 2012, devido a destruição de grande parte das construções durante a enchente de 2010.

A história de São Luiz do Paraitinga remonta ao século XVII, como uma região estratégica que servia como rota para os exploradores da capitania paulista. De acordo com

¹ Oswaldo Gonçalves Cruz nasceu em São Luiz do Paraitinga, no estado de São Paulo, em 5 de agosto de 1872. Em 1877, a família de Oswaldo Cruz decidiu migrar para o Rio de Janeiro, onde o pai montou uma clínica médica. Oswaldo Cruz, seguiu a carreira do pai, ingressando na Faculdade de Medicina, em 1886. Foi um médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista com grande contribuição para a saúde pública no Brasil. Responsável por campanhas que extinguíram a febre amarela do Rio de Janeiro e promoveu a desratização da cidade no combate a peste bubônica. Também foi o idealizador da campanha de vacinação que resultou na Revolta da Vacina. Sua família era formada por seu pai, Bento Gonçalves, um médico; por Amália Taborda Bulhões Cruz, sua mãe; e por suas cinco irmãs, Eugênia, Amália, Alice, Noemi e Hortênsia (Silva, [s.d.]).

² Aziz Nacib Ab'Sáber, nascido em 24 de outubro de 1924 em São Luiz do Paraitinga, no interior de São Paulo, foi um importante estudioso da geomorfologia brasileira e um geógrafo proeminente na Geografia do Brasil. Filho de um mascate libanês e uma brasileira, ele se formou em Geografia e História e obteve seu doutorado em Geografia na USP. Desenvolveu importantes pesquisas em Geografia nas áreas de domínios morfoclimáticos e fitogeográficos brasileiros, Sertões do Nordeste, estudos amazônicos, superfícies aplainadas do Brasil e uma revisão das pesquisas sobre "desertificação" na Campanha Gaúcha de Sudoeste (UNIFESP, [s.d.]).

³ Elpídio dos Santos, nasceu em 14 de janeiro de 1909, em São Luiz do Paraitinga. Foi um importante músico, tocador de violão, criador de valsas, sambas e dobrados. Desde criança, já aos 10 anos Elpídio tocava na banda Santa Cecília (Banda dos Ursos), em que o mestre era seu pai. Além de Músico, Elpídio também foi bancário na grande São Paulo, mas seu destaque era relacionado a arte da música, do qual estudou canto orfeônico no Conservatório Paulista, formando-se em 1959. Lecionou em São Paulo no SESC do Carmo e na Escola 7 de Setembro e, de volta a São Luiz do Paraitinga continuou atuando na docência na Escola Municipal de Música de Taubaté (atual Escola Municipal Fêgo Camargo), na Escola Estadual Monsenhor Ignácio Gioia e na Escola Municipal João Ebran, estas duas em São Luiz. Elpídio era um músico admirado por Mazzaropi que lhe encomendava as músicas-tema para serem tocadas em seus filmes, totalizando 24 músicas para 22 filmes. Essa parceria terminou com a morte de Elpídio a 3 de setembro de 1970. Atualmente sua obra continua viva, cantada e tocada, por autores como Renato e Chico Teixeira, Almir e Gabriel Sater, Fafá e Mariana Belém, Zeca Baleiro, Zé Geral, Camilo Frade além de seu filho Negão dos Santos e Grupo Paranga (Instituto Elpídio dos Santos, [s.d.]).

Santos (2015), no século XVII, já se tem notícias de uma parada de tropeiros como uma localidade de apoio para as tropas e como escoamento da produção do ouro com destino aos portos do litoral. Mas é em 1769 que a povoação recebe o nome de Santo Antônio do Paraitinga, nome com que é elevada à condição de vila em 1773. Em 1857, já como cidade, São Luiz do Paraitinga não se consolida como um grande centro da produção cafeeira, mas exerceu um importante papel de entreposto, funcionando como um elo entre o Vale do Paraíba e mais especificamente ao porto de Ubatuba.

Segundo Santos (2015), mesmo o período áureo dos cafezais não corresponde à ideia de riqueza recorrente no senso comum, uma vez que a atividade cafeeira consumiu investimentos da elite agrária em expansão, mas sem gerar lucro efetivo, marcando o início de uma prolongada estagnação econômica. De acordo com o pesquisador, a derrocada do café a partir de 1875 e a consequente perda de importância do porto de Ubatuba esfriaram o desenvolvimento de São Luiz do Paraitinga. Voltado para a cultura de subsistência e para a pecuária, o Alto Vale permanece isolado até meados da década de 1970.

Allucci e Schicchi (2019) apontam que as condições geográficas de São Luiz do Paraitinga, entre serras e condicionada por eventuais enchentes, deixaram São Luiz do Paraitinga à margem do crescimento econômico, urbano e social que movimentava outras cidades do Vale do Paraíba.

Em 1976, concluída a pavimentação do trecho da rodovia Oswaldo Cruz que dá acesso a São Luiz do Paraitinga, reduziu-se o tempo gasto numa viagem a Taubaté de quatro horas para aproximadamente cinquenta minutos. Desde então o casario histórico e o extenso calendário de festas da cidade passa atrair visitantes, embora o turismo só tenha se consolidado como atividade econômica relevante no começo do século XXI, em grande parte como consequência da difusão do Carnaval de machinhas.

Ainda nos dias de hoje, São Luiz do Paraitinga se mantém à parte da vida acelerada do Vale do Paraíba industrializado, prevalecendo na cidade um cotidiano imerso de símbolos ligados a história do luizense. De acordo com o censo do IBGE 2010, há ausência de indústrias e de uma rede hoteleira de grande porte. São Luiz é uma cidade de trabalhadores rurais, comerciantes, profissionais liberais, professores, aposentados e artistas (IBGE, 2011).

As marchinhas do Carnaval luizense constituem-se num fenômeno musical relativamente recente. Nasceram no começo da década de 1980, resultando de uma fusão do ritmo que embalava os cordões e salões do Rio de Janeiro nas décadas de 1930 e 1940 com os tambores das Congadas e Moçambique da zona rural do Vale do Paraíba.

As temáticas ligadas ao imaginário popular, à oralidade e aos modos de produção do caipira encontraram na marchinha um veículo de propagação tão poderoso quanto as canções de Elpídio dos Santos, que, durante as décadas de 1960 e 1970 abrilhantaram a obra cinematográfica de Amácio Mazzaropi⁴.

Segundo Silva e Vieira (2012), apesar de essencialmente inovadora, sincrética e cosmopolita, a marchinha luizense surgiu de uma confluência de fatores, como manifestação da cultura local. A inserção dos ritmos e da poesia da terra se dá de forma moderna e cosmopolita, a hibridação da cultura tentando dissolver o contraste entre mundos bem diferentes: um da tradição, outro da contemporaneidade; um revestido de arcaísmos, da oralidade, dos modos de produção tradicionais, outro da indústria cultural, da impessoalidade, da produção em série.

Pioneiro e revolucionário, o bloco Encuca a Cuca se destaca pela ousadia com que ressignifica o imaginário popular de São Luiz do Paraitinga, resgatando lendas e causos de assombrações, que se materializam nos bonecos gigantes e nas marchinhas. O conceito dos cortejos que percorrem as ruas da cidade durante o Carnaval alinha-se com a perspectiva de Hobsbawn (2022) sobre a invenção das tradições, que as concebe como processos dinâmicos de reinterpretação do passado. Ao revitalizar elementos da cultura popular, o Encuca a Cuca reafirma a força da tradição oral e sua capacidade de se adaptar a novos contextos históricos. Evocando e ressignificando o passado, as tradições inventadas forjam uma ligação “artificial” com a história, buscando estabilidade diante de uma modernidade dinâmica.

O ponto de partida desse bloco remete a um discurso proferido décadas antes pelo padre da cidade, Monsenhor Ignácio Gióia⁵ teria proibido seus fiéis de pular Carnaval dizendo que nasceria rabo e chifre nos desobedientes. Desde então o mês de fevereiro passou em brancas nuvens em São Luiz do Paraitinga, até que em 1980 o compositor Luiz Homero Ivo dos Santos⁶

⁴ Amácio Mazzaropi conhecido popularmente como Mazzaropi, nasceu no bairro de Santa Cecília, em São Paulo. Muito jovem, aos 14 anos, deixou a casa paterna, à revelia dos pais, para acompanhar o Circo La Paz. Em 1946, foi contratado pela Rádio Tupi do Rio de Janeiro, onde trabalhou no programa "Rancho Alegre", dirigido por Cassiano Gabus Mendes. Convidado pela Vera Cruz, em 1951, fez seu primeiro filme: "Sai da Frente". Destacou-se com seu papel de caipira: "Jeca Tatu", personagem criado por Monteiro Lobato, o típico caipira de calças pularbrejo, paletó apertado, camisa xadrez e botinas, conquistou a maior bilheteria do cinema nacional nas décadas de 1960 e 1970 (UOL, 2011).

⁵ Ignácio Gióia nasceu em Castelluccio Inferiore, na Província de Potenza, localizada na Itália Meridional. Veio como missionário para o Brasil, em 1900. Foi nomeado pelo bispo Dom Epaminondas Nunes D'Ávila e Silva, como padre Ignácio Gióia sendo Pároco de São Luiz do Paraitinga em 12 de julho de 1912, e em 1933 recebeu o título de Monsenhor. Atuou durante toda a sua vida de pároco em São Luiz do Paraitinga, até sua morte em 1961. (Santos, [s.d.]).

⁶ Professor aposentado de Artes, compositor luizense, músico e fundador do Bloco Encuca a Cuca, com bonecos que representam histórias de assombração, folclóricas da região do Vale do Paraíba e lendas de São Luiz do Paraitinga.

escreve a marchinha "Rabo e Chifre", marco zero do Carnaval luizense, que além de provar que o efeito colateral não existia, abriu caminho para outras lendas do imaginário popular, entre eles, a Cuca, a Cobra Grande, o Corpo Seco e a Porca dos Sete Leitões, que não tardaram a receber sua homenagem em forma de marchinha.

Com o passar dos anos, outros artistas deram origem a novos blocos. Atualmente há vinte e seis blocos oficiais. De acordo com a análise documental da Ata da Associação de Blocos Carnavalescos de São Luiz do Paraitinga (ABLOC) de 1 de maio de 2009 (Vieira, 2009), os fundadores dos blocos oficiais se reuniram para constituírem a associação. A associação é formada por seus membros, incluindo o Presidente, Diretoria Executiva, Conselho Fiscal e seus suplentes, em que buscam em reuniões discutir a importância da união, a defesa dos direitos e interesses dos blocos de Carnaval e da cultura popular. Cada bloco tem um nome que envolve o imaginário do popular, relacionado a personagens de destaque da história da cidade, assombração, fauna local, folclore, modo de vida rural. São eles: bloco do Lençol, Rei Canário, Lobisomem, Juca Teles, Maria Gasolina, Saúde, Bicho de Pé, ETesão, Coruja, Maricota, Misto Quente, Saci, Pé na Cova, Balacobaco, Caipira, Cruis Credo, Caitê, Encuca a Cuca, Do Beijo, Espanta Vaca, Pipoca, Casarão, Bico do Corvo, Bebebum, Barbosa e Pai do Troço. E há outros blocos, os chamados não oficiais, por não fazer parte da programação do Carnaval oficial que também saem no decorrer do Carnaval.

No bloco do Caetê, a cultura e os modos de produção do caipira se materializam na preparação da pamonha. A mesma coisa se dá na canção "Dona Maria", marchinha em que o compositor luizense⁷, Galvão Frade⁸ faz belas menções à canjiquinha, ao afogado e à pinga luizense.

Silva e Vieira (2012) apontam que dos anos 1990 em diante, os cordões se multiplicam com diferentes temas: Juca Teles homenageia a cultura popular e o folclore; Balacobaco reforça o elo entre as festas pagãs da Grécia Antiga e o Carnaval de rua; Cruz Credo, Bico do Corvo e Pé na Cova abordam a temática da morte com bom humor e leveza. Possivelmente o mais popular dos blocos atuais, o Barbosa canta os perigos das curvas da Rodovia Oswaldo Cruz, desde 1976 o elo entre São Luiz do Paraitinga e o mundo moderno.

Para Guimarães e Barja (2016), dos gêneros da nossa música popular, a marchinha é o mais flexível, adaptável e afeito à reterritorialização, ou seja, é um produto cultural que se

⁷ Considera-se luizense os que nasceram no município, ou que nele residem de forma a sentir-se parte da comunidade e, portanto, se autorreconhecem como luizense.

⁸ É natural de São Luiz do Paraitinga, músico e compositor autodidata. Atua no carnaval luizense desde 1981, quando foi retomado o carnaval de rua da cidade e produziu várias edições do tradicional Festival de Marchinhas local (Instituto Moreira Salles, 2020).

expande para além do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, sua sonoridade e temática incorporando especificidades de novos contextos espaciais e temporais.

A consolidação da marchinha como trilha sonora do Carnaval luizense passou por algumas provas. Ao longo dos 1990 e começo do século XXI, houve algumas tentativas de inserção de ritmos como o axé e o funk no Carnaval de São Luiz do Paraitinga, mas nenhuma delas se efetivou.

O conflito entre a necessidade de expressão da cultura e a utopia do progresso é recorrente no luizense, por um lado apegado a suas tradições, por outro inclinado a aderir ao espírito empreendedor de seu tempo e que percebe a necessidade de sobrevivência econômica. Esta pesquisa apresenta o sentimento que o Carnaval inspira no luizense, observando as narrativas de luizenses em relação aos valores culturais do Carnaval, sobre a importância econômica desse evento em São Luiz do Paraitinga e o crescimento do turismo, os matizes desse conflito a partir do ponto de vista da população local.

1.1 PROBLEMA

A pequena cidade de São Luiz do Paraitinga se destaca por apresentar particularidades culturais. Dentre estas particularidades, o Carnaval se destaca com seus símbolos e ritmos que expressam a identidade do luizense. Nas últimas décadas, nota-se que a festa do Carnaval tem apresentado uma ampliação expressiva do contingente de turistas. A partir destas constatações questiona-se: quais são as narrativas de luizenses em relação ao Carnaval, considerando-se a importância cultural do evento e a chancela como capital das Marchinhas conquistada pelo município?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar os valores culturais do tradicional Carnaval de São Luiz do Paraitinga e a expansão do turismo, considerando as mudanças que ocorreram à popularidade alcançada por essa manifestação cultural, a partir das narrativas de luizenses.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Analisar a narrativa sobre os símbolos do Carnaval de acordo com a visão de luizenses;
- Investigar o que essa manifestação cultural proporciona ao município, segundo a visão de luizenses;

- Investigar e analisar como se observa entre os luizenses o crescimento do turismo no Carnaval;
- Investigar os desafios das tradições do Carnaval de São Luiz do Paraitinga.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada no município de São Luiz do Paraitinga, localizada no estado de São Paulo. Em muitos aspectos, São Luiz do Paraitinga se mantém à parte da vida acelerada do Vale do Paraíba industrializado, prevalecendo na cidade um cotidiano imerso de símbolos ligados à história do luizense.

Poetas populares, artistas plásticos, compositores, estão vinculados de alguma maneira à principal forma de expressão do luizense: o Carnaval. Artistas profissionais dividem o palco, a pena e os pincéis com amadores e diletantes. Juristas, pedreiro, frentistas, professores e serventes, entre outros, trabalham lado a lado, compondo, arranjando e executando marchinhas, preparando estandartes e reformando bonecos. A natureza democrática do Carnaval de São Luiz do Paraitinga, em que pessoas de diferentes classes sociais e de identidades diversas participam numa expressão cultural comum.

Localizada no Alto Vale do Paraíba, em meio aos domínios morfoclimáticos Mares de Morros⁹, na região Metropolitana do Vale do Paraíba, São Luiz do Paraitinga possui, segundo o Censo do IBGE de 2021, uma população permanente de 10.630 habitantes (IBGE, 2022). Conforme dados de G1 Vale do Paraíba e Região (2019), no Carnaval a quantidade de turistas já chegou a registrar o triplo de pessoas no município, com cerca de 35 mil pessoas em um único dia.

⁹ De acordo com Ab'Saber (2003), correspondem a inter-relação, interação e combinação dos conjuntos de elementos da natureza, como relevo, clima e vegetação, os quais formam uma unidade paisagística. Sua característica é um conjunto de morros arredondados, estendendo-se desde o Nordeste ao Sul do Brasil. Esses morros também recebem a denominação de morros mamelonares, correspondendo a área de mamelonização extensiva, relevo de colinas dissecadas, em todos os níveis da topografia (de 10-20 m a 1100-1300 m de altitude no Brasil de Sudeste) (AB'SÁBER, 2003, p. 45).

Figura 1 – Panorâmica de São Luiz do Paraitinga entrecortada por Mares de Morros



Fonte: Arquivo da autora (22 jun. 2023).

O presente trabalho se delimita investigar as narrativas de luizenses sobre o Carnaval de São Luiz do Paraitinga considerando especificidades etárias, sociais e econômicas da população local do município.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO / JUSTIFICATIVA

De acordo com Bosi (1992), a economia globalizada demanda uma propagação de símbolos codificados pela indústria cultural, a circulação de bens simbólicos aumentando na mesma proporção de bens de consumo. Aspectos políticos, econômicos e sociais são condicionados a uma lógica de mercado, a cultura hegemônica do colonizador se impõe através da arte massificada sobre a cultura situadas na periferia do capital.

Mesclando imaginário popular e cultura tradicional caipira ao vasto universo da canção brasileira, americana e inglesa difundidas pelo rádio a partir dos anos 1930 e televisão desde a década de 1950, a marchinha luizense é expressão de uma cultura tradicional que se recombina diante de um mundo novo. Compreender a hibridação cultural, que de acordo com Canclini (2011, p. 18-30) se entende quando diferentes culturas se conectam, incorporando elementos uma das outras, conceito que será aprofundado no tópico 2.1.2. Nesse contexto de culturas híbridas, observa-se como a cultura popular está sujeita à influência da cultura de massa num cenário de globalização, entender essa relação é fundamental para lançar luz sobre o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, destacando nessa pesquisa as narrativas de luizenses.

A própria manutenção da identidade de São Luiz do Paraitinga, os valores materiais e imateriais de sua cultura, os movimentos de resistência e as dinâmicas de hibridação, exigem uma leitura lúcida de como os luizenses enxergam a si próprio e da capacidade de reinventar-se.

1.5 ORGANIZAÇÃO DO PROJETO

Esta dissertação está dividida em quatro seções. Na primeira seção, consta a introdução, a descrição do problema, os objetivos gerais e específicos, a relevância/justificativa, a delimitação do estudo e a organização do projeto.

A segunda seção, apresenta o Referencial Teórico, relacionando a Cultura Popular, Hibridação Cultural; Economia Neoliberal e suas relações nos diferentes contextos do Carnaval de São Luiz do Paraitinga; Cidade e território: apropriações da comunidade.

Na terceira seção, apresenta a Metodologia escolhida para atingir o objetivo escolhido da pesquisa. A trajetória da pesquisa buscou responder ao problema a partir da pesquisa local, a população e a amostra selecionada, assim como o instrumento utilizado, além dos procedimentos de coleta e de análise de dados.

Na quarta seção, consta os resultados e a discussão dos dados, contextualizados em relação à teoria.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura foi realizada por meio de uma revisão narrativa. Considera-se importante abordar como tópicos essenciais para o desenvolvimento da análise, questões relacionadas a Cultura Popular, Culturas Híbridas; Economia Neoliberal; Cidade e território: apropriação da comunidade. Para os referenciais teóricos foram considerados as elaborações teóricas de: Michel de Certeau, Jacques Le Goff, David Harvey, Néstor Canclini e Milton Santos.

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 Cultura popular

Esse tópico propõe uma reflexão sobre como a cultura tradicional de São Luiz do Paraitinga dialoga com a Modernidade, as tensões e recombinações culturais perfazendo a apropriação do espaço, a elaboração de canções e fantasias dos blocos de Carnaval. Para tal, serão apresentadas algumas definições de Cultura pertinentes a esta análise.

Em seu estudo sobre as “culturas brasileiras”, Bosi (1992) parte da ideia de que não há uma cultura brasileira singular, mas uma pluralidade resultante das dinâmicas entre as culturas erudita, popular, de massa e criadora. Essa multiplicidade se reflete nas práticas dos diferentes grupos sociais, seus modos de vida e produtos culturais específicos.

Quando abordamos o tema da cultura, sobressai a ideia de costumes, tradições, valores de uma sociedade. Verifica-se, porém, que o conceito se expande em diferentes abordagens, cada uma ajustada às especificidades de sua área de conhecimento — Antropologia, Sociologia, Economia, Políticas Públicas etc. Botossi (2020) argumenta que o termo cultura é multifacetado e que, embora essas perspectivas contribuam para a complexidade da análise, tornam impossível a fixação de um conceito único.

A ideia de pluralidade cultural apresentada por Bosi (1992) permite o entendimento das formações institucionais do Estado, a cultura escolar e a cultura de massa desempenhando papéis centrais na produção e circulação de bens simbólicos. Estes não se limitam ao aspecto econômico, afetando a sociedade também no que toca ao pensamento e ao comportamento. Longe de ser apenas um reflexo das condições materiais da sociedade, as manifestações da cultura nas práticas institucionais e sociais apresentam-se como um elemento ativo na formação do desenvolvimento humano, exercendo sua influência sobre os processos educativos, mas

sobretudo atuando na formação da identidade cultural de uma sociedade. A função estruturante da cultura atua na mediação das relações entre o indivíduo e o coletivo.

A concepção clássica antropológica mencionada por Bosi (1992) vincula à cultura o imaginário popular, as manifestações coletivas obedecendo a regras e normas sociais, compreendendo a cultura, não apenas como um conjunto de bens materiais, mas como um sistema simbólico compartilhado. Cândido (2003), por sua vez, examina as celebrações religiosas, as canções e os modos de produção do caipira enquanto elementos simbólicos plasmados à identidade coletiva.

Em São Luiz do Paraitinga, podemos observar como os modos tradicionais de produção vinculam-se a um sistema simbólico compartilhado, a cultura moldando a identidade. No Carnaval, por exemplo, o ritmo, as letras das marchinhas, os bonecos gigantes, as danças e os adereços dos foliões remetem ao imaginário popular, aos valores, ao conjunto de crenças e narrativas que constituem a identidade cultural de luizenses.

Em *A História Concisa da Literatura Brasileira*, Bosi (1981) apresenta a resignificação da cultura popular brasileira pelo grupo modernista, encabeçado por artistas como Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Villa-Lobos, entre outros. Para Bosi, a Semana de Arte Moderna de 1922 marca uma nova postura na busca pela identidade nacional, que se afasta das tradições europeias, voltando-se para as raízes culturais do Brasil. A atitude dos modernistas libertava a cultura brasileira do paradigma dos estudos de cultura sob a vertente evolucionista, que entendiam a cultura popular e as manifestações folclóricas como residuais das culturas que deram origem a população brasileira, seja ela escrava, cabocla, negra, indígena ou também portuguesa arcaica. Tais culturas, se reproduziram sob a influência da dominação, no foco do contexto histórico de colonização a que o Brasil estava condicionado. Sob certa vertente culta e ocidental, essa situação de dominação vinculava a cultura popular ao atraso material e científico das sociedades pré-industriais. Avançando para a segunda metade do Século XX, Bosi (1992) se volta para as tensões entre cultura popular e cultura de massa, destacando a necessidade de se conceber estudos sob uma nova perspectiva, que abordasse as diferentes formas de cultura sem os preconceitos de outrora:

O problema se complica hoje em dia quando precisamos considerar as imbricações que ocorrem entre a cultura popular e a cultura de massa (ou popularesca, na expressão de Mário Andrade), ou ainda entre a cultura popular e a cultura criadora dos artistas. Urge cavar, em última análise, uma teoria da aculturação que exorcize os fantasmas elitista e populista, ambos

agressivamente ideológicos e fonte de arraigados preconceitos [...]. (Bosi, 1992, p. 324).

Bosi (1992) destaca que a cultura popular deve ser compreendida como um todo indivisível. De acordo com o autor, os elementos simbólicos e as razões simbólicas são indissociáveis e coexistem de forma integrada. A separação entre o material e o simbólico não captura a complexidade e a coesão interna da cultura popular, que, fragmentada, compartimentada, perde sua significação.

E conforme destaca Bosi (1992), a cultura popular em São Luiz do Paraitinga apresenta-se indivisível. Em suas canções, danças, figurinos e artes visuais, o Carnaval de rua de São Luiz do Paraitinga apresenta o modo de viver do caipira, suas relações com a terra, com as ruas da cidade, os símbolos perfazendo caminhos que remetem ora à apropriação do espaço urbano, ora aos modos tradicionais de produção. Silva e Vieira (2012) destacam esses aspectos na canção tema do Bloco do Caipira:

Boto o pé na bota e vou pra cidade
 No carnaval
 Vou extrapolar porque é feriado
 Decreto nacional
 A rua tá “enfestada” de alegria e de paixão
 Eu largo da minha roça
 Mas o meu broto
 Eu não esqueço não!
 Lá laiá laiá...
 Lá laiá laia... (Silva; Vieira, 2012, p. 152).

Na canção tema do Bloco do Caipira, o Carnaval impulsiona o eu lírico para uma outra dimensão temporal, o caminho para uma enunciação a uma área de contato da cultura tradicional do caipira com o cotidiano e a apropriação do tempo no espaço urbano.

Silva (2011, p. 29) define que “[..] é fundamental considerar a cultura como produto da ação humana e como produtora dessa ação, enquanto cultura incorporada e enquanto atribuição de significados [...]”. Essa ideia vai ao encontro com o que se observa na cultura de São Luiz do Paraitinga, especialmente no que toca alguns rituais da Festa do Divino, quando as crenças e símbolos de caráter popular projetam-se para as práticas sociais e as técnicas, afirmando-se como produtos da ação humana e, também, seus produtos. Em muitos pontos do Brasil, a festa religiosa do Divino é marcada pela presença de símbolos como a bandeira e a distribuição do afogado. Na bandeira do divino prendem-se fitas, cada nó correspondendo a uma graça, uma intercessão divina. Cascudo (2012) descreve como as fitas estabelecem um elo

entre o devoto e a divindade, reforçando a identidade coletiva e o sentimento de pertencimento à comunidade. De acordo com Santos (2016), a distribuição do afogado, prato de tradição da cultura caipira, tem uma importância que excede a alimentação, a partilha reforçando a coesão social, os valores de cooperação e a generosidade. Outro momento em São Luiz do Paraitinga, é quando a comunidade coopera para a preparação do “afogado” com ingredientes ou trabalho, o prato sendo preparado em grandes tachos e distribuído a todos, especialmente aos mais pobres.

[...] cultura popular, relaciona modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, festa de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar... (Bosi, 1992, p. 324).

Já na canção “Dona Maria”, os compositores apresentam um recorte do cotidiano que evoca a vida comunitária, os rituais e os hábitos da comunidade de São Luiz do Paraitinga:

Dona Maria
 Que é que tem pro carnaval?
 Tem canjiquinha, afogado
 Abobrinha, com quiabo
 Ovo frito, bem passado
 E uma pinga do seu lado. (Frade; Egypto; Bombril, [s.d.], on-line).

Corroborando a análise de Bosi (1992), a celebração do Carnaval e o preparo dos pratos caipiras, como canjiquinha, afogado e ovo frito, e até mesmo a cachaça, são partes de um todo, havendo uma conexão íntima entre modos de viver, alimentação, vestuário, crenças, cantos e danças. Na medida em que oferecem uma perspectiva abrangente sobre as interações entre os indivíduos e o ambiente urbano, as ideias de cultura de Bosi (1992) e de Certeau (1998) se complementam. A marchinha “Compasso de espora” remete ao ato de caminhar como uma enunciação, as práticas sociais atribuindo significado ao cenário de ruas e casarios:

Cara, olha bem na passarela
 Há tantas delícias na Barão
 Esse negócio de beber junto com ela
 Não vai dar certo
 Tá cheirando a confusão
 Essa menina tá de rabo preso com o Tonhão
 Dizem que o moço agarra o boi a unha no curral
 Se ele flagra te avacalha o Carnaval. (Frade, 1993).

Os compositores da marchinha, caracterizam a passarela como um espaço de interação, uma arena onde encontros, celebrações, desejos, tensões e conflitos podem acontecer. A passarela passa sobre o Rio Paraitinga e dá acesso à Rua Barão do Paraitinga, último trajeto dos blocos de Carnaval antes de chegar à Praça Oswaldo Cruz, diante da Igreja Matriz. A simples descrição do espaço que a canção evoca diz muita coisa sobre a significação que o luizense atribui a esse trajeto, indo de encontro com o que o autor de *A Invenção do Cotidiano* chama de apropriação do espaço pelas práticas sociais.

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (*o speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma tríplice função “enunciativa”: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas [...] O ato de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação. (Certeau, 1998, p. 177).

Quando se olha a cidade como um cenário de câmbio de práticas cotidianas e de expressões culturais, é possível compreender os indivíduos como atores no processo de transformação e recombinação da cultura. Bosi (1992), em seus estudos sobre cultura, destaca a importância das manifestações culturais na construção da identidade de uma sociedade. Ele se refere à cultura como um fenômeno dinâmico e multifacetado, sempre sujeito a condicionantes de cunho histórico, social e político.

A marchinha luizense também muda seu foco do cotidiano para temas da política nacional. No bloco da Coruja, como mostra a seguir, o cortejo de foliões carregando placas confeccionadas manualmente, com papelão ou cartolina, exibindo frases que instigam a reflexão sobre temas como corrupção, má administração dos bens públicos, desigualdade econômica e social, é destaque no lugar da fantasia. A Coruja simboliza o bom governador que não “dorme” para o mundo progredir. Silva e Vieira (2012, p. 133) descrevem-na como “Governanta da noite e rainha de poderes especiais, possuindo visão noturna e simbolizando a

Sabedoria. Ela tem a capacidade de vigiar o mundo macabro, contemplando, espiando e segredando a magia da noite quando esta é mais noite." Esses atributos vinculam os poderes da coruja, tanto no mundo natural quanto no imaginário popular, ao político honesto, competente e consciente de seu papel como figura pública.

Figura 2 – Bloco da Coruja do Carnaval de 2018



Fonte: Arquivo da autora (fev. 2018).

Nos estudos sobre cultura, Montero (2003) destaca que, sob a perspectiva da Antropologia influenciada pela tendência marxista, havia uma preocupação com o impacto da expansão da vida urbana moderna. O êxodo rural poderia levar ao desaparecimento das tradições culturais. Para Montero (2003, p. 147), “[...] assim, muito antes que se falasse em globalização, o crescimento das cidades levantava o temor de que formas tradicionais de expressão cultural desaparecessem submergidas ao modo de vida urbana [...]”. Montero (2003) destaca que, com o crescimento das cidades e o êxodo rural, havia um temor de que as tradições culturais se perdessem ou fossem eclipsadas pelo modo de vida urbano, o que evidenciaria desenraizamento ou aculturação. Mas a tendência de desaparecimento não se confirma na medida que a cultura popular local consegue se manter a partir da ressignificação de seus elementos tradicionais.

De acordo com Santos (2015), a cultura popular de São Luiz do Paraitinga, embora mantenha práticas tradicionais, é dinâmica e aberta a novos símbolos, incorporando influências

externas, adaptando-se e evoluindo diante das mudanças sociais e da modernidade. Nas festas e no cotidiano das comunidades luizenses, a cultura popular se apresenta moldada, não ficando caracterizada a aculturação a que se refere Montero (2003). O próprio Carnaval nos oferece um exemplo dessa dinâmica: do primeiro decênio do século XXI em diante, a massa de turistas nas ruas da cidade impõe adaptações na logística dos blocos interferindo na identidade visual e na relação dos músicos com o público, a incorporação do caminhão de trio elétrico sendo a que melhor simboliza o Carnaval dos novos tempos em contraste com os tradicionais cortejos dos blocos “pé no chão”, como se pode conferir na imagem a seguir. A adesão ao “trio-elétrico” alinha o Carnaval luizense com o modelo vigente em boa parte das cidades turísticas do Brasil, com destaque a Salvador, na Bahia, mas as marchinhas, os temas das fantasias e as danças não se descolam da tradição.

Figura 3 – Caminhão do “trio elétrico” no Bloco Juca Teles



Fonte: Arquivo da autora (fev. 2024).

Santos (2015) destaca a relação da modernidade com a tradição:

Seja pelos desafios do turismo, das tentativas de intervenção ora por instituições religiosas, ora pela administração pública nas festividades

locais, não se busca simplesmente o impacto da modernidade sobre o que ali se faz. Há continuidade de produção cultural daquela comunidade que muda, é modificada e transforma a modernidade [...]. (Santos, 2015, p. 35).

A cultura popular de São Luiz do Paraitinga mantém-se dinâmica e em constante transformação, o próprio luizense sendo personagem central desse processo, seja atuando pela preservação das tradições, seja adaptando-se ao que vem de fora. Nesse processo, ele supera as tensões com a modernidade ressignificando suas práticas culturais, as concessões ao contemporâneo sendo parte de uma “tática” conforme Certeau (1998) se refere, para reafirmar sua identidade e fortalecer o vínculo com suas raízes.

2.1.2 Híbridação cultural

Esse tópico apresenta uma reflexão sobre o processo criativo das marchinhas, a combinação de aspectos musicais e poéticos alternando os ecos da tradição e da indústria cultural. As especificidades da híbridação da cultura popular de São Luiz do Paraitinga, as dinâmicas desse diálogo entre o imaginário popular e a modernidade pedem, além de uma perspectiva histórica, a conceituação de expressões como indústria cultural, do qual será abordada.

O termo indústria cultural surge com os filósofos Theodor Adorno e Marx Horkheimer. A Teoria Crítica da escola de Frankfurt propunha uma releitura do marxismo ortodoxo, analisando-o a partir da Filosofia da Cultura, da Psicologia, da Psicossociologia e da Ética. Adorno e Horkheimer voltaram seu olhar para a produção artística de modo semelhante ao que Marx analisou os meios de produção no sistema capitalista:

A cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança. Filmes, rádio e semanários constituem um sistema. Cada setor se harmoniza em si e todos entre si. As manifestações estéticas, mesmo a dos antagonistas políticos, celebram da mesma forma o elogio do ritmo do aço [...]. (Adorno, 2009, p. 5).

Para os fundadores da Escola de Frankfurt, os símbolos propagados pelos meios de comunicação estimulavam o consumo de modo grosseiro, simplificando a arte ao ponto de reduzi-la à condição de mera mercadoria e condicionando o gosto do público ao ponto deste se converter numa massa homogeneizada, incapaz de qualquer reflexão que opusesse obstáculo às produções culturais alinhadas com os interesses do mercado.

Toda a cultura de massas em sistema de economia concentrada é idêntica, e o seu esqueleto, a armadura conceptual daquela, começa a delinear-se. Os dirigentes não estão mais tão interessados em escondê-la; a sua autoridade se reforça quanto mais brutalmente é reconhecida. O cinema e o rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade de que nada são além de negócios lhes serve de ideologia. Esta deverá legitimar o lixo que produzem de propósito. O cinema e o rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos [...] (Adorno, 2009, p. 5).

A cultura popular se diferencia da cultura de massa na medida que a primeira se expande de modo espontâneo, enquanto a segunda resulta de uma ação planejada, em que os bens simbólicos são codificados visando uma inserção mais eficiente no mercado. Para Bosi (1992), o poder disseminado pelos meios de comunicação tem também influenciado na cultura do caipira e do trabalhador da periferia, interferindo no processo criativo e recombinao os valores culturais, a fim de propagá-los em consonância com os interesses do capital.

Embora a força da indústria cultural pareça cada vez mais hegemônica na modernidade, Bosi (1992) faz a ressalva de que nada foi capaz de romper com as raízes de onde vem os valores das tradições populares, que remetem ao dia a dia da vida arcaico popular, que se reproduz aos poucos por meio da socialização entre as famílias, comunidades e grupos religiosos. Ele destaca que os sujeitos assimilam o que interessa a seu sistema de significados, incorporando ou reincorporando a símbolos a seu imaginário.

Como já vimos anteriormente, as marchinhas do Carnaval de São Luiz do Paraitinga incorporam os símbolos do imaginário a que se refere Bosi (1992). Mas isso não implica numa atitude de recusa a quaisquer símbolos da modernidade, das novas tecnologias da informação ou mesmo de expressões estrangeiras, conforme mostra a composição abaixo:

Namoro virtual

Nessas de globalização
Até no seu Orkut eu vou entrar
Nesse negócio de namoro virtual
O papo online é o lance
Desse carnaval

Vem, meu amor
Me download
Baixa tudo `
É nesse e-mail
Que vou me conectar

Sei que sua banda é muito larga
E minha memória é muito curta

Deixa eu invadir esse site
 Para que eu possa me dar bem
 E navegar... (Silva; Vieira, 2012, p. 214. Compositor: Hespanhol).

A canção do compositor carioca Hespanhol¹⁰ incorpora uma gama de neologismos e estrangeirismos que fazem parte do léxico da informática, dos fluxos globalizantes, criando um jogo de palavras que associa o ato da sedução na atmosfera carnavalesca às novas tecnologias da informação e ao ambiente virtual. Mas, no corpo do texto, o vínculo com o Carnaval se esgota em poucas menções ao evento, sem, contudo, situar a ação num cenário específico, o eu lírico não apresentando vínculo com o imaginário popular ou qualquer outro traço da identidade local. Já na canção de “Because de Você”, do luizense Galvão Frade, a menção ao Morro do Cruzeiro, bairro das terras altas de São Luiz, a canção ambienta os neologismos e estrangeirismos num cenário bem luizense, evocando percursos e vinculando-se à identidade local:

Olha, não é por nada
 Já faz tanto tempo assim?
 Fiquei sem rumo na encruzilhada
 E só você zombou de mim
 Não sabia o que fazer
 Por causa de você
 Entrei numas de deprê
 Because de você
 Só por causa de você

Mas quando veio o mês de fevereiro
 Eu caí na estrada
 Subia aquele Morro do Cruzeiro
 Só pra ver a batucada
 Hoje sou destaque do pandeiro
 E não quero mais nada, nada, nada... (Silva; Vieira, 2012, p. 214. Compositor: Galvão Frade).

Observa-se que a hibridação cultural ela não subtrai, mas soma outros símbolos (expressões internacionais) no Carnaval de marchinhas de São Luiz, de modo criativo e divertido, a tradição do Carnaval de marchinhas luizense continua valorizada pelo luizense, conforme podemos observar no título da reportagem da Figura 4:

¹⁰ Júlio César Hespanhol nasceu na cidade do Rio de Janeiro, professor aposentado de Geografia e Geopolítica, do qual também atuou como coordenador. É cofundador do Bloco Casarão e participante de vários Festivais de Marchinhas de São Luiz do Paratinga (Hespanhol, [s.d.]).

Figura 4 – Reportagem expressa o carnaval de tradição



Fonte: Molina, 2004.

Referindo-se a indústria cultural e a relação com a cultura popular, Bosi (1992) critica o modo como a indústria cultural se apropria de motivos da cultura popular, veiculando-os ora sob a categoria de reportagem popularesca ora de turismo. Para ele, a indústria cultural opera uma varredura dentro e fora de seus domínios, uma busca permanente de bens simbólicos que podem se recombinar de acordo com um determinado propósito mercadológico.

O vampirismo é assim duplo e crescente: destrói-se por dentro o tempo próprio da cultura popular e exibe-se, para consumo do telespectador, o que restou desse tempo, nos artesanatos, nas festas, nos ritos. Poderíamos, aqui, configurar com mais clareza uma relação de aparelhos econômicos industriais e comerciais que exploram, e a cultura popular, que é explorada. Não se pode, de resto, fugir à luta fundamental: é o capital à procura de matéria-prima [...]. (Bosi, 1992, p. 329).

O modo como a cidade de São Luiz do Paraitinga é abordado em alguns momentos pelas mídias televisiva e virtual corrobora o pensamento de Bosi (1992). Em geral, as reportagens destacam aspectos bucólicos ou exóticos da cultura tradicional da cidade, como a que foi exibida no Youtube, apresentada na imagem a seguir, em que uma tomada aberta exhibe o casario e a praça, ao que se segue a inevitável entrevista com populares, em que o próprio repórter se apresenta com o figurino do caipira, chamando atenção do telespectador.

Figura 5 – Entrevista com populares



Fonte: Caipira Mazzaropinho (2023).

Para pensadores como Bosi (1992), as relações entre cultura de massa e cultura popular apresentam tensões cujo desfecho é quase sempre a incorporação dos valores das culturas hegemônicas pelos povos colonizados ou na caricaturização da cultura popular. Mas a visão negativa das culturas popular e erudita mescladas aos movimentos de uma indústria cultural a serviço do capital foi reconsiderada por algumas escolas contemporâneas de antropologia. Alguns estudiosos vêm propondo um novo olhar para a recombinação das formas de cultura, não as vendo necessariamente como uma arte reduzida a objeto de consumo, como defendia a Escola de Frankfurt, nem como uma mutilação dos valores simbólicos das culturas que vivem no limiar da escrita, cujas dinâmicas foram estudadas por pensadores de herança marxista, como Bosi (1992).

Montero (2003) defende a ideia de que a globalização apresenta um fenômeno de intensificação cultural impulsionado, por meio de valores culturais, a integração da sociedade

indígena à economia mundial. O modo como a população Mendi, na Medina Nova Guiné, reagiu aos ditames da modernidade ilustra bem essa ideia:

[...] verificou-se que o desejo dos Mendi pelos objetos europeus, ao invés de comprometer a sua cultura, promoveu uma intensificação inédita dos cerimoniais ciânicos e de intercâmbio entre parentes, uma vez que abasteceu de dinheiro, conchas de madrepérolas, porcos e seus sistemas de trocas. Deste modo, as mercadorias e os sistemas envolvidos em sua aquisição foram adaptados ao sistema de sociabilidade e as concepções locais de existência humana [...]. (Montero, 2003, p. 3-4).

Para Canclini (1982), as formas de interpretar as dinâmicas as formas de transmissão de valores culturais teriam de reinventar-se, fugindo à ideia de que a cultura popular, erudita e de massa têm de ser examinadas à parte, mantendo-se imunes à influência umas das outras.

[...] Para analisar as idas e vindas da modernidade, os cruzamentos das heranças indígenas e coloniais com a arte contemporânea e as culturas eletrônicas, talvez fosse melhor não fazer um livro. Nem mesmo um filme, nem uma telenovela, nada que se entregue em capítulos e vá de um começo a um fim. Talvez se possa usar este texto como uma cidade, na qual se entra pelo caminho do culto, do popular e do massivo. Dentro, tudo se mistura, cada capítulo remete aos outros, e então já não importa por qual acesso se entrou[...]. (Canclini, 1982, p. 20).

É a partir dessa articulação de culturas distintas que Canclini (1982) apresenta o conceito de culturas híbridas, ou seja, um processo de junção de diferentes matizes culturais.

Como entender o encontro do artesanato indígena com catálogos de arte de vanguarda sobre a mesa da televisão? O que buscam os pintores quando citam no mesmo quadro imagens pré-colombianas, coloniais e da indústria cultural; quando as reelaboram usando computadores e laser? Os meios de comunicação eletrônica, que pareciam destinados a substituir a arte culta e o folclore, agora os difunde maciçamente. O rock e a música "erudita" se renovam, mesmo nas metrópoles, com melodias populares asiáticas e afro-americanas [...]. (Canclini, 1982, p. 18).

As dinâmicas de hibridação cultural a que se refere Canclini (1982) podem ser observadas em São Luiz do Paraitinga nas canções interpretadas pelo grupo Paranga¹¹. Desde

¹¹ Grupo luizense que surgiu nos anos de 1970, uniram-se quatro filhos do compositor Elpídio dos Santos (Pio, Parê, Nena e Negão) para formar a banda buscando valorizar a memória musical de São Luiz e divulgar as composições de Elpídio dos Santos. Atualmente, o Grupo Paranga é composto pelos principais integrantes: Negão dos Santos, Renata Marques, Lia Marques, Leo Couto e João Gaspar (Canto e Sabor do Brasil, 2024, on-line).

o final dos anos 1970, o grupo faz uma fusão de elementos da cultura popular de São Luiz do Paraitinga, música marcial e canção brasileira.

O repertório do grupo tinha como referência a magistral obra de Elpídio dos Santos [...]. Compunha o grupo violas e violões, percussão e metais, coro com mulheres vestidas de roupa de chita, numa junção de música caipira, toques de fanfarra e elementos modernos adotados no mundo da música alternativa daquela ocasião. (Diniz, 2019, on-line).

O espírito do grupo Paranga, vai bem ao encontro do pensamento de Canclini (1982), na medida que submete os recortes da marchinha carioca e da música pop internacional ao filtro da cultura tradicional de São Luiz do Paraitinga, que mantém a autonomia e a consciência de sua identidade, revestindo-se de modernidade para falar de imaginário, símbolos e modos de viver essencialmente tradicionais.

Esse traço não se limita ao Paranga, mas a uma diversidade de outros artistas luizenses, como o grupo Estrambelhados, formado nas primeiras décadas do século XXI. Para Vicentini (2016), os Estrambelhados ganharam significativamente a aceitação do público ao renovar a instrumentação e a sonoridade do gênero. Essa diversidade ampliou a abrangência do público do grupo sem, no entanto, acarretar prejuízo para os traços que vinculam os Estrambelhados à identidade, à história e às raízes culturais locais, caracterizando mais uma vez o que Canclini (1997) chama de hibridação cultural, as composições cruzando fronteiras, propondo diálogos entre os ritmos luizenses e gêneros musicais estrangeiros, como o rock, o pop, o reggae.

Filhos autênticos de São Luiz do Paraitinga, os Estrambelhados completam 20 anos de carreira em 2024. Conhecido por suas marchinhas e roupagens contemporâneas, o grupo se tornou uma das grandes referências no carnaval da cidade, que é considerado um dos dez melhores do Brasil. Para comemorar a data, a banda tem shows marcados em Caçapava, Moreira César, Pindamonhangaba, São Luiz, Socorro e Taubaté. (Salles, 2024, on-line).

A manifestação de características das culturas híbridas também se evidencia no bloco do Barbosa, cuja canção presta homenagem a Benedito dos Santos, o motorista de ônibus conhecido como Barbosa. Ao longo de muitos anos, Barbosa percorreu a rodovia Dr. Oswaldo Cruz, importante via de ligação com cidades do Vale do Paraíba Paulista. O ritmo da marchinha é moldado também pelo tango, em que na coreografia do cortejo do bloco assemelha-se com a manifestação cultural expressiva e dramática do tango argentino. Ao ler a letra da canção observa-se que esta também incorpora símbolos de outros horizontes culturais e bastante

frequente no gênero musical de *Rock and Roll*, utilizando-se a expressão: “*one, two, three, four*”:

Ô, ô Barbosa
Essa curva é perigosa
Siga em frente nessa linha
Que eu vou contar pra tia Rosa

Ô, ô Barbosa
Ai que dor no coração
Ô, ô Barbosa
Mete o pé nesse bondão
One, two, three, four. (Marchinhas de Carnaval, [s.d.], on-line).

Figura 6 – Coreografia dramática no Bloco do Barbosa



Fonte: Bloco do Barbosa (2020, on-line).

Refletindo sobre o contexto das culturas híbridas influenciada pelo processo de migração, Canclini (1997, p.18) compara a adaptação simbólica entre o migrante do campo e o operário da cidade. Destaca que assim como o operário que reformula a sua cultura de trabalho de acordo com as tecnologias, o migrante do campo também ajusta seus saberes tradicionais como estratégia de sobrevivência no meio urbano. Segundo o autor, o artesanato produzido por

alguns migrantes é adaptado aos interesses dos consumidores urbanos, operando uma ressignificação de suas práticas culturais, sem, contudo, desconectar-se da tradição ancestral.

Para Canclini (1997), o êxodo rural impõe ao homem do campo adaptações no espaço urbano, o que não significa que haja substituição automática de uma determinada cultura minoritária, rústica ou tradicional por outra hegemônica. De modo semelhante, em São Luiz do Paraitinga, a tradição dialoga com a indústria cultural, com o turismo de massa e a expansão do público das marchinhas. Nesse processo, a cultura tradicional local não se esfacela diante da modernidade, como se fora um resíduo de tempos remotos, mas ressignifica-se, dialogando reiteradamente com novos contextos, preservando seu imaginário, crença e valores, que são reorganizados a fim de que se mantenham relevantes e significativos na contemporaneidade.

2.1.3 Economia neoliberal

Esse tópico apresenta alguns recortes da cultura e da economia de São Luiz do Paraitinga em que a identidade de seu Carnaval entrou em tensão com políticas públicas vinculadas ao turismo de massa. Para isso, será abordado em perspectiva alguns marcos históricos da economia neoliberal e do Carnaval luizense.

A expressão neoliberalismo passa a fazer parte do vocabulário político e econômico do Brasil a partir dos anos 1990, quando o governo Collor segue uma agenda de privatizações. Na economia mundial, essa tendência já era conhecida desde o fim dos anos 1970, quando, segundo Harvey (2008), a divisão internacional do trabalho, sobretudo nos países subdesenvolvidos, passou a ser comandada por grandes empresas que vieram a ter influência nas políticas interna e internacional.

A redução do papel do Estado, a abertura econômica e a privatização dos serviços públicos também impactam a economia, as políticas públicas e a cultura dos pequenos municípios. Para Santos e Silveira (2008), o mercado global passa a ditar as regras do jogo, impondo sua lógica competitiva sem considerar outros fatores que não o lucro. Nessa dinâmica, os interesses da sociedade local ou nacional ficam desamparados, à mercê que estão da máquina mercante, que não considera nada além do seu movimento contínuo de expansão.

[...] o mercado chamado global, cada empresa busca satisfazer-se nos lugares onde as respostas aos reclamos é mais adequada, tal demanda é errática e o território passa a ter, nas áreas atingidas por esse tipo de relações, uma dinâmica praticamente imprevisível no próprio lugar em que se exerce e que também é alienada [...]. (Santos; Silveira, 2008, p. 254).

Nesse processo, o território torna-se fragmentado de acordo com o interesse da economia neoliberal, as nações perdendo autonomia sobre si, subordinando-se cada vez mais aos conglomerados multinacionais. Para Santos e Silveira (2008), as ações econômicas se organizam em torno de interesses individuais, os modos de pensar hegemônicos se expandindo à revelia das particularidades de cada país.

Sobre esse movimento de expansão do capital, Harvey (2008) acrescenta que o neoliberalismo atua na destruição da criação artística, das relações sociais, dos modos de vida e do modo de pensar, o poder do mercado solapando tudo o que é estranho a seus interesses. A estrutura neoliberal impõe uma divisão do trabalho especializada, em que as atividades reprodutivas predominam sobre as criativas.

A gênese do Carnaval de São Luiz do Paraitinga vai de encontro com o pensamento de Harvey (2008). Conforme Silva e Vieira (2012) destaca, em 1982, um grupo tentava organizar desfiles de escolas de samba, com samba enredo, divisão de alas, fantasias e adereços de acordo com o modelo de Carnaval do Rio de Janeiro, difundido por todo o Brasil pela televisão, conforme mostra a Figura 7:

Figura 7 – A influência do samba carioca



Fonte: Silva e Vieira (p. 84).

O samba enredo da Mocidade Rua Nova tenta inserir elementos da cultura tradicional luitense no formato do Carnaval Carioca, mas o que vemos no corpo do texto é uma cisão cultural:

Farinha, folclore e mercadão

Toda alvi rubra vem chegando,
Trazendo em cada rosto uma bandeira.
Sorria, nosso tema é alegria,
Alegria que não morre na terça-feira.

Mocidade Unida Rua Nova,
Quem teu samba prova, prova o mel.
É como viver no Paraíso,
Ou talvez sonhar que foi pro céu!
Laiá
Laiá

É Rua Nova que não nega a tradição,
É a farinha, é o folclore, o mercadão.
É a Rua Nova que não nega a tradição,
É a farinha, é o folclore, o mercadão! (Silva; Vieira, 2012, p. 77. Compositor:
Nelsinho Rodrigues).


Nota-se que a letra da canção está dividida em dois blocos distintos. O que encerra o samba enredo aponta para uma tendência que viria a predominar nos Carnavais de blocos: a ressignificação do imaginário do luizense, seu cotidiano e modos de produção tradicionais. Por outro, as estrofes de abertura revelam um esforço de adaptação ao modelo hegemônico, com bandeiras e cordões, ou seja, sobressai aquilo que Harvey (2008) chama de predominância das atividades reprodutivas sobre as criativas.

Bosi (1992) destaca a persistência das receitas de sucesso junto ao grande público articulada à venda de seus produtos. Para o autor de *Dialética da Colonização*, o neoliberalismo acelera a mercantilização da cultura, convertendo expressões populares em produtos.

Na mesma década, conforme apresenta a Figura 8, as apresentações do grupo Paranga nos palcos do festival da Música Popular Brasileira dos anos 80 da TV Globo, do Teatro Lira Paulistana e do Sesc despertam a curiosidade do universitário paulistano para a então desconhecida cidade caipira, com seu casario imperial e uma cultura tradicional destoante de toda região.

Figura 8 – Reportagem sobre o Grupo Paranga

FOLHA DE S. PAULO Quarta-feira, 14 de abril de 1982



Catira, folia de reis, congada, xote e dança do sabão, os gêneros do Paranga.

O som do Vale do Paraíba na versão do Parangu

O grupo Paranga, que estará de hoje à domingo no Lira Paulistana (rua Teodoro Sampaio, 1091, Pinheiros), além de cantar música regional com tratamento contemporâneo, baseada no folclore do Vale do Paraíba, mostrará também danças típicas e — curiosamente — estarão vendendo, como parte do show, roupas, artesanato, pastéis de farinha cozida e cachaça de sua cidade, São Luís do Paraitinga. Entre as músicas e as danças estão a catira, a folia de reis, a congada e o xote e dança do sabão, que é um tipo de quadrilha, só conhecida na região de São Luís.

Todas estas coisas foram aprendidas pelo grupo com muita vivência, além do contato com o folclorista e compositor Elpidio dos Santos, pai de alguns elementos do Paranga. O grupo é formado pelos irmãos Pio, Negrão, Peré e Nena. Os outros dois que completam o conjunto, Vão e Nhô, também são irmãos. Elpidio morreu há dez anos, deixando, segundo contou seu filho Pio, líder do grupo, mais de duas mil composições inéditas. Entre seus trabalhos estão trilhas sonoras feitas para os filmes de Mazaroppl.

O grupo Paranga existe há vários anos e já teve outras formações. "Paranga" é um apelido dado à Paraitinga por um tipo popular da cidade chamado Elzio. Equivaleria ao nome "Sampa", dado por Caetano Veloso à São Paulo.

Atualmente, seus componentes, todos estudantes, estão basicamente morando em São Paulo tentando firmar uma carreira profissional como conjunto musical. Seu som é bastante interessante, a julgar pelo compacto simples lançado pela Bandeirantes Discos, em 1980, trazendo "Vento Noroeste", de Elpidio dos Santos, que o grupo defendeu, sem conseguir classificação, no MPB-80, da TV Globo.

— Nossos acertos com a Bandeirantes Discos ficaram apenas neste compacto simples, embora o projeto fosse o lançamento de um LP — disse Pio. — O que aconteceu foi que eles queriam que a gente gravasse um tipo de música que não é o que imaginamos e não topamos.

O compositor e cantor Renato Teixeira foi quem os levou para a Bandeirantes Discos, depois de descobri-los em um festival de estudantes em Taubaté. Posteriormente, na mesma cidade, eles participaram do Festival Regional de Música, "Frem", e, em São Paulo, fizeram uma apresentação ano passado, também no Lira Paulistana. Na época do MPB-80, da Globo, os componentes do grupo Água, chilleno, ouviram o trabalho do Paranga no Rio e, durante seis meses, os dois conjuntos viajaram por várias cidades fazendo shows em conjunto. Pouco depois, o Paranga foi convidado para participar de um festival em Cuzco, no Peru, mas não puderam ir por absoluta falta de dinheiro.

No Brasil da década de 1970, há uma expansão do meio técnico-científico-informacional¹², segundo Santos e Silveira (2008). Por um lado, a ciência e a informação alimentam o mercado global, por outro a cultura incorpora mudanças comportamentais, novas ideias e relações de trabalho. Essas transformações abrem caminho para uma indústria cultural mais hegemônica, que funciona como arauto de uma diversidade de produtos novos, a música pop, o cinema e a teledramaturgia funcionando como um elo entre a cadeia produtiva e o público.

De acordo com Allucci e Schicchi (2019), na mesma década, a pavimentação da rodovia Oswaldo Cruz, permite a São Luiz do Paraitinga um intercâmbio cultural com a capital do estado e mesmo os municípios industrializados do Vale do Paraíba, a gradual inserção da televisão no cotidiano sobrepõe muitas referências imagéticas aos símbolos propagados pelos spots e canções do rádio. Acompanhando uma tendência nacional, já no princípio da década de 1980, a mídia atingia uma condição quase que hegemônica.

As extensas reportagens, na mesma década, encarregaram-se de difundir as canções e os blocos do Carnaval de São Luiz do Paraitinga. Com a regionalização de alguns líderes de audiência da TV aberta, entre o final da década de 1990 e o início do século XXI, conforme mostra a Figura 9, o calendário cultural da cidade é massivamente divulgado, com destaque, ao Carnaval e ao festival de marchinha.

¹² União entre ciência e técnica que, a partir dos anos de 70, havia transformado o território brasileiro com inovações e estupendos recursos da informática, favorecendo a intensificação dos fluxos da globalização e sob a égide do mercado. E o mercado, torna-se favorecido pela ciência, à técnica e à informação, torna-se um mercado global (Santos; Silveira, 2008, p. 52).

Figura 9 – Divulgação do Carnaval de São Luiz se destacando nacionalmente



Fonte: Exposição 40 Anos de Marchinhas em São Luiz do Paraitinga (2024).

Conforme destaca Silva e Vieira (2012) observa-se no Carnaval nas décadas de 1990 e no início do século XXI uma transformação significativa no perfil do público do evento. Nesse período, tornou-se cada vez mais difícil reconhecer os personagens típicos de São Luiz do

Paraitinga entre as dezenas de milhares de visitantes que a cidade recebia em fevereiro. Por um lado, o turismo alocou parte da população local nas atividades ligadas ao comércio temporário, enquanto outros moradores observavam de suas casas o movimento dos blocos de rua.

A Figura 10, mostra esse contexto do Carnaval no início do século XXI, destacando-se a participação de turistas jovens. Percebe-se pela imagem que o turista não utiliza fantasias que marcam as particularidades do Carnaval, como roupas de chitão, cartola, roupas coloridas. Mas, como apresenta a reportagem, a marchinha motiva o gracejo e a diversão.

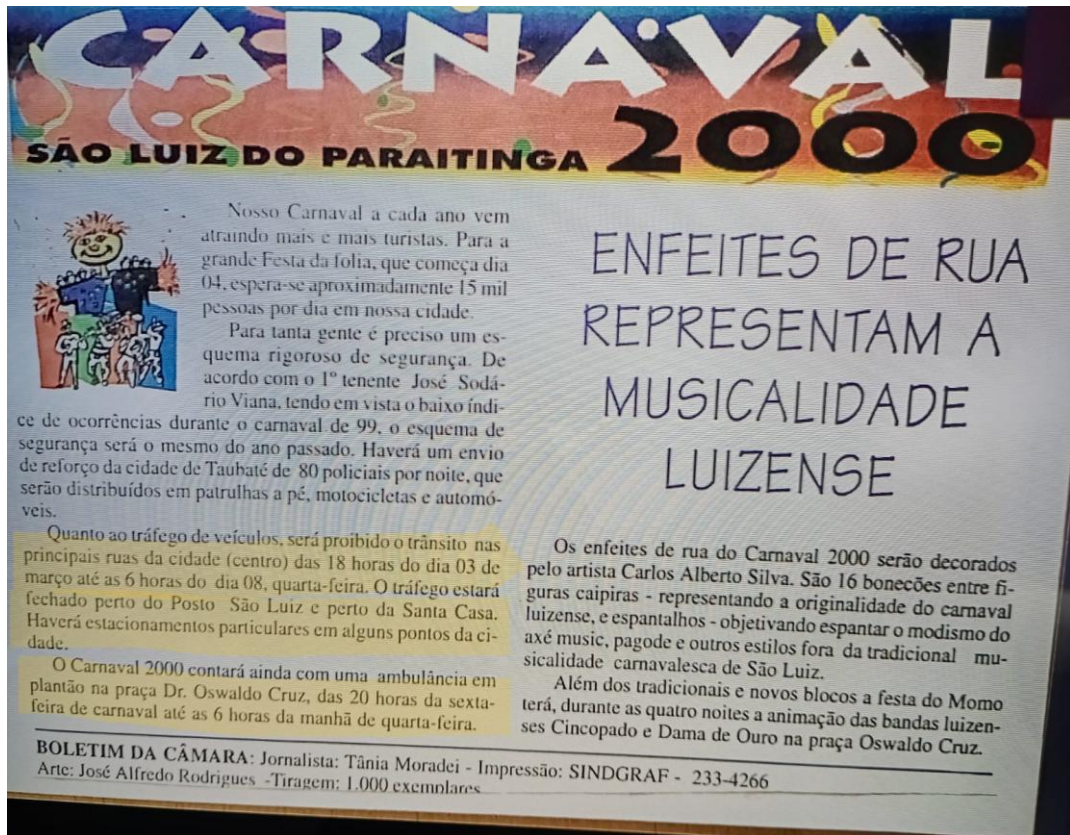
Figura 10 – Turista no estilo surfista, “surfando” na poça d’água no Carnaval



Fonte: Exposição 40 Anos de Marchinhas em São Luiz do Paraitinga (2024).

Durante o Carnaval, o cotidiano e o espaço urbano de São Luiz do Paraitinga se transformam radicalmente. Os jardins das praças são vedados com telas, banheiros químicos são instalados em pontos estratégicos, terrenos baldios são adaptados em estacionamentos ou lanchonetes de fast-food. As Igrejas ficam fechadas, o trânsito impedido, estabelecimentos comerciais diversos convertem-se em bares. A rotina no atendimento no único hospital, a Santa Casa, também sofre alterações, pois durante Carnaval se multiplica o número de atendimentos. As Figuras 11 e 12 apresentam na reportagem em destaque informações sobre esse momento:

Figura 11 – Novos espaços durante o Carnaval



Fonte: Exposição 40 Anos de Marchinhas em São Luiz do Paraitinga (2024).

Figura 12 – Banheiros químicos próximos da praça do centro histórico



Fonte: Arquivo da autora (fev. 2024).

A infraestrutura do Carnaval exigiu mudanças na organização, o poder público municipal recorrendo mais de uma vez à iniciativa privada para oferecer condições de receber os visitantes em fevereiro.

Pelo segundo ano consecutivo, São Luiz do Paraitinga pretende terceirizar a folia [...] A administração espera reduzir em 50% seus gastos com a festa, que atraiu neste ano 140 mil foliões à cidade. Em contrapartida, a vencedora do certame poderá explorar comercialmente trinta barracas com comidas e bebidas durante os cinco dias de evento. (Melhado, 2015, on-line).

Harvey (2008) entende que, sob o neoliberalismo, a intervenção do Estado no mercado não é simplesmente mínima, uma vez que a “retirada” de cena do poder público abre espaço para ações estratégicas que visam a ampliação do acúmulo de capital. Para o autor, sob o comando do Estado regulador, ocultam-se os interesses do capital, fortalecidos ainda mais pelas políticas de austeridade, privatizações e desregulamentações. Assim, não haveria a tão alardeada perda de soberania, mas um redirecionamento de poder favorecendo elites econômicas, aprofundando as desigualdades sociais e econômicas.

Conforme já relatado, a mercantilização e o consumismo desencadearam mudanças no espaço e na expressão do Carnaval. Embalada pelo caminhão de som, no modelo trio elétrico, a multidão de turistas foi aos poucos inibindo os foliões da cidade ao ponto de eles ficarem encurralados numa espécie de "gueto", de onde observavam silenciosos os dias de folia, como destacam os participantes Comerciante 1 e Artesã 2 em considerações apresentadas no tópico 3. Patrocinadores do evento, hotelaria, comércio, setor imobiliário, mídia regional e a arrecadação tributária do município abraçaram o Carnaval das multidões sem questionamentos sobre o quanto isso era incompatível com o ritmo da cultura tradicional. Um sintoma de descontentamento veio à tona em 2013:

[...] uma cervejaria quis patrocinar a festa e sugeriu alterações na programação tradicional - após polêmica, a empresa cancelou o camarote e as atrações. Para garantir a tradição das marchinhas, a prefeitura diz que a licitação prevê que a administração seja responsável pela parte artística da festa, sem interferência da empresa vencedora da concorrência [...]. (Melhado, 2015, on-line).

Dois anos antes, a imprensa dera ampla cobertura à polêmica envolvendo o cancelamento do Skol Folia em São Luiz do Paraitinga.

A folia em São Luiz do Paraitinga, no interior de São Paulo, já se tornou um 'carnaval' antes mesmo das marchinhas invadirem as ruas da cidade. Após a

repercussão negativa da programação patrocinada por uma cervejaria, que circulou nas redes sociais e que incluiu ritmos como funk, pagode e música eletrônica, a empresa decidiu cancelar a programação. Entre as atrações, estavam previstos shows do DJ francês Bob Sinclair, Bonde do Tigrão, Jorge Ben Jor e Turma do Pagode em uma 'área VIP' entre os dias 9 e 12 de fevereiro. (Fernandes, 2013, on-line).

Figura 13 – Propaganda da Skol Folia em São Luiz do Paraitinga



Fonte: Fernandes (2013, on-line).

Esse episódio mobilizou a população de São Luiz do Paraitinga, repercutindo no cancelamento do evento. Embora o luizense seja aberto a valores culturais vindos de fora, seja rock'n roll, axé music, sertanejo universitário, hip-hop, entre outros, parece haver um consenso na cidade de que a expressão cultural do Carnaval deve estar vinculada necessariamente à marchinha, tanto que a mobilização da cidade impediu a realização do Carnaval organizado por uma cervejaria, como foi destacado na notícia de Fernandes (2013, on-line). Mesmo sob pressão

de uma lógica de mercado neoliberal hegemônica, a cidade não aceitou a descaracterização de seu Carnaval.

2.1.4 Cidade e território: apropriações da comunidade

O núcleo urbano de São Luiz do Paraitinga apresenta características arquitetônicas e espaciais que remetem o visitante ao século XXI, mas os casarões, o traçado das ruas e a disposição da praça central nos diz muito não só a respeito da história da cidade, mas também sobre as práticas sociais e o cotidiano do luizense de hoje. O território é um lugar de uso e apropriação, as dinâmicas sociais moldando formas distintas de utilização e apropriação desse espaço. Este tópico lança um olhar para os reflexos das práticas cotidianas na organização espacial de São Luiz do Paraitinga e para as transformações no uso do território por sua comunidade.

Segundo Santos (2016), o modo como se organizou o espaço do território de São Luiz do Paraitinga no início do seu povoamento teve como ponto de partida uma decisão do governador da Província de São Paulo, D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, que visava manter o poder da coroa portuguesa com a ocupação das regiões de São Paulo e do Sul do Brasil, importantes rotas usadas durante a exploração do ouro de Minas Gerais.

De acordo com Santos (2016), a principal praça do povoado era denominada de Vargem Grande, área rodeada por morros e entrecortada pelo rio Paraitinga, condição geográfica natural que limitava a expansão do povoamento.

[...] No período compreendido entre 1773 e 1800, há a configuração da área central da cidade, com as ruas que até hoje circundam o centro. A ponte acesso à vila – hoje uma passarela – ficava no final da rua Barão do Paraitinga e no início da rua Coronel Domingues de Castro. Compreendia ainda o centro da vila: a Praça da Matriz, a rua do Rosário – e ainda a Rua da Ponte, que levava à capela das Mercês, uma área considerada como um dos extremos da vila [...]. (Santos, 2016, p. 60).

Ao longo dos anos a cidade central vai se transformando e os casarões construídos junto da praça da igreja Matriz. Conforme Santos (2016), a igreja Matriz representava a importância de ter um templo religioso onde iria povoar a elite local e os seus moradores. No que toca a caracterização dos 'espaços' como construtos ressignificados pelas práticas cotidianas dos assuntos históricos, o pensamento de Certeau (1994) e de Santos e Silveira (2008) convergem, indo ao encontro, inclusive, com o contexto histórico da fundação e do povoamento de São Luiz

do Paraitinga, em que o movimento e as ações sociais influenciaram diretamente a criação e a apropriação dos espaços.

Um exemplo da configuração espacial e social de São Luiz do Paraitinga, destaca Santos (2016), é a centralidade da Igreja Matriz e da Praça Oswaldo Cruz no que toca as práticas sociais, os ritos e o imaginário popular do luizense, sendo até hoje nas festividades o ponto convergente das procissões, dos grupos de Moçambique, Congadas, Reisados e, por extensão, dos blocos de Carnaval. Ao analisar a cidade medieval como um cenário das relações sociais e de territorialidade, Le Goff (1998) amplia a compreensão do território como um lugar de trocas simbólicas e sociais. Nesse sentido, sua análise vai de encontro com a de Santos e Silveira (2008), principalmente quando se observa o território como uma construção coletiva, o sentimento de pertencimento e a formação de uma identidade coletiva atribuindo um valor ao espaço para além da materialidade, o sentido nesse espaço do que ele denomina de territorialidade.

Le Goff (1998) apresenta uma perspectiva histórica do território, destacando a permanência de traços medievais na cidade contemporânea. Equipada em um espaço limitado, a cidade da Idade Média na França, era um local de intensas trocas econômicas e culturais, funcionando como “[...] um lugar de produção e de trocas em que se mesclam o artesanato e o comércio, alimentados por uma economia monetária [...]” (Le Goff, 1998, p. 25). Por sua vez, a configuração do espaço em São Luiz do Paraitinga não se modificou muito ao longo dos anos, como ilustram as Figuras 14 e 15. Nos fins de semana, o Mercado Municipal e a Praça Oswaldo Cruz se transformam em espaços dinâmicos de convivência e intercâmbio cultural. A intensa circulação de pessoas pelo centro da cidade impulsiona não só o comércio, mas possibilita também que artistas, artesãos e pequenos agricultores vendam sua produção, vinculando as trocas de materiais a uma valorização de práticas culturais e tradicionais.

O espaço urbano de São Luiz do Paraitinga, com suas ruas estreitas e casarões históricos, torna-se palco para a interação social, reforçando a relação de territorialidade. Os moradores diante das janelas de suas casas, sentados nos bancos da praça ou nas escadas da igreja, mantêm vivas as tradições da oralidade e da convivência comunitária, indo de encontro com a análise de Le Goff (1998), que identifica na cidade moderna a continuidade de certas práticas sociais e econômicas do passado.

Figura 14 – Fim de semana em São Luiz: feira, comércio e encontros



Fonte: Facebook I love you São Luiz do Paraitinga, SP (2014).

Figura 15 – Igreja Matriz e encontros na escadaria



Fonte: Facebook I love you São Luiz do Paraitinga, SP (2014).

Para Le Goff (1998), as festas religiosas das cidades medievais da França atribuíam significados ao espaço urbano que transcendiam as relações de trabalho:

Sim, as festas, essencialmente religiosas tem uma dupla função: de regozijo (e de glorificação de Deus e de seus santos) e de repouso. Aqui, ainda uma vez aparece a inovação. Novas festas são criadas, especialmente urbanas; a mais importante e que tem grande e rápido sucesso é a festa de Corpus Christi [...]. (Le Goff, 1998, p. 58).

Aspectos semelhantes são observados no espaço urbano de São Luiz do Paraitinga durante os eventos religiosos ou seculares. Santos (2016) enfatiza a relevância das festas religiosas, que reforçam e perpetuam as tradições da cidade, como a Semana Santa e a Festa do Divino, eventos que consolidam a identidade cultural do luizense tendo como componente indissociável a apropriação do território.

A religiosidade marca momentos importantes das tradições seculares que existem na cidade. Dentre as festas religiosas, são marcantes as cerimônias

paralitúrgicas da Semana Santa. Além dos ritos já previstos nas celebrações católicas para a semana [...] existem tradições mantidas a mais de um século, com destaque para procissão do enterro de Jesus na Sexta-feira Santa, à noite, pelas ruas da cidade, sempre acompanhada por uma multidão. É uma encenação, mais que uma procissão [...]. (Santos, 2016, p. 74).

Prática cultural organizada pelo renomado artista luizense Dito Pinto por muitos anos, a “Malhação de Judas” é um rito de grande relevância para a identidade cultural do luizense e que será mais detalhado no tópico 4.1. Conforme os autores destacam, “dentre as atividades artísticas e culturais que Dito Pinto fez em São Luiz do Paraitinga, o 'Testamento' e a 'Malhação de Judas' no Sábado de Aleluia, sem dúvida, eram as mais concorridas” (Silva; Vieira, 2012, p. 402).

Figura 16 – Momento da Malhação do Judas em 1948



Fonte: Silva e Vieira (2012, p. 402).

Figura 17 – Dito Pinto em 1948 lendo o Testamento para as crianças



Fonte: Silva e Vieira (2012, p. 402).

Observa-se nas Figuras 16 e 17 a expressão de contentamento nas festividades em São Luiz do Paraitinga, nas quais a comunidade vivenciava um forte envolvimento e identificação cultural. Atualmente, a tradição da "Malhação de Judas" continua presente na cidade, incorporando elementos do Carnaval, o que demonstra a capacidade da cultura local de se adaptar e ressignificar suas manifestações. A Figura 18, a seguir, ilustra em destaque essa fusão entre as tradições religiosas e carnavalescas, reafirmando o papel das festas como um espaço de renovação.

Figura 18 – Malhação do Judas acompanhada pelo Bloco Pé na Cova



Fonte: Silva e Vieira (2012, p. 405).

A combinação entre o religioso e o profano manifesta-se de forma singular nas celebrações em São Luiz do Paraitinga. O bloco 'Pé na Cova', com bonecos gigantes de vampiros e lobisomem, anima o cortejo para a tradicional malhação do Judas, vinculando símbolos da morte e da ressurreição em um rito popular. Em um ato simbólico de renovação, as crianças destroem o boneco repleto de balas e guloseimas ao fim do cortejo.

Essa manifestação cultural revela a capacidade da tradição de se manter viva e, ao mesmo tempo, de se transformar, incorporando elementos que caracterizam o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, como os bonecos gigantes que acompanham o cortejo ao som das marchinhas tradicionais. Mesmo diante da influência dos fluxos da globalização e do avanço dos meios de comunicação, sobretudo com a internet, essa hibridação cultural não enfraquece as festas religiosas, ao contrário, enriquece-as. Esse processo corrobora as reflexões de Santos

e Silveira (2012) e Le Goff (1998), ao destacar o sentimento de pertencimento, de territorialidade, fortalecendo a identidade cultural. A tradição, assim, adapta-se às novas dinâmicas socioculturais sem perder sua tradição, reafirmando o vínculo simbólico da comunidade com o espaço.

Segundo Santos (2016), outra festa de tradição secular, que também é bastante marcante na cidade de São Luiz do Paraitinga, é a Festa do Divino Espírito Santo. A Festa do Divino é uma festa da igreja católica, ocorre cinquenta dias após a Páscoa, envolve tradições com seus símbolos, rituais, celebrações, em que destacam nessas manifestações a identidade ligadas às práticas da cultura popular.

De acordo com Santos (2016), além da novena na igreja, a Casa do Império que as pessoas participam em procissão junto com sua bandeira, outro símbolo dessa festa que representa uma tradição secular, é a distribuição do “Afogado”. Horas antes da distribuição o pároco realiza orações e bênçãos do alimento, e das várias pessoas voluntárias que estiveram envolvidas no preparo. A comunidade de São Luiz mostra-se empenhada para servir a todos que formam enormes filas para alimentar o corpo e a alma, com as bênçãos do Divino.

A novena do Divino, a procissão até a Casa do Império, quando os participantes carregam a bandeira do Divino, e a distribuição do 'Afogado', prato típico são ritos indissociáveis da identidade local.

Figura 19 – Bandeira do Divino recoberta por fotos, objetos e fitas com pedidos de graças



Fonte: Bonafé (2022a).

Figura 20 – Benção do Afogado do Divino



Fonte: Bonafé (2022b).

Santos (2015) ressalta a importância dessa festa para a comunidade de São Luiz do Paraitinga, despertando sentimentos de realização, solidariedade e de religiosidade:

Ainda se crê, em São Luiz do Paraitinga, principalmente na região da zona rural, a importância da doação da prenda do Divino para colher bons frutos em sua plantação, como manda a tradição direta entre o homem e o sagrado expressada nessa festa desde suas origens anteriores ao catolicismo. Característica que se transferiu de forma clara para aqueles que também perderam as suas coisas na zona rural. (Santos, 2015, p. 225).

As celebrações desempenham um papel fundamental na reafirmação da territorialidade e no fortalecimento dos laços comunitários. A abordagem de Santos (2015) converge com as reflexões de Le Goff (1998) no que toca a importância dos rituais e celebrações no espaço urbano de São Luiz do Paraitinga, reforçando a coesão social e o sentimento de identidade coletiva. Sejam religiosas ou seculares, as festas populares circunscrevem-se em espaços de encontro e troca, a tradição reiterando sua relevância ao incorporar novos elementos culturais, num processo de permanente hibridação e ressignificação.

2.2 PANORAMA DAS PESQUISAS SOBRE O TEMA ESTUDADO

O panorama das pesquisas sobre o tema Carnaval de São Luiz do Paraitinga, foi realizada por meio de buscas por plataformas idôneas, sendo elas: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Portal de Periódicos CAPES, plataforma Scielo.

A baliza cronológica da busca é de trabalhos realizados nos últimos dez anos em relação ao Carnaval e a relação com a cultura popular. E os descritores pesquisados foram: “Cultura popular and São Luiz do Paraitinga”, “Cultura and Massa”, “Cultura and Popular”, “Carnaval and São Luiz”.

2.2.1 Descritor “Cultura Popular and São Luiz do Paraitinga”

No descritor sobre a “Cultura Popular and São Luiz do Paraitinga”, foram encontrados dois resultados de busca de acordo com as plataformas Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos CAPES e também na Scielo.

Na Plataforma da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Portal Periódicos CAPES, foi encontrada uma única tese de doutorado vinculada à Universidade de São Paulo, desenvolvida pelo pesquisador João Rafael Coelho Cursino dos Santos (2015), que apresenta o título: “A cultura como protagonista do processo de reconstrução da cidade de São Luiz do Paraitinga”. A pesquisa aborda o processo de reconstrução da cidade após a grande enchente no ano de 2010, em que a cidade por apresentar uma riquíssima cultura popular, torna-se um dos fatores motivadores na reconstrução do patrimônio material do município, estando nesse contexto o destaque das festividades, como a festa do Divino. Festa que abrange uma diversidade de símbolos e práticas culturais.

Também foi localizada na Plataforma da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, uma dissertação de mestrado, vinculada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, desenvolvida pela pesquisadora Lara Cristina Merlini (2014), sua pesquisa apresenta o título: “São Luiz do Paraitinga: história, cultura e educação”. A pesquisa analisa a preservação da identidade cultural na cidade, destacando para a comunidade escolar a importância de dados históricos, culturais e folclóricos presentes no município. Apresenta o importante papel da escola no contexto para favorecer a preservação da cultura local.

Na Scielo, foi encontrado um artigo de autoria de Renata Redenlucci Allucci e Maria Cristina da Silva Schichi (2019): “São Luiz do Paraitinga: o imaginário fundacional e suas projeções”. O artigo analisa características físicas, históricas, culturais presentes no imaginário sobre a cidade. Também reflete sobre a tradição e a memória que se tornaram importantes para

a reconstrução do patrimônio material de São Luiz afetada pela enchente do ano de 2010. A autora também faz referência à cultura popular relacionando ao folclore, cultura caipira, patrimônio materiais e imateriais, envolvendo a preservação da identidade no contexto escolar.

2.2.2 Descritor “Cultura Massa and São Luiz do Paraitinga”

No descritor referente a “Cultura de Massa and São Luiz do Paraitinga” foi encontrado um resultado de busca na plataforma Scielo. O artigo é de autoria de Antônio Carlos M. Guimarães e Paulo Rocha Barja (2016), cujo título é “A reterritorialização da Marchinha: o carnaval caipira de São Luiz do Paraitinga”. O artigo aborda as características tradicionais da marchinha luizense que se apropria do que é divulgado pela indústria cultural e se enraízam no novo território, englobando na sua letra, melodias, arranjos, aspectos simbólicos do imaginário local.

2.2.3 Descritor “Carnaval and São Luiz”

No descritor referente ao “Carnaval and São Luiz” foram encontradas três pesquisas na Biblioteca de Teses e Dissertações, as mesmas se repetiram na busca no Portal Periódicos CAPES.

A pesquisa de Ana Luisa Moreira da Silva Leite (2014), é uma dissertação de mestrado, vinculada à Universidade Estadual Paulista, em que o título da pesquisa é: “A esfinge de São Luiz do Paraitinga: a (in) sustentabilidade do carnaval”. A autora aborda a importância do turismo como fonte de renda ao município, do qual destaca o carnaval nesse contexto. A autora identifica os fatores de riscos do turismo para a insustentabilidade e aponta fatores capazes de fortalecer a sustentabilidade desse evento importante culturalmente e economicamente para o município.

Outra dissertação de mestrado localizada foi a pesquisa de Renata Redenlucci Allucci (2015), vinculada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, essa pesquisa tem como título: “Carnaval de São Luiz do Paraitinga: o conflito entre o isolamento e abertura da cidade”. A autora busca contribuir, propondo discussões sobre diversos aspectos culturais, econômicos e do turismo, que tem influenciado no tradicional carnaval de São Luiz do Paraitinga. A pesquisa busca contribuir uma melhor compreensão do seu rumo e a afirmação das práticas culturais luizense.

Outra pesquisa localizada, foi a dissertação de mestrado de Sthela de Guimarães de Moraes (2011), vinculada à Universidade de São Paulo. A dissertação tem o título: “Do rabo e

chifre às marchinhas: como uma reportagem da Rede Globo, interferiu na criação do carnaval de São Luiz do Paraitinga”. A autora, busca compreender como a mídia interferiu na reconstrução do carnaval de São Luiz do Paraitinga, em 1981, relaciona ao longo dos anos a influência da indústria cultural e a resignificação do carnaval.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa ocorre no município de São Luiz do Paraitinga no interior do estado de São Paulo, em que tem como foco de análise a festa do Carnaval desde a sua origem, nas décadas de 1980 até o ano de 2024. Para realizar o estudo, foram selecionados oito participantes, considerando como critério de seleção: ser luizense e morador do município de São Luiz do Paraitinga, inclusão de jovens, adultos e idosos; apresentar as ocupações profissionais desenvolvidas no município e localização de sua residência, podendo se repetir essas características a cada participante. Foi excluída da participação dessa pesquisa, pessoas que não residem em São Luiz do Paraitinga e pessoas com idade inferior a 16 anos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa transversal, em que foi construído um roteiro de entrevistas semiestruturada, flexível, buscando levantar informações a partir da narrativa de luizense sobre a temática do Carnaval, objetivando-se responder ao problema da pesquisa. A partir dos relatos dos participantes e de observação em campo, foram pesquisadas fundamentações teóricas que abordam o tema relacionando uma análise baseando-se na história oral, buscando construir reflexões sobre como o luizense entende o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, na questão cultural, festiva e econômica para o luizense e para o município.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória. Segundo Minayo (2002), é importante a definição dos participantes para a elaboração de instrumentos que possibilite um trabalho de campo que envolva o investigador, tornando-se um construtor de relações, de observações e de uma narrativa em perspectiva. Por meio da pesquisa exploratória, buscou-se obter informações e aprimorar o conhecimento com elaboração de instrumentos de pesquisa de acordo com determinada realidade.

3.3 PARTICIPANTES

O grupo de participantes desta pesquisa foi composto a partir dos seguintes critérios de inserção: 1) identitário: ser luizense e morador da cidade, 2) geracional: considerando as faixas etárias de jovens, adultos e idosos: jovens de 15 a 17 anos; adultos de 20 a 59 anos, e idosos de 60 ou mais anos, de acordo com definições de faixa etária do IBGE; 3) localização das residências dos moradores: moradores da zona urbana do centro e aqueles que residem distante

do centro (sendo considerado morador urbano central aquele que reside onde ocorre o cortejo dos blocos, e urbano não central, aquele que não reside onde o percurso dos blocos ocorre, do qual será detalhado no tópico 4; 4) profissão e atividades desenvolvidas na cidade, não excluindo ninguém, apenas apresentando a principal atividade que cada um exerce. Esses critérios foram definidos buscando-se abranger diversos olhares sobre o Carnaval a partir de diferentes pontos de vista.

A partir dos critérios de inserção descritos, a quantidade de participante a qual a pesquisa foi desenvolvida foi alterada (detalhado os perfis no tópico 4). Antes de realizar a coletas de dados, objetivava-se a participação de quatorze pessoas, porém devido as etapas para a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética, foram realizadas oito entrevistas com os participantes selecionados, buscando otimizar um maior tempo para as análises dos dados, finalizando a coleta. A partir desses critérios buscou-se compreender a narrativa comparativa, considerando os participantes de diferentes faixas etárias, função social e de vivência no espaço possibilitando uma maior análise.

3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O instrumento utilizado para esta pesquisa foi a entrevista semiestruturada por critério de conveniência, pois a pesquisadora residiu durante toda a sua infância e juventude na cidade de São Luiz do Paraitinga e é frequentadora do município, do qual tem uma boa relação com a população local. Esse critério favoreceu uma melhor observação da opinião, da narrativa do participante em relação aos objetivos da pesquisa.

A técnica de pesquisa adotada foi a história oral, de acordo com Ribeiro (2021), no trabalho de história oral é importante o pesquisador construir um olhar focado nas experiências, subjetividades, memórias, identidades dos participantes e a partir dessas observações refletir para a construção de narrativas. Também foi adotada a técnica de observação de campo, conforme destaca Minayo (2002, p. 53-56), essa técnica possibilita buscar a informação através de um recorte empírico, diretamente no espaço e com a população pesquisada, exigindo um olhar atento do pesquisador, favorecendo uma integração com os dados obtidos pela pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas etc. A construção das perguntas do questionário semiestruturado foi elaborada considerando o problema do projeto e os objetivos que se pretende obter respondendo ao problema. Os referenciais teóricos que fundamentaram a pesquisa foram Michel de Certeau, Milton Santos, Jacques Le Goff e Néstor Canclini, que consideram o lugar social, os indivíduos nos estudos dos lugares.

O roteiro prévio do questionário se encontrará no Apêndice 1. A entrevista semiestruturada foi orientada buscando favorecer a flexibilidade na entrevista, conforme define Ribeiro:

[...] as entrevistas de história oral são entrevistas em profundidade, feitas a partir de uma fundamentação teórico-metodológica. E que fazem parte das estratégias utilizadas para a produção – e não “coleta” – de dados, por muitas pesquisas [...]. (Ribeiro, 2021, p. 2).

Desse modo, buscou-se através da entrevista semiestruturada possibilitar condições para que o entrevistado dialogasse junto ao entrevistador, em que o entrevistador mediou o diálogo de acordo com o objetivo da pesquisa. Segundo Ribeiro (2021), registrar as histórias de pessoas comuns e seu modo de visão do mundo favorece o contato entre a ciência e outras versões de explicação.

3.5 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Antes de iniciar a realização da coleta de dados, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), pois trata-se de uma pesquisa com participação de seres humanos. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP – UNITAU), tem a finalidade de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo assim para o desenvolvimento da investigação conforme padrões éticos.

Foi apresentada a cada participante da entrevista o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido responsável pelo menor (Anexo C) para ciência sobre os objetivos da pesquisa, sobre a utilização da entrevista para elaboração da dissertação e, também, de futuras publicações em periódicos científicos.

Após a aprovação no Comitê de ética foi realizado contato com a primeira participante, para convidá-la a participar da pesquisa, de modo individual, com data e horário definidos de acordo com a disponibilidade da pessoa e no ambiente que a pessoa se sentiu mais confortável, podendo ser na sua residência ou em outro local onde o participante se sentiu mais confortável. Na sequência foram realizadas oito entrevistas, conforme já mencionado no tópico 3.3 sobre a relação aos participantes.

Em todo momento da entrevista os participantes puderam fazer objeções, nenhum participante solicitou o encerramento da entrevista, ou retirou a autorização após a realização, contribuindo como construtores dessa pesquisa.

3.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Num primeiro momento, logo após as entrevistas gravadas foram realizadas a transcrição das falas dos participantes, analisando-as para a construção das narrativas. Ribeiro (2021), aponta que ao se analisar as narrativas de história oral, o pesquisador deve estar aberto a aprender com os dados, que o pesquisador ao interpretar as narrativas, as partes e o todo devem ser lidos em conjunto, de forma dialética e não fazer recortes. Desse modo, foram analisadas as narrativas da dissertação possibilitando que o leitor conheça a fala toda do entrevistado, favorecendo ao leitor a compreensão sobre os significados do Carnaval de São Luiz do Paraitinga de acordo com os luizenses.

A análise de dados foi realizada por meio da técnica de triangulação dos dados, que são recomendados para a produção de pesquisas qualitativas. A partir da triangulação os dados das narrativas foram analisados relacionando com o material e a produção de autores que pesquisaram sobre o tema do trabalho. Considerando tais procedimentos Marcondes e Brisola (2014) definem a importância dessa técnica, em que abordam que a investigação deve ser dialogada com os autores que relacionam questões pertinentes de análise das narrativas ou dados coletados.

De acordo com Marcondes e Brisola (2014):

[...] tem-se o emprego da Triangulação para a análise das informações coletadas. Nesse sentido a técnica prevê dois momentos distintos que se articulam dialeticamente, favorecendo uma percepção da totalidade acerca do objeto de estudo e a unidade entre os aspectos teóricos e empíricos, sendo essa articulação a responsável por imprimir o caráter de cientificidade ao estudo [...]. (Marcondes, 2014, p. 208).

Nesse contexto, foi realizada essa triangulação com as entrevistas qualitativas, observando a narrativa que cada sujeito apresenta em relação ao Carnaval de São Luiz do Paraitinga, relacionando às dinâmicas das transformações da sociedade e das tradições.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa apresenta os resultados das análises investigativas sobre a narrativa que alguns luizenses tem em relação a umas das maiores manifestações culturais do município: o Carnaval.

Para valorizar as narrativas dos participantes, seus relatos apresentam-se destacado com recuo de parágrafo de 4cm e fonte 11, independentemente do número de linhas estabelecido pela ABNT, para que assim o leitor identifique de modo mais claro a contribuição dos participantes na construção dessa pesquisa.

Ao apresentar as análises com os relatos dos participantes, eles foram identificados por pseudônimos buscando resguardar o seu anonimato. A autora da pesquisa considerou como pseudônimo a principal atividade exercida por eles (ocupação profissional). Ao descrever a localização de sua residência foi denominado como morador urbano central aquele que reside onde os blocos de rua fazem o seu percurso e morador urbano não central, aquele que reside onde o cortejo de blocos de rua não ocorre. De acordo com G1 Vale do Paraíba e Região (2024), todos blocos oficiais realizam seu percurso na região central da cidade: a saída ocorre na rua Coronel Domingues de Castro, realizando seu percurso na rua Barão de Paraitinga, pela avenida Celestino Campos Coelho e pela via de acesso João Roman, até a chegada na Praça de Eventos. A Figura 21 a seguir apresenta o cortejo dos blocos, representada pelas linhas verde e laranja, a linha vermelha mostra o perímetro do centro histórico.

alguns momentos mostram-se antagônicos sobre o sentimento em relação ao Carnaval de São Luiz do Paraitinga, conforme será apresentado nos tópicos seguintes.

4.1 O CARNAVAL COMO VALOR CULTURAL PARA O LUIZENSE

Nesse eixo busca-se analisar através dos relatos dos participantes o que o Carnaval representa para os luizenses, aqui representado por um grupo de indivíduos, de idades, profissões e locais de residência variados, apresentando nos seus relatos seus valores culturais em relação aos blocos de rua e ao processo de composição de canções. Ao analisar os relatos dos participantes, observa-se que de modo geral, eles reconhecem o valor cultural do Carnaval, identificando-se com os símbolos representados no Carnaval. Em muitas falas sobressaem os sentimentos de orgulho e de pertencimento em relação à cultura do Carnaval, o que fica evidente na recorrência do possessivo “nosso” tendo como referente a expressão “Carnaval”. Alguns destacam a importância da tradição musical marcial e de elementos de outras festividades, como a Festa do Divino, presente no Carnaval.

São Luiz do Paraitinga se destaca no cenário cultural não apenas pela preservação de suas edificações históricas, mas também pela sua rica herança musical e festiva. Segundo relatos de Silva e Vieira (2012), a música na cidade possui raízes profundas que remontam ao século XIX, quando músicos locais se agruparam para formar a pioneira banda de música marcial da região, denominada “Furiosa”. A partir desse marco histórico, as gerações subsequentes intensificaram sua conexão com a música marcial e a canção popular, muitos se dedicando de forma amadora ou profissional como compositores, instrumentistas e cantores. Mesmo os que não integravam uma formação musical podiam demonstrar seu envolvimento com a música em espaços diversos, tais como bares, restaurantes, cafeterias, mercado municipal, e até mesmo em locais informais como as escadarias das igrejas ou os bancos das praças.

Essa efervescência musical não apenas enriquece o patrimônio cultural da cidade, mas também serve como um testemunho vivo da vitalidade e da identidade da comunidade ao longo do tempo. Silva e Vieira (2012) destacam também a influência significativa de grupos como as Folias de Reis e outras tradições populares, assim como as fanfarras, que contribuíram para enriquecer a musicalidade do luizense, favorecendo o surgimento de talentosos instrumentistas. Neste cenário, a narrativa do participante, com pseudônimo de Comerciante 1, adulto, morador urbano não central, que atua como comerciante e compositor de múltiplas marchinhas de Carnaval desde a juventude, evidencia a relevância da musicalidade enraizada em São Luiz do

Paraitinga na sua formação como instrumentalista e na habilidade criativa para a elaboração de marchinhas:

Eu aprendi a tocar violão dentro da igreja, tive grupo musical dentro da igreja e do grupo da igreja passei a tocar Carnaval. (Comerciante 1).

Outro participante, funcionário público, adulto, morador urbano não central e compositor de marchinhas, com o pseudônimo de Funcionário Público 1, ressalta a importância da criatividade das marchinhas como um elemento cultural fundamental no contexto do Carnaval de São Luiz do Paraitinga:

É crucial, é da essência de São Luiz. Desde o início, ela se consolidou como um ritmo que as pessoas absorveram, com o qual se identificaram. Essa é a palavra: identificação, identidade. (Funcionário Público 1).

Ao afirmar que o Carnaval das marchinhas é o que identifica o luizense, o Funcionário Público 1 corrobora a análise de Silva (2014, p. 8), que destaca: “[...] as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.” Além dos clássicos da marchinha carnavalesca do Rio de Janeiro, a marchinha luizense incorpora elementos de gêneros enraizados na cultura local, como o samba rural e a música marcial. Essas expressões musicais estão presentes tanto no cotidiano quanto nas celebrações religiosas da cidade. Conforme discutido por Silva e Vieira (2012), essa identificação cultural foi moldada pela influência das primeiras bandas marciais que surgiram no município. Essas bandas incluíram as marchinhas em seus repertórios durante as festividades de São Luiz do Paraitinga, cultivando uma identidade cultural que se consolidou no Carnaval de marchinhas.

Nesse sentido, observa-se em São Luiz do Paraitinga, no luizense aquilo que Hall (2011) se refere, que a identidade cultural dos sujeitos não é fixa, permanente, mas se transformam influenciada pelo mundo moderno, globalizado, integrando uma identidade plural a um sujeito pós-moderno. Considerando esse contexto destacado por Hall (2011), observa-se a influência da cultura global e local presente no Carnaval de São Luiz. O ritmo das marchinhas tem suas raízes no Carnaval carioca, o global “carioca”, influenciando no local “luizense”, com a identificação da história do luizense. Esse contexto é observado por Silva e Vieira (2012), a primeira marcha criada especificamente para o Carnaval remonta a 1889, com a composição “Ó abre alas” de Chiquinha Gonzaga. Inicialmente uma marcha mais lenta, conhecida como marcha-rancho, essa forma musical foi influenciada pelos antigos cordões e ranchos religiosos

do século XIX. Essa influência parece igualmente se fazer presente em São Luiz do Paraitinga, onde as composições carnavalescas com marcha mais cadenciada têm grande aceitação popular. O Comerciante 1 menciona ter escutado comentários de diversas pessoas comparações entre as marchinhas de São Luiz e o canto litúrgico:

Há muitas pessoas que comparam o nosso canto (as marchinhas) parecem canto litúrgico. Mas a igreja é a nossa cultura. (Comerciante 1).

Ao realizar essa análise, torna-se evidente a relevância atribuída pelo Comerciante 1 aos valores culturais religiosos presentes no contexto do Carnaval.

Silva e Vieira (2012) observam que foi na década de 1920 que a marcha carnavalesca ganhou um caráter mais animado e dançante, influenciada tanto pelas marchas portuguesas quanto pela música das bandas de jazz norte-americanas. Desde então, passou a ser conhecida simplesmente como "marchinha" e a embalar os salões e ruas do Rio de Janeiro, disseminando-se por meio das transmissões radiofônicas e alcançando também São Luiz do Paraitinga.

[...] a Marchinha se inscreve no contexto cultural de São Luiz do Paraitinga. A ligação com o cotidiano, próprio a esse gênero carnavalesco, permite que se incorpore o que é típico daquele lugar: que a Marchinha, nascida carioca, apresenta-se como luizense. (Guimarães; Barja, 2016, p. 135).

De acordo com Hall (2011), a globalização do mundo moderno tem intensificado a circulação dos fluxos e as identidades nacionais mostram-se abertas, dinâmicas e diversas. Sobre esse fenômeno, Hall (2011) se refere a Kevin Robins que identificou dois efeitos contraditórios: o de “tradição”, em que as nações tentam resgatar a pureza da identidade do seu povo e outra da “tradução”, em que as nações reconhecem que as transformações históricas, econômicas exercem influências sobre as identidades. Considerando a identidade cultural do luizense, pode-se vincular o Carnaval de São Luiz do Paraitinga à ideia de “tradução”, pois ressignifica o imaginário popular e a cultura tradicional caipira quando traduz e incorpora o vasto universo da canção brasileira, americana e inglesa difundidas pelo rádio a partir dos anos 1930 e televisão desde a década de 1950. A marchinha luizense é expressão de uma cultura tradicional que se recombina diante de um mundo novo, a hibridação da cultura popular sujeita à influência num cenário de globalização .

Em São Luiz do Paraitinga, a tradição de criar suas próprias marchinhas iniciou-se em 1982, quando compositores locais começaram a compor músicas carnavalescas para entreter os

foliões da cidade. Segundo relatos do Comerciante 1, no início houve uma tentativa de introduzir o ritmo do samba no Carnaval de São Luiz, porém, não foi bem recebido pela maioria dos luizenses:

Em 1980, o Carnaval era estilo Rio de Janeiro, com escola de samba, pagava-se mensalidade. (Comerciante 1).

O Funcionário Público 1 também ressalta a tentativa de moldar o Carnaval de São Luiz do Paraitinga de acordo com os padrões que predominavam em seu auge histórico:

Tentou-se fazer blocos de samba, mas não durou dois anos. (Funcionário público 1).

O Funcionário Público 1 realiza algumas reflexões sobre a possibilidade de que a falta de uma aceitação positiva dos blocos de samba pelo luizense possa estar relacionada a questões históricas e antropológicas:

Assistindo uma palestra do professor Tadeu¹³, ele diz que nós, os caipiras, não somos muito influenciados pelo negro e que somos mais influenciados pelo índio. Se teve o negro, foi o negro mais cafuzo. Com isso a gente não se influenciou pela malemolência, e sim mais o pé no chão, arrastado. Eu fico achando que essa característica antropológica, cultural, de formação, influenciou um pouco nisso, na marchinha de São Luiz. (Funcionário público 1).

A fala do Funcionário Público 1 corrobora Lane (1995), cuja perspectiva ontológica apresenta a identidade do homem como resultado da sua interação com o mundo por meio do trabalho e da linguagem num determinado contexto histórico. A fala demonstra ainda que existe um diálogo entre comunidade e conhecimento acadêmico, e nesse “retroalimentar”, os acadêmicos estudam as sociedades e as sociedades ao ouvirem falar de si por esses intelectuais, se redescobrem. De um modo geral, os entrevistados se referem à marchinha como um veículo de expressão de valores e identidade cultural, e experiências da comunidade.

Para Guimarães e Barja (2016), as marchinhas compostas em Paraitinga mantêm as características tradicionais do gênero, como o bom humor e a irreverência próprios do Carnaval, mas também incorporam elementos próprios da região, tanto nas letras quanto nos arranjos e

¹³ O pesquisador e jornalista Judas Tadeu de Campos se destacou principalmente por abordar em sua pesquisa o município de São Luiz do Paraitinga, no Vale do Paraíba, com sua religiosidade e suas festas de rua, a figura do morador do interior paulista, o homem do campo que viu a vida se transformar nas últimas décadas (Passati, 2024).

melodias. Essa reterritorialização confere às marchinhas de São Luiz do Paraitinga uma originalidade marcante, destacando sua importância na cultura local. Nesse contexto, o Comerciante 1 destaca dois importantes blocos carnavalescos que, através das letras de suas marchinhas, evidenciam o modo de vida do caipira. Em uma delas, ressalta-se o trabalho daqueles que se dedicam à criação de gado, para os quais não há feriados. Em outra, celebra-se o trabalho coletivo no preparo da pamonha, refletindo a solidariedade e a cooperação típicas da comunidade rural.

Na música do bloco do Caipira, fala sobre o caipira, ele não para de trabalhar, ainda mais aquele que mexe com gado, pois não tem feriado. A ideia da música era mostrar que o caipira não larga do broto, do fruto. E o pessoal do bairro começou a participar do bloco que saía do bairro da Várzea dos Passarinhos, trazendo broto de abóbora, broto de chuchu, broto de bambu, de hortaliças [...] O bloco do Caetê, a marchinha foi responsável por isso. O Ditão Virgílio¹⁴ não sabia música, mas escrevia muitíssimo bem. Ele escreveu uma letra que se chamava “Pamonha e Você”, que falava sobre o mutirão do pessoal que fazia pamonha. Ele contava na história do feitiço da pamonha: os homens colhiam o milho, a mulherada ralava. (Comerciante 1).

Silva e Viera (2012) destacam a letra da música do Bloco do Caetê, inspirada pelos valores culturais do caipira:

Mulherada panha milho
 Nós vamos fazer pamonha
 Dê uma raladinha
 Mas o seu dedo não ponha
 Rala, rala, rala
 Você vai ralar sem medo
 Rala, rala, rala
 Rala até ponta do dedo
 Quero ver você embrulhada
 Na folha do caetê
 Eu quero ficar grudado
 Na cintura de mecê
 Rala, rala, rala... (Silva; Vieira, 2012, p. 152. Compositor: Dito Virgílio e Pedro Moradei)

A canção valoriza a linguagem e o cotidiano de uma comunidade intimamente ligado à terra, às suas plantações e colheitas. Segundo o relato do Comerciante 1, os blocos do Caipira

¹⁴ Ditão Virgílio foi um artista luizense: contador de história, cordelista, compositor, poeta, declamador e ator. Um importante personagem da história de São Luiz, conhecido por difundir a cultura do folclore brasileiro na região do Vale do Paraíba. Nasceu e viveu na área rural de São Luiz do Paraitinga, no bairro Bom Retiro, do qual se destacava principalmente como conhecedor na contação de história de sacis (Redação Band Vale, 2022).

e do Caetê se dedicam a celebrar e preservar os valores culturais associados ao modo de vida dos moradores da zona rural do município. Nesse contexto, Silva e Vieira (2012) destacam:

A característica festiva da cidade certamente propiciou um ambiente ideal para a boa aceitação do gênero pelos compositores luizenses, que acrescentaram muita criatividade, elementos da cultura regional, a linguagem típica de um reduto caipira e o cotidiano de sua gente. (Silva; Vieira, 2012, p. 169)

Nas declarações e expressões dos participantes Funcionário Público 1 e a Comerciante 1, é possível observar a relevância das marchinhas para o resgate dos valores culturais de São Luiz do Paraitinga. Os compositores procuram abordar nas letras das canções as lendas da região do Vale do Paraíba, homenagear personagens históricos de São Luiz, retratar o cotidiano do caipira, as festas, os blocos e a cultura local.

A participante luizense, idosa, aposentada, artesã, moradora urbana não central com o pseudônimo Artesã 1, é testemunha do Carnaval desde o seu início, e ressalta a importância das marchinhas. Sua afirmação denota um forte sentimento de pertencimento e apropriação, mesmo ela não sendo compositora e nem ser fundadora de blocos, faz-se sentir como parte integrante dessa história:

O Carnaval de São Luiz faz parte da *nossa* cultura, de acordo com os blocos temos os *nossos* bonecos. E as músicas fazem parte, as músicas que mais tocam são aquelas que surgiram desde o começo do Carnaval. Eu gosto. (Artesã 1).

A participante funcionária pública temporária, adulta, moradora urbana não central, de pseudônimo Funcionária Pública 2, destaca a importância do Carnaval e sua relação com a cultura do luizense:

O Carnaval é uma cultura nossa! O Carnaval é importante na questão cultural pra São Luiz. Cultural porque conta a história de São Luiz, é o diferencial dos blocos, tem tudo, os personagens do bloco Encuca a Cuca, a Cobra Grande que sai, e as crianças ficam querendo saber o porquê? É cultura também da gente e que pode trazer muito mais personagens da história de São Luiz. (Funcionária Pública 2).

A participante idosa, artesã, moradora urbana não central, com pseudônimo Artesã 2, expressa que não se identifica com o Carnaval de São Luiz do Paraitinga.

Eu acho o Carnaval não é para nós, é mais para o pessoal que vem de fora mesmo. É o pessoal daqui que toca, que faz as músicas, tem quem goste, mas do jeito que está eu não curto. (Artesã 2).

Santos e Silveira (2008, p. 19) destacam o conceito geográfico de território e territorialidade, como já abordado esses conceitos em outro contexto, mas que aqui mostra-se bastante presente nas falas das participantes Artesã 1 e Artesã 2, no qual território é entendido como um espaço destinado ao uso, enquanto territorialidade se refere ao sentimento de pertencimento a esse espaço. Observa-se esse sentido de territorialidade nas declarações da participante Artesã 1, que expressa orgulho ao falar sobre o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, reconhecendo seu valor cultural e seu sentimento de pertencimento. Em contraste, a Artesã 2 revela um sentimento de estranhamento e distanciamento do Carnaval de São Luiz com a popularidade do Carnaval e a participação maior de turistas, como evento de balbúrdia, percebendo-o como algo pertencente a outrem, especialmente aos turistas, embora reconheça que os luizenses sejam criadores e executores das canções. A mesma visão pode ter ocorrido com duas pessoas que se recusaram a participar dessa pesquisa, em suas falas diziam que não gostavam do Carnaval e que achavam que não saberia falar sobre o assunto. Pelo fato da pesquisadora não ter realizado entrevistas com eles, não foi possível analisar o que estava por de trás desse “não gostar do Carnaval”, mas perceber-se nessa afirmação negativa a presença de um sentimento de distanciamento com o Carnaval de São Luiz do Paraitinga. Também ocorreu no Projeto de Extensão Universitária, “A cultura que vale : conhecendo e preservando a história, a memória e o patrimônio do Vale do Paraíba”, coordenado pela Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala e desenvolvido em Taubaté e na Escola Estadual Monsenhor Ignácio Gióia, de São Luiz do Paraitinga, de Ensino Médio, emergiu de uma das atividades na qual a equipe do projeto realizou uma atividade com os alunos da escola para consulta-los sobre sua percepção a respeito do patrimônio e das festas da cidade, um resultado que indicava que para a maioria dos alunos a festa mais importante da cidade é a Festa do Divino Espírito Santo e não o Carnaval, como se poderia supor por ser uma festa de maior adesão de jovens. Com isso, percebe-se que entre os luizenses, há a indicação de que a Festa do Divino é a com a qual mais se identificam como a festa mais importante, e não o Carnaval.

E nesse contexto de sentimentos e visões de um grupo, Canclini (2003, p. 336) discute a importância e o valor da arte de grafite em cidades como Buenos Aires, Cidade do México e Caracas, comparando-a a uma escritura territorial que afirma a presença e posse de um bairro. Através do grafite, os artistas expressam os sentimentos, o modo de vida e as visões de um grupo. De maneira semelhante, o Carnaval de rua de marchinhas em São Luiz do Paraitinga

possui um valor cultural significativo para o município, funcionando como uma "marca" territorial dessa pequena cidade. Através da música e dos bonecos gigantes, artistas, compositores e fundadores de blocos retratam características do modo de vida da comunidade e homenageiam importantes personagens históricos luizenses.

Para muitos luizenses, como a participante Artesã 1, o Carnaval é motivo de orgulho e considerado parte de sua identidade coletiva: é "nosso Carnaval". O participante adulto, morador urbano central, historiador e comerciante, com pseudônimo Historiador também destaca a importância dos símbolos do Carnaval de São Luiz polarizando outros locais e fortalecendo a identidade do Carnaval luizense:

O Carnaval tem um acervo de mais de duas mil músicas compostas. Os bonecos, é muito forte. São quarenta anos de história e de acervo e que inspira outras cidades: hoje o Vale Paraíba inteiro faz festival, e antes era só São Luiz que fazia, pois, a marchinha depois de um tempo ficou sendo como algo antigo, ultrapassado. Mas São Luiz como sempre teve essa característica de musicalidade, a marchinha se renova. A marchinha se reinventou e inspirou outros municípios, como em Ubatuba, Pindamonhangaba, Jacareí, Taubaté (Quiririm)... E cada vez que cresce, mais fortalece de onde veio. (Historiador).

Guimarães e Barja (2016, p. 131) destacam o fato de que a marchinha é um gênero musical de melodia simples e de fácil memorização, o que possibilita uma comunicação mais eficaz com o público e contribui para sua boa aceitação. Além disso, ressaltam a utilização do compasso binário da marcha, o que favorece a dança em marcha, integrando facilmente o cortejo do Carnaval de rua.

O Comerciante 1 descreve com entusiasmo uma cena vibrante de criação coletiva e compartilhamento cultural no contexto das primeiras composições das marchinhas de São Luiz:

E essa brincadeira da marchinha começou com o grupo musical luizense Paranga. A gente se reunia no Bar do Sérgio, fechava o bar e íamos no coreto. Lá a gente compunha as músicas num caderninho. Num dia, compunha-se dez músicas, no outro dia, quinze músicas. E foi aumentando... A gente usava mimeógrafo para fazer cópia e acrescentar músicas novas no livrinho. (Comerciante 1).

O depoimento do Comerciante 1 põe em evidência o caráter democrático da composição em São Luiz do Paraitinga, prática que não ficava restrita apenas a músicos profissionais. Ele também destaca que mesmo aqueles que não tinham habilidades musicais e literárias específicas podiam contribuir com a composição de melodias e letras. Pessoas de diferentes profissões e

diferenças sociais participavam ativamente do processo criativo das marchinhas, aumentando o espectro de expressão cultural na comunidade.

A marchinha é responsável por esse diferencial: compor não era só exclusividade dos músicos. São Luiz abriu um leque para essa brincadeira: não só o compositor fazia as músicas: o padreiro fazia, o médico fazia música, o policial fazia música. Fazia uma homenagem ao delegado, a um promotor. Todo mundo começou a participar. Começaram a aparecer coisas maravilhosas e pessoas que não tinham nem mesmo, digamos assim, pra declamar desafinado, mas escreviam muito bem e sabiam fazer os versos de acordo. (Comerciante 1).

Conforme relatado pelo Comerciante 1, a iniciativa de criar marchinhas carnavalescas em São Luiz do Paraitinga deu início a um movimento significativo que culminou no surgimento do primeiro Festival de Marchinhas Carnavalescas em janeiro de 1984. Embora as marchinhas estivessem esquecidas pelo grande público, a cidade abraçou o gênero musical, ressignificando e infundindo um sotaque luizense ao ritmo e aos temas das canções.

A marchinha é o que mais nos identifica, diferenciando-se de todos os carnavais. (Funcionário Público 1).

Silva e Vieira (2012) destacam que os compositores locais demonstravam grande entusiasmo, resultando na produção de quase duzentas marchinhas no município naquele início. A proposta dos organizadores do festival era justamente incentivar ainda mais essa atividade de composição, estimulando a participação de músicos e instrumentistas e, conseqüentemente, enaltecendo a tradição cultural e musical do município.

O primeiro Festival de Marchinhas ocorreu em um espaço fechado, especificamente no Clube Recreativo Paraitinga, onde o público tinha que adquirir ingressos para assistir ao evento. Muitos compositores locais se sentiam motivados, canalizando sua criatividade individualmente ou em parcerias com outros músicos.

O Funcionário Público 1, relata que o festival é um momento aguardado com grande expectativa e ainda é considerado um grande motivador para exercer sua musicalidade e poesia:

É um grande motivador para exercer a minha musicalidade, minha poética. (Funcionário Público 1).

De acordo com Silva e Vieira (2012), o procedimento para participar do festival envolvia a gravação da música em fita cassete e a inscrição com cinco cópias da composição.

Uma comissão julgadora selecionava as vinte melhores marchinhas para se apresentarem e concorrerem ao prêmio de cem mil réis cruzeiros.

No primeiro Festival de Marchinhas Carnavalescas, a música vencedora foi “D’aba Quebrada”, do compositor luizense Galvão Frade. Essa composição continua sendo um sucesso até os dias de hoje, fazendo parte do repertório das bandas locais e animando os foliões durante o Carnaval de São Luiz do Paraitinga.

Os segundo, terceiro e quarto Festivais de Marchinhas ocorreram respectivamente nos anos de 1986, 1988 e 1989, marcando um período de crescimento e consolidação dessa tradição em São Luiz do Paraitinga. Em 1986, o evento teve lugar no Clube Imperial Luizense, conhecido como o Clube da Praça, enquanto em 1988 foi realizado no prédio do antigo cinema, localizado no centro da cidade.

De acordo com Silva e Vieira (2012), houve um aumento significativo da participação de compositores jovens, com idades entre dezesseis e vinte e seis anos, nesses festivais subsequentes. Essa nova geração demonstrava um crescente interesse pelas marchinhas, integrando-se ao gênero musical e contribuindo para a criação de composições que valorizavam as raízes culturais de São Luiz do Paraitinga.

A partir de 1986, também se observou a participação de compositores de outros municípios, o que ampliou ainda mais a diversidade e o alcance dos festivais. Esse contexto está alinhado com o conceito de hibridação cultural apresentado na obra de Canclini (2003):

[...] hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim, as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento. (Canclini, 2003, p. 348).

A hibridação mencionada por Canclini (2003) é um aspecto fundamental do Carnaval de São Luiz do Paraitinga. O festival de marchinhas inclui a participação de musicistas, letristas e intérpretes de várias cidades paulistas e até de outros estados, que dividem o palco e competem com os artistas locais. Para Guimarães e Barja (2016, p. 133), a marchinha é um gênero musical que se enriquece do intercâmbio cultural, pois se apropria das características do meio sociocultural em que está inserido. Essa diversidade de participantes resultou no surgimento de uma linguagem característica nas composições, marcada por traços culturais, com expressividade e humor tipicamente luizenses, conforme destaca Guimarães e Barja (2016):

Em grande medida, a partir de 1980 caberá à marchinha “tipicamente luizense” representar o que é próprio da cidade e seu povo, compondo com outras manifestações – Festa do Divino, bonecões, afogado, entre outros – um conjunto de bens de cultura que serve como emblema da cidade. (Guimarães; Barja, 2016, p. 135).

Guimarães e Barja (2016) destacam que a marchinha passou a simbolizar a identidade de São Luiz do Paraitinga. Para o Comerciante 1, a liberdade de composição é uma característica essencial desse gênero musical. Ele também observa que em São Luiz do Paraitinga não há uma classe musical distinta da sociedade em geral. Os compositores de marchinhas vêm de diversos extratos sociais e exercem variadas ocupações, como motoristas de táxi, sapateiros, cozinheiros, advogados, poetas, professores e dentistas. Confirmando essa observação, a participante com pseudônimo de Comerciante 2, adulta, moradora urbana central, proprietária de um comércio local, relata como sua integração e participação ativa nos festivais a inspiraram a se tornar uma das novas compositoras.

Comecei a ir no Festival de Marchinhas desde criança com alguém. Minha mãe e meu pai não participavam tanto. Mas eu ia sempre com alguém: mãe de amigo. Era uma coisa mágica pra mim: o preparo, as bandas se apresentavam e todo mundo pulando, dançando, tenho boas lembranças desses festivais de marchinhas. O pessoal que trabalhava na cidade, no banco, fazendo marchinha e acho que acabei me inspirando pra depois em 1998, eu participar compondo música no Festival de Marchinhas. (Comerciante 2).

Enquanto evoca as lembranças do Festival de Marchinhas de sua infância e adolescência, a Comerciante 2 evidencia uma alegria, demonstrando no semblante o quanto se sente parte integrante dessa história.

Como mencionado anteriormente, inicialmente os festivais eram realizados em locais fechados, exigindo que os espectadores adquirissem ingressos para assistir às apresentações. Segundo Silva e Vieira (2012), apenas os compositores e membros das bandas classificadas não precisavam pagar para participar, enquanto amigos, familiares e torcedores era necessário pagar ingresso, com a renda revertida para o organizador do festival.

O Festival de Marchinhas tornou-se uma tradição cultural de grande importância, antecedendo os dias de Carnaval e conferindo uma identidade à celebração em São Luiz do Paraitinga, como abordam Guimarães e Barja (2016).

Para o Funcionário Público 1, é a marchinha que dá o tom, que exalta o Carnaval de São Luiz do Paraitinga:

Eu penso que é ela que dá a identidade para o nosso Carnaval. O eixo, tudo que gira em torno do Carnaval é a marchinha, a musicalidade no ritmo de marchinhas. (Funcionário Público 1).

O relato do Funcionário Público 1 está alinhado com as observações de Silva (2014, p. 09): “A identidade é, assim, marcada pela diferença [...] A identidade é marcada por meio dos símbolos.” A marchinha de São Luiz do Paraitinga atinge um nível de performance ao incorporar traços culturais locais, o que a diferencia do modelo consagrado por Lamartine Babo e Braguinha, ao mesmo tempo em que confirma a flexibilidade como traço essencial desse gênero de canção. Segundo Silva e Vieira (2012), o Bloco Bicho de Pé exemplifica essa identidade cultural. A marchinha, com um toque humorístico, retrata situações do cotidiano frequentemente enfrentadas pelos caipiras que trabalham na área rural.

Eu peguei no mato
 Não é carrapato
 O que será que é?
 Larga do meu pé
 Larga do meu pé
 Mas esse tal de bicho coça
 Coça e como coça, coça, coça, seu Zé
 Que nem bicho de pé
 Não vem que não tem
 Não vem
 Bicho de pé de Catuçaba
 E a galera gostou
 E a galera coçou, coçou, coçou
 Bicho de pé de Catuçaba! (Silva; Vieira, 2012, p. 150. Compositor: Galvão Frade)

Segundo Moradei apud Silva e Vieira (2012, p. 187), à medida que o festival ganhava popularidade, turistas começaram a se interessar, tornando necessária a mudança para um local maior. A partir dos anos 90, o número de participantes no festival de marchinhas cresceu consideravelmente, superando a capacidade das instalações anteriores e levantando preocupações com a segurança. Após discussões entre organizadores, comerciantes e autoridades municipais, decidiu-se transferir o evento para a praça do centro histórico, a partir de 1997, tornando-o acessível a todos, sem a necessidade de compra de ingressos. Nesse contexto o Carnaval também passou a se destacar com um maior número de pessoas, com destaque de turistas, processo que será mais bem analisado no tópico posterior sobre o turismo no Carnaval.

Retomando o contexto do Festival de Marchinhas na praça, essa mudança foi crucial para democratizar o acesso ao festival, transformando-o em um evento popular em que pessoas de todas as origens podiam participar livremente. A praça se tornou o novo palco, com a escadaria da igreja e os bancos servindo de assento para os espectadores, enquanto outros dançavam ao redor, torcendo por suas músicas favoritas. O Comerciante 1 ressalta a significância do festival de marchinhas para o processo criativo do Carnaval de São Luiz do Paraitinga.

O festival de marchinhas é o que alimenta o Carnaval. (Comerciante 1).

Guimarães e Barja (2016, p.130) observam que a marchinha tem resistido ao teste do tempo, adaptando-se ao longo dos anos ao incorporar elementos de diversos gêneros musicais. Esta característica é particularmente evidente nas marchinhas de São Luiz do Paraitinga, como atesta o Funcionário Público 1:

De uns tempos para cá, sem tirar a força das marchinhas, já foi possível ir abordando outros ritmos: já começou a aparecer um samba rural, uma congada, embora ainda ligado à nossa cultura tradicional. Alguns arranjos já têm uma batida de funk, mas isso não é mais perigoso para diluir com grande força a marchinha em si. A marchinha, é ela que identifica. (Funcionário Público 1).

O relato do Funcionário Público 1 está em sintonia com as observações de Canclini (2003, p. 262; 264), que afirma que, desde as décadas de 1930 a 1950, a influência do rádio integrou a cultura popular aos meios de comunicação, promovendo uma interação social contínua. Canclini (2003) argumenta que, embora as tecnologias comunicativas não substituam as tradições, elas provocam transformações que renovam o saber e a sensibilidade, resultando no fenômeno que ele denomina de hibridação cultural. Além disso, Canclini (2003, p. 284;285) destaca que a hibridação não é apenas influenciada pelos meios comunicacionais, mas também pela expansão urbana, onde comunidades rurais migram para as cidades, trazendo consigo ofertas simbólicas e interagindo com redes nacionais e transnacionais de comunicação.

O Comerciante 1 também ressalta a evolução dos ritmos incorporados às marchinhas de São Luiz:

A musicalidade está em constante transformação, com uma evolução evidente. A marchinha de São Luiz já não se mantém presa às tradições, ela evoluiu incorporando novos segmentos musicais. (Comerciante 1).

Arantes (2012) destaca:

[...] cultura é processo dinâmico; transformações (positivas) ocorrem, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir a sua “deterioração”. É possível preservar os objetivos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores [...] é preciso que se pense a cultura no plural e no presente. (Arantes, 2012, p. 21).

As observações de Arantes (2012) vão ao encontro com as declarações do Funcionário Público 1 e do Comerciante 1. Os valores culturais do Carnaval de marchinhas e blocos de rua em São Luiz do Paraitinga estão bem consolidados, mesmo diante dos fluxos da globalização e da indústria cultural. A marchinha luizense tem o condão de incorporar novos ritmos, refletindo um espírito de liberdade de criação e pluralidade cultural, sem se descaracterizar.

A evolução dinâmica da marchinha ao longo do tempo tem motivado as novas gerações e fortalecido a tradição do Carnaval em São Luiz do Paraitinga, conforme afirmado pelo Funcionário Público 1:

Como estamos profundamente imersos na Arte, estamos sempre pensando em novas melodias. Hoje é mais poética, é diversão, às vezes faz uma piada, é romântica, ou tematizando o próprio Carnaval. Tem muitas vezes metalinguística. A marchinha é crucial, se não fosse a marchinha, não seria nada disso. (Funcionário Público 1).

Pelos relatos de alguns participantes, observa-se que esta motivação intrínseca da marchinha de Carnaval também influenciou a origem do Festival de Marchinhas Juninas, que ocorre durante o mês de junho ou julho, misturando ritmos juninos com elementos tradicionais como sanfona e triângulo, proporcionando um verdadeiro arrasta-pé e destacando os valores culturais do caipira em grande parte das composições.

Assim, a Marchinha de São Luiz do Paraitinga, ao se adaptar e evoluir ao longo do tempo, mantém viva a tradição do Carnaval e se torna uma importante expressão cultural, influenciando não apenas o cenário musical local, mas também inspirando novas manifestações como o Festival de Marchinhas Juninas.

Outra característica marcante do Carnaval de São Luiz do Paraitinga são os bonecos gigantes que fazem parte do cortejo dos blocos de rua. Cada um desses bonecos é um símbolo que representa uma história intrínseca à cultura de São Luiz do Paraitinga.

De acordo com Silva e Vieira (2012, p. 226), o boneco gigante Juca Teles, que faz parte até hoje do Bloco do mesmo nome, representa um personagem importante de São Luiz do Paraitinga: o Benedito Souza Pinto, conhecido como Dito Pinto. Ele exercia a profissão de Oficial de Justiça, já durante as festividades de São Luiz era poeta, artista, e usava o pseudônimo Juca Teles. Confeccionava bonecos gigantes para as festas que ocorria em São Luiz ao longo do ano, se vestia com camisa branca, fraque, calças e cartola pretas. Também fazia poemas que declamava durante as festas e alegrava as crianças com brincadeiras. Para algumas pessoas da época, esse seu modo de ser era compreendido como insanidade. De acordo com Silva e Vieira (2012), atualmente o artista que faz o cortejo do bloco de modo teatral, homenageando o que Dito Pinto realizava, é o luizense Benito Euclides de Moura Campos¹⁵, trazendo muita alegria e entusiasmo ao folião.

Guimarães e Barja (2016), destacam a influência da cultura local representada pelos bonecões nas festas de São Luiz:

Um dado característico do Carnaval de Paraitinga é a incorporação de elementos da cultura local na realização da festa. Um exemplo é o uso de “bonecões” pelos blocos carnavalescos: Há mais de um século que a apresentação do Casal de Gigantes (Bonecões) “João Paulino e Maria Angu” vem se repetindo nas festas religiosas e profanas da cidade. Os nomes se referem ao criador dos bonecos (utilizados, a princípio na Festa do Divino) e à sua mulher, que vendia pastéis de angu, um prato típico da culinária local.” (Guimarães; Barja, 2016, p. 134).

Nesse contexto, a Comerciante 2 reforça essa tradição de São Luiz, destacando a importância dos bonecos na cultura luizense:

Os bonecões traduzem as tradições. Acho que todo mundo que é luizense realmente, deve ter ouvido dos pais, avós, as lendas da cidade. E tudo foi traduzido nos bonecos, nas marchinhas. Até mesmo, os bonecos Maria Angu e João Paulino da Festa do Divino, tem uma personificação dessa cultura toda. (Comerciante 2).

Nesse contexto, Silva e Vieira (2012), se referem:

¹⁵ Artista com múltiplas habilidades: artesão, escritor, poeta, compositor, pesquisador de folclore e da cultura caipira, contador de histórias. Um dos idealizadores do Bloco Encuca a Cuca e também fundador do bloco Juca Teles, atualmente destaca-se como um importante personagem no bloco Juca Teles (Silva e Vieira, 2012, p. 125, 125).

Os tradicionais bonecos gigantes João Paulino e Maria Angu, que sempre fizeram parte das festas populares de São Luiz do Paraitinga, foram produzidos por Dito Pinto, o Juca Teles, durante muitos anos, pois “festa boa tem que ter bonecões”, era o que se dizia na cidade antigamente. (Silva; Vieira, 2012, p. 242).

O Funcionário Público 1 destaca a importância dessa tradição:

Os bonecões já são tradição da cidade nas festas. Independente do Carnaval, ele já existia. (Funcionário Público 1).

Da mesma forma, o Comerciante 1 e o Historiador também abordam os símbolos do Carnaval e sua relação com as festas tradicionais:

Toda essa tendência das cores, dos bonecos têm relação com a Festa do Divino, que tem duzentos anos, ela é o nosso espelho. A Festa do Divino sempre foi grandiosa, une o sagrado, o profano, a fartura. O bloco da Maricota, é uma homenagem ao Arcidão, que foi um grande mestre da congada, a música é na batida de uma congada. Tem uma história, uma história real. (Comerciante 1).

E por mais que pareça divergente, tem muita coisa próxima a essas duas festas: Carnaval e Festa do Divino. A questão musical - a marchinha ela tem um estilo característico do compasso da marchinha antiga, mas ela teve influência muito grande da cultura popular. É clássico no Bloco da Maricota a batida da Congada. Essa cultura não está separada do todo, está tudo interligado. (Historiador)

Percebe-se nas falas dos participantes Funcionário Público 1, Comerciante 1, Comerciante 2 e Historiador que os símbolos do Carnaval fazem parte da tradição das festas populares de São Luiz, algumas religiosas, tradição que se mantém até hoje. Nesse contexto, o Funcionário Público 1, destaca também outros símbolos presentes no Carnaval de São Luiz do Paraitinga e a influência das festas religiosas:

O cortejo dos blocos está super ligado à procissão: matraca - faz uma reza e para; a teatralização é muito ligada ao ritual católico. É você trazer o que é do ambiente cultural, teatralizar e carnavalizar tudo isso. Os estandartes, os símbolos, tudo isso vem para o Carnaval. (Funcionário Público 1).

Destaca-se também no Carnaval de São Luiz do Paraitinga, as máscaras confeccionadas de modo artesanal pelos artistas do município, segundo Silva e Vieira (2012) inspira-se no folclore regional, resgatando as tradições das Cavalhadas e Folias de Reis e adaptando-se a folia do Carnaval.

O tecido popularmente conhecido como Chitão, com suas cores vibrantes, desempenha um papel fundamental no Carnaval de São Luiz do Paraitinga, conforme destacado pelo Comerciante 1. Ele ressalta a influência das festas religiosas, que tradicionalmente utilizavam o tecido chitão em sua decoração, e como esse elemento foi adaptado também para as fantasias de Carnaval:

E o chitão é um tecido extraído da Festa do Divino, os moradores usavam, era um tecido barato, uma vestimenta deles. E as decorações da Festa do Divino tinham o vermelho do Divino nos balcões, nas barracas, os acessórios para produzir a festa eram de Chitão. Não foi nenhuma novidade o nosso Carnaval mais uma vez buscando a origem da raiz: a cultura. Houve incentivo nos blocos com a fantasia de chitão, começando com Dona Cinira (esposa do compositor luizense Elpídio dos Santos) no seu bloco Zona do Agrião, era o Chitão. (Comerciante 1).

O Comerciante 1 acrescenta que a influência do Chitão está intrinsecamente ligada às tradições das festas religiosas. Atualmente, o Chitão e as fitas coloridas conferem muita criatividade às fantasias durante o Carnaval, especialmente no Bloco Juca Teles, onde se tornaram itens obrigatórios, juntamente com tiaras e cartolas. Em diversos pontos de São Luiz, durante o período carnavalesco, é possível observar a presença de enfeites feitos com Chitão. Lojas, barracas de artesãos e costureiras aproveitam a ocasião para confeccionar uma variedade de peças potencializando as suas vendas. No entanto, segundo relato do Funcionário Público 1, essa realidade contrasta com os primórdios do Carnaval, quando predominavam adornos como palhaços e ráfia, que pouco refletiam a identidade cultural de São Luiz do Paraitinga. Ao longo do tempo, houve uma transição para uma decoração mais de acordo com a cultura local, incorporando elementos como sapê, janelas, postes com luminárias e, especialmente, o Chitão, o que enriqueceu as celebrações carnavalescas e fortaleceu os laços com a cultura tradicional da região.

No começo colocavam palhaços, ráfia, que não tinha nada a ver com São Luiz. Depois foi fazendo a decoração com a identificação de São Luiz: sapê, janelas, postes com luminárias, chitão, trazendo mais com a nossa cultura. E os bonecões entram nisso porque eles já são da nossa cultura, trazendo-o para o Carnaval. (Funcionário Público 1).

Ao analisar os relatos dos participantes e as publicações dos pesquisadores mencionados, nota-se que o Carnaval de São Luiz do Paraitinga está profundamente enraizado em valores culturais locais, tanto em seus símbolos quanto em sua música. Há um consenso de

que o Carnaval luizense não segue simplesmente as tendências momentâneas da mídia, sendo sim uma manifestação da cultura local que se adapta à modernidade enquanto mantém, resgata e ressignifica a cultura popular.

As falas dos participantes evidenciam uma forte identificação deles com o Carnaval. Algumas marcas textuais, como uso recorrente do pronome possessivo "nosso" em referência à expressão "Carnaval", denotam um senso de pertencimento e integração à história e à cultura da região. Esse vínculo emocional com a celebração sugere que o Carnaval transcende o simples foliar, tornando-se uma parte importante da identidade e da experiência coletiva dos luizenses.

4.2 BENEFÍCIOS QUE O CARNAVAL PROPORCIONA AO MUNICÍPIO

Ao longo desta dissertação, foi ressaltado que o Carnaval de São Luiz do Paraitinga se distingue por suas características singulares, como os blocos, marchinhas e símbolos entrelaçados à cultura popular. Nesse tópico, busca-se analisar a narrativa dos habitantes de luizenses em relação ao Carnaval, investigando o que cada participante considera favorável para o município e para a população local.

Segundo Guimarães e Barja (2016), nas décadas de 1980, o Carnaval luizense era fortemente influenciado pelo samba, tanto nos clubes quanto nos desfiles de rua. No entanto, essa expressão cultural não ressoava profundamente com a maioria dos luizenses. A partir de 1982, observou-se uma reconfiguração significativa, impulsionada pela população local, que passou a valorizar os blocos de rua, incluindo a presença de bonecos gigantes e marchinhas que narram a história e exaltam a cultura popular de São Luiz.

Durante as entrevistas coletadas e analisadas, observa-se que a maioria dos participantes destaca a importância do Carnaval para o município, enfatizando principalmente seu valor cultural e econômico. O participante Comerciante 1 ressalta o significado cultural do Carnaval ao afirmar:

Para nós, a importância do Carnaval é cultural. É um orgulho, um trabalho feito por várias mãos durante anos. (Comerciante 1).

Em seu depoimento, percebe-se o orgulho do Comerciante 1 em fazer parte dessa história, ao utilizar o pronome "nós", reconhecendo a contribuição de outros luizenses nesse processo colaborativo e no compartilhamento de ideias, que resultou em um Carnaval de grande relevância para a cultura de São Luiz do Paraitinga. A fala da participante Comerciante 2 confirma essa impressão:

A gente não tem como separar quem é de São Luiz mesmo, que gosta, que nasceu aqui, da questão cultural da cidade toda. O Carnaval é importante, não tem como a gente se dissociar disso. Assim como as outras festas. Aqui a cultura é muito forte, a gente está nela, está misturada na gente, não tem como a gente falar da gente sem colocar essas questões culturais. Não há separação. (Comerciante 2).

Contrapondo-se ao relato da participante Comerciante 2, a Artesã 2 não enfatiza o Carnaval como uma valorização da cultura luizense, mas como um evento economicamente benéfico para o comércio local. Ela afirma:

Eu acho que o Carnaval é mais para o pessoal do comércio, que fatura. (Artesã 2).

Nesse depoimento, é possível observar uma narrativa do Carnaval que se alinha ao que Canclini (1982, p. 123-124) descreve sobre a transformação da festa tradicional dos Mortos em Janitzio, no México. Originalmente, a celebração era uma manifestação religiosa e cultural, em que se homenageavam os mortos com procissões e oferendas. Entretanto, ao longo do tempo, a festa passou a atrair um público maior, com crescente participação de grandes empresas e comercialização de produtos que vão além dos artesanatos locais. Essa mudança resultou na ocupação do espaço econômico e simbólico da festa, transformando-a em um evento de grandes proporções, focado no lucro.

Da mesma forma, o relato da Artesã 2 apresenta o Carnaval de São Luiz do Paraitinga como um evento cada vez mais voltado para o benefício econômico, em detrimento de seu valor cultural original. Os relatos da Comerciante 2 e da Artesã 2 também convergem com o que Arantes (2012, p. 25) destaca sobre a significação da cultura. Arantes (2012) argumenta que as manifestações culturais são frequentemente ressignificadas ao longo do tempo, adquirindo novos sentidos e funções, muitas vezes impulsionadas por interesses econômicos e comerciais. Esse processo pode resultar em uma tensão entre o valor cultural e o valor econômico das tradições, onde práticas culturais são apropriadas e transformadas para atender às demandas do mercado, muitas vezes em detrimento de seus significados originais e de sua particularidade.

Observa-se que a significação dos valores culturais nas festividades de São Luiz do Paraitinga diverge entre os relatos da Comerciante 2 e da Artesã 2. Para a Comerciante 2, o Carnaval está intimamente ligado à história do luizense, sendo uma manifestação que resgata e mantém viva a cultura local. Ela vê o evento como uma importante expressão de identidade

cultural, refletindo as tradições e o espírito da comunidade. Em contrapartida, para a Artesã 2, o Carnaval assume um papel mais econômico, sendo percebido principalmente como uma oportunidade de geração de renda para o comércio local. Essa diferença de narrativa destaca a complexidade das festas populares, que podem ser interpretadas e valorizadas de maneiras distintas por diferentes membros da comunidade.

A participante Funcionária Pública 2 também ressalta a importância do Carnaval na transmissão do conhecimento sobre a história e a cultura de São Luiz para às novas gerações. Ela destaca a relevância de manter as tradições enquanto se permite a introdução de novas composições, dizendo:

A minha neta de cinco anos sabe todas as músicas que surgiram há dez anos, e fica curiosa para saber o significado delas. Eu acho que deveria mudar um pouquinho, mas continuar a tradição, tocar músicas novas e antigas. (Funcionária Pública 2).

A participante jovem, moradora urbana não central, estudante do Ensino Médio, com pseudônimo Estudante também enfatiza a relevância cultural do Carnaval para as novas gerações. Ela observa como o evento contribui para a perpetuação da cultura local, destacando o entusiasmo das crianças:

Contribui muito com a cultura, com as gerações. Todo mundo tem uma paixão particular pelo Carnaval. Tem crianças de dois, três anos que acham o máximo e continuam com isso, já têm as músicas gravadas na cabeça. (Estudante).

Ambos os relatos apontam para o papel do Carnaval na preservação e continuidade das tradições culturais, bem como na formação de uma identidade coletiva que atravessa gerações. Eles sugerem que o Carnaval é mais do que um evento festivo; é uma manifestação cultural que educa, une e inspira, reforçando o legado cultural de São Luiz do Paraitinga.

Na fala da Estudante, fica evidente um contentamento com o Carnaval luizense, que ela vê como uma festa que cativa e agrega as pessoas. Ela acredita que o Carnaval de São Luiz é especialmente importante para a identidade das novas gerações, pois vão desempenhar um papel crucial na preservação e continuidade da tradição dos blocos e marchinhas.

Em contraste, a Artesã 2 não percebe o mesmo benefício para os jovens locais. Para ela, o Carnaval parece ser mais direcionado aos turistas, como evidenciado em sua afirmação:

Eu acho que o Carnaval não é para nós, é mais para o pessoal que vem de fora mesmo. É o pessoal daqui que toca, que faz as músicas, tem quem goste, mas do jeito que está eu não curto. (Artesã 2).

Esse ponto de vista sugere uma narrativa de que o evento perdeu sua conexão com os luizenses, sendo mais voltado para o público externo e menos integrado à cultura e às tradições locais.

A fala da Artesã 2 converge com as observações de Certeau (1998), particularmente quando ele discute as grandes e rápidas transformações dos espaços urbanos, como em Nova York, Manhattan, fomentadas pelo capitalismo. Para o autor de “A Invenção do Cotidiano”, essas mudanças vão além do espaço físico, impactando também a dinâmica social e cultural das cidades. Certeau (1998, p.172) destaca: “Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de ‘operações’ (“maneiras de fazer”), a ‘uma outra espacialidade’ (uma experiência antropológica, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada.”

A fala da Artesã 2 revela que, para ela, São Luiz do Paraitinga durante o Carnaval assume uma nova espacialidade, refletindo sua insatisfação com a narrativa de que o evento não integra verdadeiramente os luizenses. Ela argumenta que o Carnaval se tornou predominantemente um evento turístico, que atrai mais os visitantes de fora do que o luizense.

Apesar de se mostrar crítico em relação à massificação do Carnaval de São Luiz do Paraitinga, o Comerciante 1 expressa a visão de que o surgimento dos blocos e a composição das marchinhas fazem parte de um esforço coletivo que resgata e valoriza as tradições locais, inserindo elementos que refletem a cultura e história da comunidade. O Comerciante 1 enfatiza que essa reformulação não apenas preservou, mas também revitalizou as práticas culturais, criando um Carnaval que celebra a história local e fortalece o sentimento de pertencimento entre os moradores.

Quando surgiu o professor Luiz Homero que colocou o bloco Encuca a Cuca, surgiu uma luz: o Carnaval não precisava seguir aquela métrica (das escolas de samba), se você conseguisse contar a sua história, era muito mais interessante. De repente a gente viu aquilo na forma, com os bonecos: o Cabrá, a Porca dos Sete Leitões, a própria Cobra Grande. Isso deu um brilho na mente de outros e fez surgir outros blocos contando a sua história, como o Juca Teles, contando a história de Souza Pinto que hoje é um dos maiores blocos da cidade. Surgiu o bloco do Caipira contando também a sua história. E cada um buscando o seu caminho. Extraíndo tudo isso da cultura já existente, a cultura do caipira: o Moçambique, a Congada, a Folia de Reis. (Comerciante 1).

A fala do Comerciante 1 sobre a inclusão de bonecos gigantes que representam lendas e histórias locais vai de encontro com as observações de Silva e Vieira (2012) sobre a Cobra Grande, figura emblemática na mitologia popular da região, que desempenha um papel central nas manifestações culturais locais. De acordo com Silva e Vieira (2012), a Cobra Grande é frequentemente representada como uma entidade mítica com vastos poderes e uma forte conexão com o imaginário coletivo da população luizense. Sua presença nos desfiles e blocos de rua do Carnaval simboliza a importância das lendas regionais e a continuidade das tradições culturais.

É filha de uma mãe solteira que foi jogada no Rio Paratinga, transformando-se mais tarde em enorme serpente. A ela foi atribuído o desaparecimento de vários cidadãos luizenses. Certa vez, quando o local ainda era uma vila, houve uma grande enchente que inundou tudo, e a serpente desorientada, acabou se escondendo em uma caverna, cuja entrada era localizada sob a Rua do Carvalho. Depois, que as águas baixaram, houve um grande desmoronamento, deixando a serpente completamente presa nos escombros. Diziam que ela era a culpada por todas as rachaduras ocorridas em todo o entorno do local. Como melhor solução para o caso, a serpente foi recomendada pelo padre da vila aos poderes divinos e dois templos religiosos foram construídos. Um deles, a igreja Matriz, ficando sob o seu altar a cabeça da serpente. E o outro, a igreja Nossa Senhora do Rosário, onde se situa a cauda, abaixo do altar. Segundo a lenda recomendava-se à população que os templos não deveriam ser derrubados, pois nesse caso haveria manifestação furiosa da serpente, capaz de arrasar toda a cidade. Curiosamente, durante alguns anos, a Cobra Grande desobedeceu às ordens eclesiásticas e acabou saindo para foliar no animado Carnaval luizense, bem no meio do Bloco Encuca a Cuca. (Silva; Vieira, 2012, p. 134).

O Funcionário Público 1 também se refere a criatividade dos compositores luizenses compondo as músicas dos blocos de Carnaval, valorizando a cultura popular:

Quem conseguiu colocar um samba com marchinha foi o compositor Marco Rio Branco¹⁶, com o bloco Balacobaco. É um samba rural, da Congada, do Moçambique - samba mais duro, paulista, mineiro. E o compositor Galvão também fez com bloco Samaritana, é um samba local, quase não tem malemolência. (Funcionário Público 1).

Observa-se na fala do Funcionário Público 1 e do Comerciante 1 que o Carnaval das marchinhas favoreceu a criatividade entre os luizenses, o resgate da cultura popular, com a

¹⁶ Escritor, compositor luizense de marchinhas, fundador do bloco Balacobaco. A composição da letra da canção de sua autoria que se destaca pela popularidade no carnaval de São Luiz do Paratinga é do bloco Juca Teles do Sertão das Cotias (Silva; Vieira, 2012, p. 259).

valorização de personagens importantes na história do município e na integração no gênero musical da marchinha.

Nesse contexto, o Historiador também se refere aos benefícios do Carnaval para a identidade cultural de São Luiz do Paraitinga:

São Luiz é uma cidade que é diferenciada na questão da identidade cultural. São Luiz tem uma identidade muito ligada a cultura popular. Quando penso em São Luiz do Paraitinga, já vem a questão da cultura. E dentro da cultura popular de São Luiz, que é uma cidade que tem um calendário anual, tem destaque maior para a Festa do Divino e o Carnaval. O Carnaval de São Luiz ele ficou conhecido, não é porque se organizou um grande evento, e sim porque se criou uma manifestação com uma identidade própria, com uma trilha sonora própria, com uma força muito grande de identidade. (Historiador).

A participante Artesã 1, também reconhece os valores culturais do Carnaval para o município:

É um Carnaval típico da cidade, com suas músicas, bonecos. O povo gosta, eu também gosto, apesar da minha idade, mas sempre gostei. (Artesã 1).

O relato da Artesã 1 destaca a importância cultural do Carnaval de São Luiz do Paraitinga. Mesmo não participando mais ativamente como folião, manteve interesse pelo evento. Ela reconhece que o Carnaval local é altamente valorizado não apenas pelos moradores, mas também por pessoas de fora, que reconhecem sua singularidade.

A Comerciante 2 destaca o sentimento de pertencimento que o Carnaval de São Luiz do Paraitinga lhe proporciona, expressando:

É visceral, não me vejo passando Carnaval que não seja o daqui. Quero conhecer outros carnavais, em outras épocas que não seja na época do Carnaval de São Luiz. Difícil me separar do Carnaval daqui por outro. Pretendo participar do Carnaval até meus últimos dias. (Comerciante 2).

Percebe-se, em suas palavras, que o evento motiva sentimentos profundos de realização. A vinculação do Carnaval aos valores culturais locais desperta esse sentimento, enraizado em sua formação e identidade cultural.

Segundo Guimarães e Barja (2016) o Carnaval de São Luiz do Paraitinga ressignifica a cultura caipira, valorizando a cultura regional:

Paraitinga é, neste sentido, pioneira na apropriação de um formato de Carnaval, ressignificando-o para delimitar fronteiras entre a cultura local e

suas manifestações artísticas e aquela que aporta nas pequenas cidades do Vale do Paraíba, pelas ondas do rádio e televisão. Melhor dizendo, o que se observa ali se coloca para além da reprodução de um gênero carnavalesco. Este se reterritorializa, reafirmando elementos de uma cultura ameaçada pelas transformações de seu meio. (Guimarães; Barja, 2016, p. 140).

Nesse contexto que Guimarães e Barja (2016) destacam de valorização da cultura regional no Carnaval de São Luiz do Paraitinga, o Comerciante 1 se refere:

E todo bloco que tem uma veia cultural forte é o bloco que permanece e que ganha mais status. É como se você contasse a brincadeira por várias vezes. E isso fez com que o nosso Carnaval se destacasse no país por sua originalidade. (Comerciante 1).

Nos relatos do Comerciante 1 e da Comerciante 2, percebe-se um forte sentimento de pertencimento ao Carnaval de São Luiz do Paraitinga e à cultura que ele representa. Ambos expressam a ideia de fazer parte de uma tradição profundamente enraizada na história cultural de São Luiz do Paraitinga, transmitida de geração em geração e compreendida em seus valores.

O Comerciante 1 destaca a originalidade do Carnaval, um elemento que confere ao evento um caráter único e distinto. A Comerciante 2, por outro lado, reflete sobre as diferentes formas de vivenciar o Carnaval, comparando as experiências dos luizenses com as dos visitantes de outros municípios. Ela observa:

Quem vem de fora, demora para entender. As crianças da cidade não têm medo dos bonecos, enquanto as crianças que vêm de fora levam um tempo para se adaptar. (Comerciante 2).

Ao longo das entrevistas, foi destacada a importância do Carnaval de São Luiz do Paraitinga como uma fonte significativa de receita para o município e uma oportunidade de renda, tanto formal quanto complementar, para muitos luizenses. Também é reconhecida a importância do patrimônio material e imaterial da cidade para o turismo. Segundo Leite (2010), entre os patrimônios históricos que compõem o "cartão postal da cidade" e que atraem a atenção de muitos visitantes, estão o casarão sede da Prefeitura Municipal, o Mercado Municipal, a Casa Dr. Oswaldo Cruz, a igreja Matriz, a igreja do Rosário e a Capela das Mercês. Esses elementos não só enriquecem a experiência cultural do Carnaval, mas também contribuem para o desenvolvimento econômico local.

No contexto do patrimônio material e imaterial de São Luiz do Paraitinga, destacam-se festas como o Carnaval e a Festa do Divino, que refletem valores da cultura popular. Segundo

Leite (2010, p. 19), a cidade foi reconhecida como Estância Turística em 5 de julho de 2002, com a aprovação da Lei Estadual nº 11.197. Desde então, o município atrai muitos turistas, tornando-se economicamente importante. Embora a agropecuária tenha sido relevante no passado, especialmente na década de 1930, hoje ela contribui principalmente para a subsistência familiar. A atividade turística, por outro lado, exerce um papel crucial na economia local. Como mencionado pelo participante Funcionário Público 1:

Hoje a economia é voltada para o turismo. Olha só o quanto o turismo emprega! É só olhar ao nosso redor: aqui tem uma costureira, aqui tem um músico, ali tem um restaurante com o garçom. (Funcionário Público 1).

O Historiador confirma essa impressão:

A gente não tem uma economia forte, não temos indústria; a produção agrícola está crescendo, mas não é a linha de frente da cidade. (Historiador).

O Funcionário Público 1, por sua vez, observa a mudança no foco econômico de São Luiz do Paraitinga, destacando como a atividade turística, especialmente impulsionada pelo Carnaval, tem se tornado central para o desenvolvimento econômico do município:

Nos últimos anos pra cá, na década de 90 eu acho, começou a pensar que a saída econômica era o turismo e São Luiz tem o potencial turístico. São Luiz virou em 2002 estância turística, mas não é da noite para o dia, acredito que nos anos 90 o pensamento já era esse. O Carnaval foi o ponto importante. Mas não foi o Carnaval que transformou São Luiz numa estância turística, o patrimônio arquitetônico é o “x” da questão, onde tudo começa, eu acho. (Funcionário Público 1).

Da mesma forma, o Historiador destaca o papel do Carnaval em impulsionar o turismo em São Luiz do Paraitinga:

São Luiz é uma cidade com vocação turística, com preservação do conjunto arquitetônico e ecoturismo. O Carnaval é crucial para o turismo; é o carro-chefe que projeta São Luiz para fora. (Historiador).

O Comerciante 1 também destaca a importância do Carnaval no estímulo à atividade turística no município:

O Carnaval se tornou um produto que faz parte da economia de São Luiz. A importância vai além da esfera cultural, tornando-se um produto turístico que

atrai muitas pessoas. Não só no Carnaval, mas São Luiz ficou conhecida através dele. [...] o Carnaval com os blocos e bandas passou a ser “exportado” a ir para outras cidades. (Comerciante 1).

De acordo com as falas do Funcionário Público 1, Comerciante 1 e do Historiador, o Carnaval não só é uma manifestação da cultura popular, mas também exerce uma grande importância para o turismo em São Luiz do Paraitinga. O evento serve como uma porta de entrada que atrai muitos visitantes, destacando o Carnaval diferenciado da cidade e incentivando o comércio local e as atividades turísticas.

Além disso, a Funcionária Pública 2 exemplifica a importância econômica do Carnaval para os moradores, evidenciando como o evento vai além da questão cultural e contribui significativamente para a geração de renda no município:

Eu gosto de Carnaval, além de ter a cultura, a nossa cidade é maravilhosa com essa cultura, eu ganho dinheiro com o Carnaval. Eu faço estacionamento, eu alugo a minha casa, eu recebo gente de todo lugar. Meus irmãos alugam as casas, minha mãe aluga a casa. Que nunca acabe o Carnaval pelo amor de Deus, eu gosto! (Funcionária Pública 2).

No relato da Funcionária Pública 2, percebe-se sua satisfação com o Carnaval, que ela descreve com entusiasmo. Ela reconhece a importância cultural do evento e, também, destaca seu impacto econômico, visto que proporciona uma fonte de renda extra para ela e sua família, algo que aguardam com expectativa a cada ano.

O Historiador também aborda essa importância econômica, ressaltando como o Carnaval contribui significativamente para o município e para os moradores de São Luiz do Paraitinga:

Eu sou defensor da cultura, esse é o grande cerne. Mas economicamente o Carnaval é muito importante para o luizense, inclusive para aquele que não é folião, que não gosta do Carnaval, porque ele gera emprego, movimenta o comércio, as pessoas alugam casas por valores altos e que representa grande importância economicamente. O músico trabalha... e vai gastar no comércio de São Luiz, vai fazer a economia girar. É uma festa importante para o PIB da cidade, que não pode ser relegado. (Historiador).

A Artesã 2 também destaca o Carnaval como um evento que favorece principalmente o comércio, embora não beneficie todos igualmente:

Eu acho que o Carnaval é mais para o pessoal do comércio que fatura. Para nós, às vezes há serviços temporários, mas eles pagam pouco. É muito trabalho e pouco dinheiro. (Artesã 2).

Seu relato expressa insatisfação, refletida até em suas expressões, revelando que ela não valoriza o Carnaval da mesma forma que os outros participantes. Para ela, o evento é mais uma oportunidade comercial do que uma celebração cultural, e a mão de obra não é adequadamente compensada.

Por outro lado, a Estudante oferece uma perspectiva diferente sobre o Carnaval:

O Carnaval é muito importante em São Luiz. Com a influência do Carnaval e da Festa do Divino, temos tantas referências na continuação das tradições que isso facilita o destaque turístico. (Estudante).

Para ela, o Carnaval é um componente crucial para a continuidade das tradições e para a promoção turística da cidade.

Observa-se durante o relato da Estudante, sua expressão de alegria, de orgulho, em que ela se refere a São Luiz, ao Carnaval, a Festa do Divino com a expressão de apropriação “temos tantas referências”, percebe-se a sua consciência sobre a importância das tradições culturais presentes em São Luiz do Paraitinga beneficiando o turismo no município.

Alguns participantes, além de reconhecerem a importância do Carnaval para a atividade turística em São Luiz do Paraitinga, expressaram insatisfações relacionadas à relevância dessa atividade. Eles observaram que, embora o Carnaval seja um destaque turístico, a cidade parece ser esquecida pelos turistas durante o restante do ano. O Historiador relata:

Hoje em dia a gente tem que se inspirar mais no crescimento do turismo durante o ano todo para que o turismo não seja só voltado a festas pontuais e que ele possa girar tendo o ano todo fluxo de turistas. Em São Luiz sofre muito com essa sazonalidade do turismo: muita gente em poucos momentos e pouca gente durante o ano. É um caminho que precisa crescer. (Historiador).

No relato do Historiador, observa-se que há uma sazonalidade turística em São Luiz do Paraitinga, o que deixaria evidente a necessidade de se criar estratégias visando um turismo mais equilibrado ao longo do ano. Ele destaca que, embora o Carnaval atraia uma grande quantidade de turistas durante seus cinco dias, o restante do ano vê a cidade com poucos atrativos.

A participante Artesã 1 também observa a carência de atrativos ao longo do ano:

Nós temos o nosso Carnaval e nossas festas. A Festa do Divino já faz parte do patrimônio cultural. É importante para nós! Mas ainda falta muita coisa para o turismo em São Luiz. (Artesã 1).

Assim como o Historiador, a Artesã 1 reconhece o grande potencial turístico de São Luiz do Paraitinga e sugere melhorias para a atividade turística no município. Ela expõe suas ideias sobre como aproveitar melhor esse potencial e desenvolver um turismo mais sustentável e constante ao longo do ano.

As escolas, deveriam já ir preparando os alunos para receber os turistas e levar o conhecimento a essas crianças. Já está na hora de preparar os alunos, principalmente os que estão nos últimos anos, para que eles trabalhem na cidade, recebam os nossos turistas. Contando a nossa história, para eles (alunos) é importante, e para o turista é importante! Os alunos iam conhecer a cultura de São Luiz e passariam ao turista. (Artesã 1).

O Comerciante 1 também apresenta a sua insatisfação com o desenvolvimento do turismo em São Luiz do Paraitinga ser direcionado em festas pontuais, como o Carnaval e acredita que a formação do luizense é fundamental para incentivar o turismo e dar continuidade nas tradições de São Luiz do Paraitinga:

São Luiz tem que se preparar melhor para auxiliar nisso, ser gestor aqui, pois São Luiz tem capacidade, o maior patrimônio é o povo, são as pessoas que contam a sua história, com seus valores culturais, as festas do Carnaval, da festa do Divino. Teria que ter um local apropriado para mostrar as festas, como por exemplo um Império do Divino fixo, e as pessoas terem conhecimento da nossa história durante todo o ano e fora as belezas naturais que São Luiz é riquíssima. [...] Esse trabalho tem que ser não só na esfera política, mas incentivar o comércio a trabalhar, incentivar as pessoas a ter seu ganho próprio, para se manter na cidade. (Comerciante 1).

O Historiador, também ressalta a falta de conhecimento de alguns luizenses sobre os valores culturais de São Luiz e a importância de um trabalho de construção do conhecimento sobre os valores culturais luizenses para seus habitantes:

Nós luizenses, a gente cresce vendo o Carnaval, mas as vezes a gente não tem muita essa noção: é mais um bloco passando. Mas quando a gente começa a ver as pesquisas que são feitas, os estudos que são feitos, entende-se o porquê uma cidade em torno de dez mil habitantes é conhecida nacionalmente. (Historiador)

Nos relatos de Artesã 1, Comerciante 1 e Historiador, observa-se uma ênfase na importância dos luizenses conhecerem sua história para compreender os valores culturais do local, os quais se manifestam de forma significativa no Carnaval de São Luiz do Paraitinga.

Além disso, há uma convergência nas falas da Comerciante 2 e do Comerciante 1, que reconhecem o potencial turístico de São Luiz do Paraitinga. Ambos destacam a falta de incentivo e a necessidade de dar continuidade às ações que beneficiem o município no setor turístico:

Falta incentivo para São Luiz ser mais conhecida. Eu acho que essa equação vai por um bom tempo ser difícil de ser sanada. A gente não tem um plano de incentivo para a manutenção do turismo. A gente troca de gestão e cada hora, um gestor que entra pensa de um jeito. A gente está no meio da rodovia que liga Ubatuba, muitas vezes se não há uma curiosidade do motorista em descer aqui, vê de longe, passa e vai pra Ubatuba. Na padaria, eu vejo várias pessoas que chegam por acaso e vejo o encantamento que o acaso causou. Ah! Parei por acaso... erreí o caminho e parei aqui... Não dá nem pra mensurar quantas vezes eu ouvi, pois, eu trabalho há mais de onze anos com comércio. Acho que infelizmente, ainda vou ouvir por muito tempo isso. São Luiz tem potencial para ser melhor. Porém, não sei até quando vai continuar restrito ao Carnaval, Festa do Divino que são as festas de maior destaque do município. (Comerciante 2).

Ainda estamos engatinhando nessa questão turística. Hoje caiu uma barreira na estrada Ubatuba, estando bloqueada. O comércio de São Luiz vai sentir, pois a gente ainda é refém da estrada. O turismo durante o ano sobrevive com o movimento do litoral e a cidade é carente turisticamente, falta uma somatória de coisas. Cada um anda por si, um faz uma pousada, restaurante, mas não tem um trabalho coletivo para trazer o turista durante o ano todo, foca mais no Carnaval. (Comerciante 1).

Nos relatos da Comerciante 2 e a Comerciante 1, observa-se a dependência econômica do comércio local em relação ao fluxo de turistas que se destinam a Ubatuba. Eles destacam que as mudanças de governo e a falta de continuidade nas administrações municipais frequentemente comprometem o desenvolvimento de ações para promover o turismo. Também mencionam a ausência de uma colaboração efetiva entre os comerciantes locais e a administração municipal para manter o incentivo ao turismo durante todo o ano.

A Comerciante 2 reconhece o impacto positivo do Carnaval, que atrai muitos turistas, mas acredita que seria benéfico promover outras manifestações culturais ao longo do ano.

Deveria ter uma temporada de Carnaval, com blocos após o dia de Reis e ir até a terça feira de Carnaval. E brincar em cima disso, vender em cima disso, diluindo o turismo e não só no Carnaval. Mas as pessoas não se deram conta disso, eu acho importante. Poderia ser melhor para as pessoas e o comércio,

se tivesse uma temporada de Carnaval, no período de Carnaval (janeiro/fevereiro), poderia ser melhor explorado. (Comerciante 2).

O Comerciante 1 também defende a ideia de que se realize eventos ligados ao Carnaval em datas diferentes, o que permitiria maior participação dos moradores e atrair mais turistas para conhecer os valores culturais do Carnaval de São Luiz do Paraitinga:

Ainda temos que melhorar com os blocos com mais estrutura, trabalhar o turismo o ano inteiro, não só no Carnaval. Fazer o Festival de Marchinhas não se tornar um grande Carnaval, fazer uns eventos diferenciados, como o bloco Encuca a Cuca já está fazendo, tem o dia dele que sai bem antes do Carnaval. Ter outros dias para outros blocos se apresentarem ao público fora da temporada de Carnaval e contar a sua história, pois na data do Carnaval no Brasil todo tem Carnaval. E os agentes culturais que trabalham no Carnaval, não têm tempo para virem aqui. Se tiver uma temporada de Carnaval, fora da data do Carnaval, outros agentes culturais podem vir conhecer o Carnaval daqui. Eu acho que esse é o caminho... a gente consegue melhorar mais turisticamente. (Comerciante 1).

Já a Artesã 2, além de insatisfação com as políticas de turismo em São Luiz do Paraitinga, expressa descrença numa mudança do atual quadro:

É uma cidade turística, só que está deixando a desejar muita coisa. Os bares, os restaurantes quem compra mais é o turista, é muito caro. Eu acho que deveria ter mais coisas pra nós aqui em São Luiz. Se é uma cidade turística, deveria ter mais atrativos o ano todo, mas não tem, é sempre aquelas mesmas coisas. (Artesã 2).

Observa-se na expressão da Artesã 2 um certo pessimismo, refletindo um cansaço em relação à "mesma cena de novela", em que o turismo está predominantemente focado no Carnaval. Além de reiterar que o Carnaval não integra o luizense de maneira geral, ela também acrescenta que há uma elevação do custo de vida durante o evento, quando o preço de alguns produtos básicos se tornaria inacessível para os moradores locais. Esse descontentamento evidencia a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e diversificada para o turismo, que vá além do Carnaval e beneficie a comunidade de forma mais equitativa.

A Funcionária Pública 2 enfatiza que a atividade turística de São Luiz do Paraitinga pode ser aprimorada com o trabalho conjunto entre a administração municipal e a comunidade local. Ela acredita que a colaboração efetiva entre esses grupos é essencial para o desenvolvimento de um turismo mais sustentável e benéfico para todos.

Já estive devagar, mas acho que vai melhorar. Eu acho que deveria ter uma comissão, pegar as pessoas do bairro e ver com elas o que seria melhor pra melhorar o turismo em São Luiz o ano todo. Pois cada um conhece o seu problema [...] eu acho que o Carnaval, Festa do Divino, Rodeio, tudo... se tiver uma organização sai, chama os turistas. Mas a única festa que vem bastante turistas é o Carnaval. (Funcionária Pública 2).

A Funcionária Pública 2 demonstra empolgação em melhorar a atividade turística de São Luiz do Paraitinga, com a esperança de que o município seja destacado não apenas pelo Carnaval, mas também por outras festas. Ela e sua família obtêm uma importante fonte de renda com o Carnaval conforme já relatado em outros momentos, e acredita que aumentar as oportunidades de eventos com maior movimento de turistas ao longo do ano poderia beneficiar a economia local.

A Funcionária Pública 2 também destaca a importância de uma administração municipal que atue de maneira democrática, ouvindo a população para buscar melhorias na atividade turística. Ela expressa orgulho ao recordar um momento em que o Carnaval de São Luiz foi destacado em rede nacional pela emissora de televisiva Globo, mencionando com alegria:

Teve um Carnaval nosso que apareceu na rede Globo, o Wiliam Bonner falando de São Luiz, eu adorei! (Funcionária Pública 2).

Essa exposição na mídia trouxe para a Funcionária Pública 2 um sentimento de maior identificação e satisfação como luizense, evidenciado em sua expressão de alegria ao relatar o evento: “Carnaval nosso.” Ela ressalta a importância dos meios de comunicação na promoção do Carnaval de São Luiz, destacando como essa visibilidade beneficia turisticamente a cidade, o que, por consequência, dá a ela a oportunidade de melhorar sua renda familiar.

Apesar do foco principal desta pesquisa não ser a atividade turística no município de São Luiz do Paraitinga, os relatos dos participantes destacam uma insatisfação generalizada com as políticas públicas destinadas a fomentar o turismo, não apenas durante o Carnaval, mas também em outras festividades ao longo do ano. Nesse contexto, realizou-se uma pesquisa no Portal da Câmara Municipal (<https://www.camarasaoluizdoparaitinga.sp.gov.br/>) abrangendo o período de 01 de janeiro de 2015 a 01 de janeiro de 2025, visando verificar os projetos de lei aprovados relacionados ao turismo e à cultura no município. A análise da legislação municipal utilizando a palavra-chave “turismo” revelou a existência de leis direcionadas à festa do Carnaval. Um exemplo é a Lei nº 1954/2019, que estabelece o sistema de estacionamento remunerado de veículos em vias e logradouros públicos de entrada de veículos e alternativas de

turismo nos dias de Carnaval, vigente desde 2005 e com valores de taxas atualizados ao longo do período de pesquisa (Município Da Estância Turística De São Luiz Do Paraitinga, 2019). A pesquisa também identificou a criação do FUMTUR em parceria com o COMTUR, por meio da Lei nº 1936/2018, com o objetivo de coordenar e administrar recursos para favorecer a atividade turística no município (Município Da Estância Turística De São Luiz Do Paraitinga, 2018). Outro projeto de lei localizado nessa pesquisa foi a Lei de Preservação Cultural e Ambiental nº 1859/2017, que institui a Taxa de Preservação Ambiental e de Conservação do Patrimônio Histórico e Cultural, com o objetivo de preservar e conservar o patrimônio cultural e ambiental do município (Município Da Estância Turística De São Luiz Do Paraitinga, 2017). Além das leis mencionadas anteriormente, outra legislação municipal criada e em vigor se relaciona com a Festa do Divino, especificamente o AFOGADO. A Lei nº 2223/2022 declara esse prato típico da festa e seu modo de preparo como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial, valorizando esse símbolo na festividade do município (Município Da Estância Turística De São Luiz Do Paraitinga, 2022). Outros eventos como Serestas, Contação de Histórias, Gastronomia também foram objeto de projetos de lei, sendo incluídos no calendário turístico oficial do município. Além disso, observa-se o tombamento de Capelas em áreas rurais, o que pode favorecer o turismo rural.

Ao direcionar a pesquisa para o Portal da Prefeitura (<https://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/>) na seção de Turismo e Cultura, é possível observar que o calendário anual festivo é divulgado, juntamente com informações sobre os atrativos do centro histórico e de natureza, com destaque para o Parque Estadual da Serra do Mar/Núcleo Santa Virgínia, que oferece atividades de monitoria de trilhas e o turismo de aventura praticado junto a uma empresa particular de rafting. Além disso, o portal apresenta os atrativos turísticos rurais em alguns bairros, incluindo cavalgadas, visita às fazendas e alambique. Em relação ao cronograma das festividades, o Portal da Prefeitura apresenta os endereços das redes sociais com a programação completa das festas que estão ocorrendo no momento. A partir do filtro dessas pesquisas pode-se observar que tanto o Portal da Câmara Municipal quanto o Portal da Prefeitura confirmam o que as narrativas de luizenses destacam, que o Carnaval e a Festa do Divino são as festas que ganham um maior foco nas políticas públicas do município, podendo ser um fator que interfira nessa sazonalidade do turismo.

4.3 O TURISMO NO CARNAVAL PARA O LUIZENSE

Nesse tópico é analisado a evolução do turismo em São Luiz do Paraitinga desde a década de 1980 até o ano de 2024, considerando diversos aspectos: a infraestrutura do município, a participação dos turistas, e o envolvimento da população local durante o Carnaval. Este envolvimento é considerado tanto do ponto de vista econômico quanto em termos de engajamento cultural e social.

Além disso, a pesquisa aborda a perspectiva dos habitantes de São Luiz do Paraitinga sobre a atividade turística no município. Isso inclui uma avaliação crítica sobre como o Carnaval tem moldado a narrativa de luizenses em relação ao turismo e quais são suas expectativas e propostas para aprimorar o desenvolvimento turístico, tanto durante o Carnaval quanto em outras épocas do ano.

Nos últimos vinte anos, a cidade de São Luiz do Paraitinga tem recebido um número cada vez maior de visitantes durante o Carnaval. A multidão de turistas espalhada pelas ruas do Centro Histórico destoa da atmosfera intimista das décadas de 80 e 90, quando, segundo Silva e Vieira (2016), havia um protagonismo das famílias luizenses. A Comerciante 2, a Artesã 1 e a participante Artesã 2 relatam algumas vivências desse período:

Na pré-adolescência, lembro que a gente saía com os amigos, os pais já deixavam a gente ir aos blocos. Os primeiros blocos foram o Encuca a Cuca e o Juca Teles. A gente fazia fantasia para o Encuca a Cuca, ainda não tinha fantasia para o Juca Teles, que era uma temática de roupa mais leve para molhar, que o pessoal jogava água. Não tinha a preocupação com protetor solar, a roupa era mais para molhar. À noite, pra pular no Cuca, tinha que fazer uma fantasia, uma capa, uma roupa preta, comprar o crachá e participar do bloco. (Comerciante 2).

Antigamente o Carnaval era para a gente. A gente participava, era outro Carnaval, era bem diferente, as mães entravam com criança, participavam, era gostoso. (Artesã 2).

Quando era um Carnaval, mais antigo, mais família, eu participava. Só que foi crescendo, as coisas mudaram. (Artesã 1).

A Comerciante 2 também destaca as boas lembranças do Carnaval de São Luiz na década de 1990:

Na adolescência, meus pais ficaram sócio de uma padaria, eu trabalhava na padaria e ainda ajeitava o horário para eu conseguir pular o Carnaval durante o dia, durante a noite. Ainda não tinha esse formato que é hoje, era bem menos gente. Daí dava pra sair num bloco, corria e voltava para trabalhar, voltava de fantasia pra trabalhar as vezes. (Comerciante 2).

Referindo-se ao mesmo período, o participante Comerciante 1 também relata que se percebia uma maior participação da população local no bloco do Caipira:

O pessoal do bairro começou a participar do bloco que saía da Várzea dos Passarinhos, trazendo broto de abóbora, broto de chuchu, broto de bambu, de hortaliças... e apareceu um casal, vestido de noivos que iria se casar no bloco, virou uma coisa junina. (Comerciante 1).

Esses momentos relatados pelos participantes reafirmam o que Canclini (1982, p. 54) apresenta na sua pesquisa de campo em povoados do México nos anos de 1977 a 1980: “[...] a festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais [...]”

Referindo-se às décadas de 1980 e 1990, a Comerciante e o Comerciante 1 relatam que os foliões se concentravam em bairros como o Benfica, o Alto do Cruzeiro e a Várzea dos Passarinhos, para depois avançar às ruas do Centro Histórico. Observa-se que durante os depoimentos os entrevistados evocam a memória afetiva, revivendo com prazer os momentos em que preparavam as fantasias, as brincadeiras que surgiam durante o trajeto dos blocos, cuja mobilidade ainda não era restrita pelas grandes aglomerações.

Fica evidente nos relatos a ideia de apropriação do espaço, as práticas e os usos cotidianos dos indivíduos atribuindo significados às ruas, praças e casario da cidade de São Luiz do Paraitinga. Certeau (1998) define o espaço como uma entidade abstrata e impessoal, enquanto “lugar” é o espaço a que se atribuiu valores culturais. A caminhada pelas ruas de uma cidade pode sugerir novas formas de viver e experimentar o espaço, destoando mesmo dos propósitos específicos para que foram planejadas. Essas práticas cotidianas, Certeau (1998) dá o nome de “táticas”, constroem narrativas e atribuem significação aos lugares a partir da experiência dos indivíduos. Segundo Certeau (1998), o uso cotidiano do espaço por parte das pessoas pode, inclusive, opor resistência aos sistemas de regulação e controle exercidos pelo poder nos espaços públicos e privados. Do qual Certeau (1998), destaca:

Esses praticantes da cidade, que conhecemos, vivem abaixo do limiar ao qual seus próprios mapas administrativos os detêm. Eles são caminhantes, cuja cidade é feita para andar. Eles compõem um romance pormenorizado sobre sua cidade, uma escrita pejada de histórias, e evocam dela outro espaço: o espaço do jogo, do gozo e do ‘furtivo’ do texto. São, de fato, os invisíveis aos planejadores. Pois mesmo que se tente acorrentar seus passos no espaço geométrico, o andar é, no entanto, uma prática fugidia. Ele inventa maneiras de transcender as vias programadas e os ordenamentos das instituições. Nesses

gestos simples, residem as mil maneiras de resistir e de subverter. (Certeau, 1998, p. 189).

O Historiador destaca a necessidade de o visitante entender a combinação entre música, cenário e imaginário popular para que se valorize a singularidade da cultura de São Luiz do Paraitinga.

Tem pessoas que vem para São Luiz para escutar as músicas que falam das lendas locais, personagens de ônibus, personagens do Juca Teles. Vem atrás de um microcosmos: tem uma fantasia diferente (muito bonita, colorida), tem o cenário da cidade. Quando a gente fala do Carnaval de São Luiz, a gente está mostrando o melhor que São Luiz tem: tem tudo ali dentro: os blocos, as bandas, o cenário, uma música diferenciada. É uma força cultural muito grande o Carnaval de São Luiz! (Historiador).

O participante Funcionário Público 1 destaca que a presença de turistas no Carnaval de São Luiz do Paraitinga valorizava o evento, mas sugere que a massificação do evento pode gerar alienação em relação à identidade do Carnaval de São Luiz do Paraitinga. Fica evidente em sua fala que há duas fases distintas do Carnaval. A primeira corresponde aos anos iniciais, quando um grupo seletivo de turistas se engajava aos blocos conhecendo a cultura luizense e os modos de expressão do Carnaval da cidade. A segunda corresponde às últimas décadas, em que a expressão carnavalesca do luizense teria sido eclipsada por uma multidão de turistas, em sua maioria mais afeitos aos ditames da cultura de massa que ao imaginário caipira proposto pelos blocos locais.

Foi ficando bem divertido quando a gente via que ia crescendo. Você está ali tocando, num ano tem 10 pessoas, no outro 40, no outro 120... Nós fomos vítimas da nossa própria vaidade! A gente mesmo faz propaganda do nosso carnaval, mas você sabe para quem você está falando, é o turista que respeita a cidade, ele é até colaborativo. Tem várias pessoas que vêm para o Carnaval de São Luiz e ajudam a organizar, colaboradores, amigos do bloco. Esse entende, é esse que a gente quer. (Funcionário Público 1).

O Comerciante 1 notou que, em geral, o turista das cidades vizinhas assimila mais facilmente o espírito do Carnaval Luizense:

Teve uma época em que o povo que vinha era do Vale do Paraíba, esse povo tinha conhecimento da nossa raiz. Já vinham fantasiados de chitão, que é a base do nosso Carnaval: calça de chitão, vestido, tiaras, chapéu. (Comerciante 1).

Nos relatos acima, percebe-se a importância de atrair ao município o turista que valoriza a cultura, reconhece a importância do patrimônio histórico e, em muitos casos, se solidariza com a própria organização do Carnaval luizense, conjunto de características que remete ao conceito de turismo sustentável. Leite (2010, p. 30) destaca que a atividade turística sustentável deve incorporar valores que evitem prejuízos e crescimento desordenado, preservando tanto a qualidade do meio ambiente quanto a qualidade de vida das pessoas.

De acordo com Leite (2010, p. 21): “O fenômeno turístico é antigo em São Luiz do Paraitinga e, em suas origens, está ligado a atrativos naturais, como rios e cachoeiras, à tranquilidade rural e a festas religiosas”. O crescimento do Carnaval em São Luiz do Paraitinga, especialmente após a cidade ser declarada Estância Turística em 2002, fomentou um aumento significativo no turismo durante o período carnavalesco. Esse aumento anual da afluência de visitantes superou a capacidade de acolhimento da cidade, gerando uma série de impactos. A aglomeração crescente alterou o modelo original do Carnaval, transformando a dinâmica de participação tanto dos turistas quanto dos moradores locais. Esta mudança é evidenciada nos relatos do Funcionário Público 1 e do Historiador, que destacam as transformações observadas ao longo dos anos.

Mas tem a cultura de massa, é indomável, como o joio e o trigo, o trigo e o joio. No fim, o trigo vai ficando maior. A questão do turista que vem para o Carnaval é sempre um problema a ser resolvido. Daí vem o pessoal da violência, vem o pessoal da droga, vem aquele que nem sabe o que está acontecendo, vem porque é muvuca. (Funcionário Público 1).

O Carnaval cresceu muito, às vezes falta a estrutura da cidade: opção para comer, falta água, a sujeira feita na cidade. E quando cresce muito, muitas pessoas vêm não só pela cultura diferenciada do Carnaval, mas por ser massificado. (Historiador).

Para o Funcionário Público 1 e o Historiador, o turismo massivo em uma cidade pequena como São Luiz do Paraitinga exigiria uma infraestrutura que a cidade tinha dificuldade em oferecer. No começo deste século, não havia um planejamento adequado para o turismo, o que resultou em desafios significativos para a gestão do evento.

Além dos esforços em oferecer uma estrutura adequada à nova demanda de turistas, havia também a preocupação com a descaracterização da expressão carnavalesca. Enquanto os turistas das décadas de 1980 e 1990 eram atraídos pelos blocos e marchinhas tradicionais de São Luiz do Paraitinga, no início do século XXI os novos visitantes demonstravam mais afinidade com Carnaval massificado, forçando caminho por gêneros musicais e danças que destoavam do Carnaval Luizense. Leite (2014, p. 23;25) aborda a importância de a atividade do

turismo estar relacionada ao desenvolvimento sustentável, as políticas públicas desenvolvendo ideias e ações a longo prazo, visando a um crescimento econômico que não ofereça risco aos patrimônios cultural, histórico e natural.

O Comerciante 1 também destaca o poder da mídia na divulgação do Carnaval de São Luiz ultrapassando fronteiras nacionais e a massificação do Carnaval luizense:

Em 2003 teve a notícia no *New York Times*, e a gestão municipal investiu no Carnaval com um caminhão mais profissional, tipo trio elétrico. Quando passou a notícia no *New York Times*, não havia Carnaval em São Paulo e em vários outros municípios. Mas daí vinham grupos de universitários, que faziam trote em São Luiz do Paraitinga, pessoas saindo nuas para a rua. Eles não tinham noção nenhuma do que estava acontecendo em São Luiz, saíam com uma buzina fazendo barulho na cidade, desvalorizando completamente a nossa história, chegando a intimidar gente da nossa cidade. Um público achando que o dinheiro era a força do comando: nós estamos pagando, nós temos o direito! Tendo essa coisa errada da cidade de exploração comercial. (Comerciante 1).

E a participante Artesã 1 relata esse momento desconfortável que a população luizense presenciou com esse turismo massivo no Carnaval:

Teve um tempo que ficou muito pesado! Faltava respeito, muita gente não respeitava nada. (Artesã 1).

O Funcionário Público 1 também relata esse desconforto ao se referir aos turistas que passaram a participar do Carnaval, alguns alugavam casas desrespeitando os moradores locais:

Uma vez eu estava no ônibus e tinha um pessoal vindo para cá, falando entre eles: Aqui tudo pode! Vizinhos com desrespeito, obscenidades. (Funcionário Público 1).

Relatos do Comerciante 1 e da participante Artesã 1 sugerem que a expansão do turismo de massa se interpôs entre o morador de São Luiz do Paraitinga e as narrativas e símbolos atribuídas ao lugar. Diluída na multidão, a população luizense não reconhece a própria cidade. Santos (1996) apresenta a ideia de que o espaço, enquanto instância da sociedade, é uma instância de alienação, não se guiando pelas necessidades coletivas, mas em função do interesse de grupos específicos. Apropriado de maneira desigual, o espaço alienado converte-se na expressão material das relações de poder e dominação:

Isso que estamos vivendo no presente momento histórico, em virtude desse distanciamento e dessa esquizofrenia no processo criador dos eventos, é o que se poderia chamar de alienação regional ou alienação local [...] os grandes decisores, os governos, as empresas multinacionais, as organizações internacionais, as grandes agências de notícias, os chefes religiosos... A escolha do homem comum, em muitas das ações que empreende, é limitada. Frequentemente, o ator é apenas o veículo da ação, e não o seu verdadeiro motor. (Santos, 1996, p. 51).

Quando se trata da participação dos luizenses no Carnaval nas últimas décadas, as expressões dos entrevistados tornam-se mais enfáticas, especialmente ao abordar a descaracterização do evento em São Luiz do Paraitinga no contexto do turismo de massa. Embora reconheçam a importância de um Carnaval massivo para a geração de renda, os entrevistados manifestam desconforto em relação ao impacto das megaestruturas de entretenimento, que, segundo eles, podem comprometer a participação da população local em sua própria festa. Segundo Canclini (1983, p. 125), fenômeno análogo, teria acontecido na ilha Janitzio, no estado de Michoacán, do qual Canclini (1983) se refere:

Janitzio é um exemplo extremado desta tendência do capitalismo em secularizar os acontecimentos tradicionais, mas resgatando os seus signos se adequados para a ampliação dos lucros. [...] Os ingredientes da festa tradicional (as danças e a ornamentação do povoado) passam a ser uma parte complementar ou decorativa, da festa atual. Tanto nas antigas festas indígenas como nas da colônia a celebração ritual, o acontecimento cultural ou religioso era acompanhado por atividades comerciais, mas que estavam integradas à vida e às necessidades da região. (Canclini, 1983, p. 124).

À parte a discussão sobre o formato do evento e suas implicações para a cultura luizense, uma parcela do comércio de São Luiz do Paraitinga tem buscado amadurecer sua relação com o Carnaval. Segundo a Comerciante 2, há uma tentativa de aumentar os ganhos durante o mês de fevereiro de forma mais consistente e duradoura, tomando o cuidado, inclusive, de se evitar um vínculo de dependência com o evento:

Falando da questão econômica, acredito que a gente que tem o comércio se organiza melhor. Tem sempre o risco de haver enchente e ser cancelado o Carnaval. Eu me organizo de acordo com o Carnaval que vai ter. Diferente daquele que abre o barzinho só para esse momento. (Comerciante 2).

Leite (2014, p. 31) enfatiza a importância de se planejar um turismo de modo sustentável, aborda que foi a partir de 1984 que a Organização das Nações Unidas (ONU) passou a se preocupar com o turismo sustentável, criando uma Comissão Mundial sobre Meio

Ambiente e Desenvolvimento, entre os objetivos destaca-se: “Elevar os níveis de compreensão e engajamento de indivíduos, organizações voluntárias, empresas, institutos e governos, com relação aos problemas ambientais e de desenvolvimento”.

Observa-se nesses relatos que os participantes são favoráveis à elaboração de um plano de ação abrangente, que contemple os âmbitos econômico, ambiental e cultural. Esse plano deve atuar tanto em nível individual quanto coletivo, conscientizando não apenas a população em geral, mas também grupos que, direta ou indiretamente, se beneficiam da atividade turística em São Luiz do Paraitinga. O objetivo é alinhar o turismo com práticas sustentáveis. Conforme Leite (2014):

[...] o desenvolvimento sustentável busca harmonizar o aspecto econômico, em que o financeiro não seja o mais importante. [...] a participação dos atores envolvidos em uma ação é de fundamental importância. A abertura para o diálogo para que se possa alcançar um consenso que irá beneficiar todas as dimensões e a identificação dos atores e a promoção do diálogo vem a ser uma das bases desse conceito. (Leite, 2014, p. 24-25).

Como já abordado no tópico anterior, são poucos os projetos de lei criados favorecendo o turismo em São Luiz. Buscar ações que envolvam a população de São Luiz do Paraitinga na discussão de maneiras para promover um turismo sustentável não apenas durante o Carnaval, mas também em outras atividades ao longo do ano, é uma iniciativa crucial como destaca Leite (2014), cada indivíduo tem sua responsabilidade no processo de construção do desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, embora o aspecto econômico seja importante para impulsionar a economia do município, focar exclusivamente nele pode não favorecer a construção de um turismo sustentável. Conforme relatam alguns participantes, o Carnaval de São Luiz do Paraitinga já presenciou, em alguns anos, um turismo que se mostrou contraditório aos objetivos propostos para a sustentabilidade.

Através das análises das narrativas percebe-se que durante o Carnaval, a atmosfera de São Luiz do Paraitinga é transformada, assemelhando-se à de uma metrópole, com um grande fluxo de turistas que se tornam os "habitantes" temporários da cidade. Esses visitantes circulam pelas ruas, supermercados, padarias e restaurantes, gerando filas significativamente mais longas do que o habitual. De acordo com Certeau (1998, p.174), a cidade se torna um palco de constantes transformações e adaptações, refletindo o dinamismo da modernidade. Assim é São Luiz durante esses dias, conforme relata a Artesã 2:

Muda bastante a rotina, a gente vai no comércio para comprar as coisas, fica lotado, aqueles turistas comprando cerveja e outras coisas. Nós daqui quando não tem Carnaval é outra vida, não é como está agora. Mas eu acho que o Carnaval é mais para o pessoal de fora, nós que somos daqui a gente fica mais dentro de casa, a gente vê o Carnaval. Mas é bom, mas antigamente era melhor, era só pessoal daqui. (Artesã 2).

A Figura 22 ilustra essa alteração do espaço e da rotina durante o Carnaval que a Artesã 2 destaca. Algumas pessoas adaptam suas casas ou pontos comerciais em bares, buscando obter renda com o turismo gerado pelo evento.

Figura 22 – Cafeteria adaptada em bar



Fonte: Arquivo da autora (fev. 2024).

O Comerciante 1 também destaca seu sentimento durante o Carnaval de 2009:

Houve uma superlotação da cidade, nós ficamos como lagartixa grudado na parede no Carnaval. Ganhamos muito dinheiro, vendemos muito nesse Carnaval de 2009, mas foi um horror! Assustou o povo da cidade, foi um Carnaval que viu de tudo sem pudor, sem respeito com as pessoas. O povo da cidade não saía com medo, e o povo da zona rural nem vinha mais. Ou olhava e ia embora. (Comerciante 1).

Percebe-se no relato da Artesã 2, que São Luiz do Paraitinga durante o Carnaval torna-se irreconhecível para ela, bem diferente da cidade que ela reside no decorrer do ano. O Comerciante 1, chega a se lembrar até o ano que o Carnaval de São Luiz do Paraitinga parecia ter se perdido: a perda dos valores culturais, a perda dos moradores e turistas que se identificavam com o Carnaval de blocos e marchinhas, que se misturavam com uma maioria que não entendia de nada.

Segundo Canclini (1982, p. 125), a exploração turística do Dia dos Mortos em Janitzio carregou consigo uma invasão de cor, luz e som, o impacto da prática mercantil atuando como um agente de descaracterização das festas religiosas de integração dos povoados. Em São Luiz do Paraitinga, apesar do crescimento do turismo durante o Carnaval de blocos e marchinhas, os valores culturais associados ao evento não são substituídos por outros estilos de Carnaval. Contudo, os relatos do Comerciante 1 e da Artesã 2 revelam um sentimento de ruptura identitária ao se referirem ao Carnaval de 2009, indicando uma falta de integração dos luizenses com o modelo de Carnaval massificado que emergiu.

A fala da participante Funcionária Pública 2 destoa da visão apresentada pela Artesã 2 e pelo Comerciante 1:

Eu não tive problema com nenhum turista, eu alugo a minha casa, alugo o campo para camping, não tivemos problemas nenhum. Pelo contrário viramos uma família, todos que alugaram ano passado já reservaram para o próximo Carnaval. (Funcionária Pública 2).

A fala da Funcionária Pública 2 alinha-se com o que Canclini (1982, p. 124) destaca sobre as festas tradicionais de Janitzio, onde a religião cristã adapta suas procissões ao interior dos templos, cedendo o espaço das ruas para comerciantes externos. Esse movimento de adaptação é vivenciado pela Funcionária Pública 2 e sua família durante o Carnaval, quando saem de suas casas, alugam-nas, e adaptam os terrenos para estacionamento e camping, integrando visitantes de fora. No relato da Funcionária Pública 2, observa-se uma expressão de satisfação ao receber turistas, já que o turismo no Carnaval proporciona renda para ela e sua família. Para a Funcionária Pública 2, o Carnaval é uma oportunidade de trabalho e de integração com outras pessoas.

A Comerciante 2 relembra diferentes momentos e perfis de turistas durante o Carnaval de São Luiz do Paraitinga até o ano de 2010, quando o município foi vítima da maior enchente de sua história, resultando no cancelamento do evento:

A gente já teve uma época que o Carnaval estava bem restrito aos luizenses, famílias de luizenses. Depois, passou a ter mais visibilidade, e pessoas vinham para cá, pois falavam que era legal. Vinham sem saber o que ia acontecer por aqui. E a gente foi nesse boom até acontecer a grande enchente. (Comerciante 2).

Conforme relata a Comerciante 2, em 2010, São Luiz do Paraitinga enfrentou um dos momentos mais desafiadores de sua história, quando uma enchente atípica assolou o município. Segundo informações da Folha de São Paulo (2023), o rio Paraitinga registrou uma elevação de doze metros, praticamente engolindo a parte mais baixa do centro histórico e as margens da cidade.

Os danos foram devastadores: casas desmoronaram e outras, embora tenham resistido, não escaparam das perdas materiais e afetivas. O patrimônio histórico, composto por casarões e igrejas do século XIX, também foi severamente afetado, resultando em uma perda irreparável de parte da história da cidade. Este evento histórico deixou marcas profundas na comunidade de São Luiz do Paraitinga, alterando não apenas a paisagem física, mas também a vida e as tradições locais.

Em meio a uma verdadeira calamidade pública, a festa carnavalesca foi suspensa, deixando a cidade em estado de desolação. Com muitos luizenses afetados pela tragédia, a comunidade enfrentava meses de árdua reconstrução, tanto material quanto psicológica.

Figura 23 – Escombros da Igreja Matriz de São Luiz do Paraitinga - Objetos encontrados na Igreja Matriz



Fonte: Santos (2010).

A participante Comerciante 2 que vivenciou essa fase de reconstrução:

Na enchente, estávamos começando a nos reorganizar. Nesse processo, ficamos de janeiro de 2010 a fevereiro de 2011 para reabrir a padaria, o que ocorreu durante o Carnaval. Como o centro foi afetado pelo desastre da enchente, o Carnaval foi realizado no Benfica. Assim, iniciamos outro ciclo: quem estava aqui buscava um pouco de diversão. Foi um Carnaval maravilhoso, considerando as circunstâncias. Passamos por um momento muito tenso na época da enchente de 2010, mas ainda houve espaço para realizar o Carnaval, que é um catalisador de vários sentimentos. As pessoas esperam por esse momento de extravasamento, é algo que fica latente. (Comerciante 2).

Para Canclini (1983, p. 54), "o que motiva a festa está vinculado à vida comum do povo". O relato da Comerciante faz sentido à essa afirmação, pois o Carnaval de São Luiz representa os valores culturais dos luizenses. Mesmo em meio à reconstrução da cidade após a enchente, o evento encoraja e une o luizense, organizando o Carnaval. Isso remete aos primeiros anos da festa, quando havia menos turistas e maior participação dos moradores locais. Os luizenses se adaptaram ao novo trajeto do cortejo dos blocos, em um bairro mais afastado do centro histórico. Assim, o Carnaval foi realizado sem os inconvenientes dos anos anteriores à

enchente, mas com muita diversão e alegria, como fica evidente na forma de expressão da Comerciante 2.

Contrastando com o relato da Comerciante 2, no mesmo ano, o Funcionário Público 1 registrou uma conversa que teve após o cancelamento do Carnaval com um luizense que via o evento oficial, organizado pelo poder público, como uma oportunidade significativa de geração de renda, mesmo diante de um cenário de reconstrução da cidade.

Eu vi aqui certa vez, meu vizinho que ficou muito chateado por não ter Carnaval, porque ele abria estacionamento só no Carnaval. E ali ele saía do Carnaval com um dinheiro extra. Eu falei para ele:

_Não está dando mais para ter Carnaval, está insustentável!

Ele falou:

_São só 4 dias.

Ele precisa do dinheiro, ele suporta os estúpidos mexerem com as nossas filhas, desrespeitarem. Aqui na rua todo mundo alugava casa, o pessoal vinha sem entender nada. (Funcionário Público 1).

O Comerciante 1 se posiciona de forma contrária ao modo como alguns luizenses se envolvem com o turismo durante o Carnaval.

Os mais velhos não gostam do Carnaval, acham que poderiam ser excluídos da cidade. Mas gostam do ganho, entendem que o Carnaval é importante para ganhar e acabam prejudicando a cultura da cidade. Por exemplo, pessoas que alugam a sua casa por 10 mil reais, não têm casa que valha esse valor! A pessoa aluga, mas coloca 30, 40 pessoas na casa com 1 banheiro. Com isso já vê que começa um processo de fazer coisa errada, e isso vai somar num prejuízo para o Carnaval: pessoas que vêm para a cidade, que não têm noção nenhuma, vêm para cá [...] enfim, vem aquele bando de molecada, que não conhece nada, que só vem para comer, beber e vai embora e deixa a sujeira para trás. (Comerciante 1).

Observa-se nos relatos do Funcionário Público 1 e do Comerciante 1 que ambos destacam como alguns moradores veem o Carnaval como uma oportunidade para a geração de renda. No entanto, eles também apontam que essa perspectiva pode ter consequências negativas para o município e seus habitantes. Isso se manifesta através de pessoas que não valorizam a cultura de São Luiz, desrespeitam os moradores e causam danos à cidade. O Comerciante 1 enfatiza a importância de uma conscientização por parte dos luizenses para repensar essa forma de atuação econômica durante o Carnaval, visando uma atividade turística que valorize mais a cultura local e melhore a qualidade de vida da população.

Leite (2014, p. 29) destaca a importância de um plano de desenvolvimento sustentável integrado à atividade turística, uma vez que o desenvolvimento sustentável busca, entre outros

objetivos, o respeito às pessoas, a integridade do meio ambiente, a justiça e a democracia. Desenvolver um turismo sustentável durante o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, incorporando esses princípios, e conscientizar a população sobre a importância de uma atuação sustentável é fundamental para melhorar a qualidade de vida dos moradores e proporcionar uma experiência positiva aos turistas. Leite (2014, p. 30) afirma: “Um dos valores do desenvolvimento sustentável é o da responsabilidade universal, que vem a ser o sentido de responsabilidade pelo papel que desempenha e por todos os impactos que pode provocar a nível global.”

Considerando o contexto do turismo no Carnaval ao qual Leite (2014) se refere, observa-se a importância de todos os envolvidos na construção de um turismo sustentável. Não se trata apenas da ação daqueles que ocupam funções na gestão turística do município, mas também da conduta de cada indivíduo com seu comércio, aluguel de casas de temporada e atividades comerciais temporárias. As ações de todos podem impactar de maneira positiva ou negativa, tornando a responsabilidade de promover um turismo sustentável um caminho crucial a ser percorrido.

A participante Comerciante 2 aborda o primeiro Carnaval oficial após a enchente de 2010, realizado em 2012, mencionando o retorno da presença do turista negativo para São Luiz:

Em 2012, começou aquele boom de Carnaval, o pessoal que vinha achava que era como aquele Carnaval de antes da enchente, lotado de turistas e um pouco de bagunça. (Comerciante 2).

No relato, nota-se que ela destaca como, em 2012, o turismo voltou a trazer alguns desconfortos.

Além dos desafios impostos pela enchente de 2010, que causou danos irreparáveis à cidade e levou ao cancelamento do Carnaval, outras tragédias afetaram São Luiz do Paraitinga nos anos seguintes, resultando na não realização do Carnaval oficial em 2020, 2021 e 2023. De acordo com G1 Vale do Paraíba e Região (2021; 2024b), a pandemia de Covid-19, que assolou o mundo inteiro, foi a causa da interrupção das festividades em 2020, 2021 e 2022. Como resultado, a presença de turistas no Carnaval foi impedida por medidas de segurança sanitária. Para mitigar a ausência das tradicionais celebrações, algumas iniciativas foram adotadas, como a transmissão online das bandas de marchinhas, seguindo rigorosas medidas sanitárias. Enquanto os músicos se adaptavam aos novos protocolos, o público acompanhava os espetáculos com segurança em suas casas, numa tentativa de aliviar o peso da tristeza que permeava o mundo naquele momento.

Mais uma vez, em 2023, o Carnaval oficial de São Luiz do Paraitinga não pôde ser realizado devido às fortes chuvas que atingiram o município em janeiro. O distrito de Catuçaba, localizado a dezoito quilômetros do centro da cidade, foi afetado por uma enchente de grandes proporções. De acordo com informações do G1 Vale do Paraíba e Região (2023), os rios Chapéu e Pinga deixaram aproximadamente setecentas pessoas desabrigadas, em condições precárias e enfrentando perdas materiais significativas. Diante dessa situação, a administração municipal decretou estado de calamidade pública.

Os esforços da administração, inicialmente voltados para a organização do Carnaval no centro da cidade, foram redirecionados para ajudar os habitantes de Catuçaba afetados pela enchente. Inicialmente, foi anunciado o adiamento do Carnaval para o feriado de 21 de abril de 2023, com uma duração prevista de três dias. No entanto, a festa não se concretizou conforme o planejado.

Desde 2020, o tradicional Carnaval de São Luiz do Paraitinga, com seus blocos e apresentações das bandas locais de marchinhas, não acontecia nas ruas da cidade, e o grande movimento de turistas não ocorria. No entanto, parte da população, insatisfeita com a ausência da festa, uniu-se e organizou o Carnaval de forma independente. A participante Estudante destaca esse momento em seu relato:

E os blocos de rua o povo se organiza, pega os bonecos, não precisa ser o responsável pelo bloco (bloco oficial). Qualquer um que estiver na rua pode ir puxando algum bloco, isso é muito interessante, bem liberal, bem integrativo. (Estudante).

A participante Comerciante 2 também ressalta esse momento:

Em 2023, não teve o Carnaval, mas os luizenses fizeram o Carnaval não oficial e foi muito bom! Viram que é possível realizar o evento sem a organização da prefeitura, embora com riscos e trabalho. Mas esse movimento das pessoas é sempre muito importante. (Comerciante).

Os relatos da Estudante e da Comerciante 2 indicam que o Carnaval não oficial de 2023, organizado pela comunidade de São Luiz, motivou a participação de muitos luizenses e trouxe algum movimento de turistas. Embora tenha ocorrido sem grandes aglomerações, o evento respeitou a organização local.

O caráter espontâneo do renascimento do Carnaval de São Luiz do Paraitinga em 2023 vai ao encontro com as observações que Canclini (1982, p. 54) fala sobre as celebrações

populares: “As festas camponesas, de raízes indígenas, coloniais, e ainda as festas religiosas de origem recente são movimentos de unificação comunitária para celebrar acontecimentos ou crenças surgidos da sua experiência cotidiana com a natureza e com outros homens (quando nascem da iniciativa popular) [...]”.

Os relatos da Comerciante 2 e da Estudante estão alinhados com o que Canclini destaca, indicando que as festas originadas do povo têm um valor significativo na unificação da comunidade e na identificação cultural. A Figura 24 ilustra esse momento de unificação, com músicos, foliões luizenses e turistas expressando a cultura do Carnaval de São Luiz do Paraitinga durante o Carnaval não oficial de 2023:

Figura 24 – Carnaval não oficial de São Luiz do Paraitinga



Fonte: Arquivo da autora (fev. 2023).

Rapidamente, as ruas se encheram de foliões como apresenta a Figura 24, alguns vestidos com trajes típicos do Carnaval de São Luiz, como chitão, cartolas, tiaras e roupas de retalhos. O Carnaval não oficial seguia seu curso, e a imprensa televisiva logo estava presente, destacando São Luiz do Paraitinga com sua banda improvisada, blocos e boneções percorrendo

as ruas. A cobertura atraiu alguns turistas, embora em número relativamente menor do que no Carnaval oficial.

Como pesquisadora irei relatar algumas observações de campo no mês de janeiro de 2024, mês que antecede o Carnaval, estando a cidade de São Luiz já influenciada pelo clima carnavalesco. Essa metodologia, de acordo com Minayo (2002), favorece ao pesquisador obter informações no espaço que se encontra a população pesquisada, complementando com os dados obtidos pela pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas.

A praça do centro histórico sediou o 39º Festival de Marchinhas Carnavalescas, que se estendeu por três finais de semana consecutivos de janeiro antes das festividades de Carnaval. Durante o festival, costureiras e artesãos locais exibiram suas criações em barracas e lojas, incluindo roupas de chitão, retalhos e fitas, além de acessórios como cartolas, máscaras e tiaras, todos seguindo o estilo característico do Carnaval luizense. O evento animou o público com novas composições musicais e atraiu muitos turistas.

Figura 25 – Artesãos em São Luiz do Paraitinga com suas barracas vendendo roupas para o Carnaval



Fonte: Arquivo da autora (jan. 2024).

Na segunda metade de janeiro de 2024, um evento aguardado pelos foliões ganhou destaque: o batismo do boneco Bicho Papão, promovido pelos responsáveis pelo bloco Encuca a Cuca, que apresentou seu novo membro. Em um sábado animado, a população local e turistas se reuniram no bairro do Alto do Cruzeiro para celebrar o pré-Carnaval. O boneco foi apresentado na escadaria do bairro, seguido por outros bonecos do bloco e uma banda de chão. Moradores e alguns turistas acompanharam o cortejo, evidenciando o espírito festivo que já permeava a comunidade como mostra a Figura 26:

Figura 26 – Batismo do Bicho Papão, dias que antecedem o Carnaval



Fonte: Arquivo da autora (jan. 2024).

Conforme informações da Secretaria de Cultura de São Luiz do Paraitinga (2024) no início de fevereiro de 2024, após três anos de interrupção, o Carnaval oficial de São Luiz do Paraitinga voltou a acontecer, marcando cinco dias de intensa folia e atraindo uma grande quantidade de turistas. A festa começou na sexta-feira e se estendeu até a terça-feira, com a participação de 26 blocos e 13 bandas.

Os turistas chegavam à cidade. Estacionamentos particulares incluíam terrenos, grandes quintais e até oficinas mecânicas temporariamente transformadas em áreas de estacionamento. Conforme relata a Funcionária Pública 2:

Eu faço estacionamento no meu terreno, eu recebo gente de todo lugar. (Funcionária Pública 2).

Além disso, havia a opção de estacionar nas ruas públicas mediante o pagamento de taxas, como a zona azul e, também, a taxa de preservação ambiental. Essas taxas foram introduzidas em 2020 e entraram em vigor a partir de 2024, visando garantir a organização e a conservação do Patrimônio Histórico e Cultural, bem como a segurança dos foliões durante as festividades, conforme informações do site da Prefeitura (2024).

Figura 27 – Cobrança de Taxas de Proteção Ambiental (TPA) e de Zona Azul no Carnaval

VALORES DA TAXA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL		VALORES DA TAXA DE INGRESSO E PERMANÊNCIA (TAXA TURISMO)			
	MOTOCICLETA, MOTONETA, BICICLETA A MOTOR E SIMILARES	RS10,00			
	VEÍCULOS DE PEQUENO PORTE (PASSEIO, AUTOMÓVEIS)	RS25,00		VEÍCULOS DE EXCURSÃO (VANS)	RS150,00
	VEÍCULOS UTILITÁRIOS (CAMINHONETE E FURGÃO)	RS25,00		MICRO-ÔNIBUS	RS250,00
	VEÍCULOS DE EXCURSÃO (VANS)	RS50,00		ÔNIBUS	RS350,00
	CAMINHÕES E MICRO-ÔNIBUS	RS75,00	VALORES DA ZONA AZUL		
	ÔNIBUS	RS100,00		CICLOMOTOR	RS15,00
				VEÍCULOS DE PASSEIO	RS50,00

* Validade de 24 horas

MUNICÍPIO DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA

Fonte: G1 Vale do Paraíba e Região (2024a).

De acordo com Leite (2014, p. 29): “O conceito de desenvolvimento sustentável reúne respeito ao próximo, justiça, integridade ecológica, não violência e democracia. Vem a ser um conceito que luta pelos direitos de todos, de forma a fazer que o direito de um não interfira ou fira o direito do outro”. Assim, algumas medidas implementadas pela gestão turística do município, como a cobrança de taxas dos turistas que participam do Carnaval de São Luiz do Paraitinga, visam promover o turismo sustentável, conforme é destacado nos Artigos 2º e 3º da Lei nº 1859, de 02 de outubro de 2017, que institui a Taxa de Preservação Ambiental:

Art. 2º - A TAXA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E DE CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL tem

como fato gerador o exercício regular do poder de polícia municipal em matéria de proteção, preservação e conservação do meio ambiente e do patrimônio histórico e cultural, incidente sobre o trânsito de veículos na infraestrutura implantada para o acesso e fruição do patrimônio ambiental, histórico e cultural municipal.

Art. 3º - A TAXA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E DE CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL tem como base de cálculo o custo estimado da atividade administrativa em função da degradação e impacto causados pelo excesso de pessoas e a circulação de veículos. (Município Da Estância Turística De São Luiz Do Paraitinga, 2017).

Essas ações têm como objetivo direcionar recursos para a conservação do Patrimônio Histórico e Cultural, bem como garantir a segurança dos participantes durante esse evento festivo.

A participante Artesã 1 expressa sua satisfação com o planejamento do Carnaval, que inclui a cobrança de taxas dos turistas:

Eu acho que o fato de as pessoas deixarem o carro fora, cobrar as taxas para entrar aqui, mudou bastante o ambiente. Via que era um ambiente diferente. Melhorou, antes estava insuportável! Esse ano estava excelente! (Artesã 1).

A cidade se reorganizava para atender à grande demanda de pessoas que circulavam durante os cinco dias de Carnaval. Próximo à Igreja Matriz, conforme ilustrado na Figura 28 abaixo, foi criada uma área destinada à alimentação, com vendedores oferecendo lanches, pastéis, doces e bebidas. As pessoas se acomodavam nas calçadas e nas escadarias da igreja para se alimentarem. Algumas necessitavam de atendimento médico devido ao calor ou ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

Figura 28 – Entorno da igreja Matriz e nova função de *fast food*



Fonte: Arquivo da autora (fev. 2024).

Além disso, havia aqueles que preferiam apenas observar o movimento. Conforme argumenta Canclini (1982, p. 125), o espetáculo ocorre também em relação ao turista: “Os turistas também são um espetáculo para os habitantes que ‘vão à praça’ pela curiosidade de ver os estranhos, de ver algo estranho”. Em alguns momentos, era possível observar essa situação em São Luiz do Paraitinga, onde pessoas se reuniam nas janelas e portas das casas, movidas pela curiosidade de presenciar algo diferente.

Figura 29 – Moradores observando o movimento do Carnaval



Fonte: Arquivo da autora (fev. 2024).

A participante Artesã 1 destacou que a organização do Carnaval pela gestão municipal foi crucial para melhorar o turismo em São Luiz do Paraitinga:

Eu, pelo menos, estou acompanhando desde o início, e este ano de 2024 foi de um nível muito bom. O Carnaval estava muito bem programado, com horários definidos para as bandas e blocos. (Artesã 1).

De acordo com Leite:

[...] o turismo responsável, apresenta-se como uma alternativa para o desenvolvimento do turismo baseado não apenas na conservação dos atributos ambientais dos locais em que o mesmo pode vir a ser implantado, mas também na melhoria das condições socioeconômicas das suas comunidades. Assim, ao desenvolvê-lo, é imprescindível adotar ações direcionadas ao seu planejamento e gestão, visando minimizar os impactos que a atividade turística exercerá sobre o local. (Leite, 2014, p. 33).

No Carnaval de 2024, além dos tradicionais blocos de rua e das apresentações das bandas na praça de eventos, bares e restaurantes espalhados pela cidade contrataram músicos locais para se apresentarem em seus estabelecimentos. Conforme o relato da participante Artesã 1, essa estratégia contribuiu para uma melhor distribuição do público, que se programava e participava das diversas atrações. Tais ações, planejadas pelos comerciantes, buscaram minimizar os impactos da grande aglomeração de pessoas em um único espaço e favorecer uma melhor condição econômica, ao comercializar produtos para os turistas.

O Funcionário Público 1 destaca que os períodos de interrupção do Carnaval de São Luiz do Paraitinga permitiram que o evento fosse repensado:

Com as paradas do Carnaval, está melhorando. E esse ano de 2024 que teve menos turistas, o povo parece que gostou mais, alguns falam que gostaram. Ele gosta, eu gosto, só que ninguém suporta do jeito que era antes, com desrespeito. Acho que até as pessoas preferem ganhar menos, mas ter mais satisfação. (Funcionário Público 1).

Também relata o Comerciante 1:

Neste ano de 2024, o pessoal achou que foi com menos pessoas, o comércio ganhou menos. Mas eu considero mesmo como comerciante que foi bom! (Comerciante 1).

De acordo com Leite (2014, p. 31) o turismo deve integrar uma sustentabilidade sociocultural, em que o desenvolvimento favoreça uma melhor qualidade de vida das pessoas, preservando a cultura, os valores morais da comunidade, fortalecendo a identidade da população. Observa-se nos relatos da participante Artesã 1, do Funcionário Público 1 e do Comerciante 1, que o turismo no Carnaval de 2024 proporcionou uma sustentabilidade sociocultural, foi mais bem planejado pela gestão municipal e comércios, mesmo com bastante turistas destacam que havia um número menor do que em outros anos, mas respeitando a população local, em que a insegurança, os incômodos se mostraram amenizados. Os comerciantes que sempre esperam pelo Carnaval para obterem um maior rendimento nesse período, mostraram-se satisfeitos, como o próprio Comerciante 1 destacou.

Ao realizar a pesquisa de campo, pude observar durante as manhãs e tardes pequenos blocos carnavalescos não oficiais que emergiam de forma espontânea, reunindo alguns músicos e desfilando pelas ruas da cidade. Entre esses blocos destacavam-se o "Bloco do Bar do Sérgio" e o "Bloco do Sapé". Com pouca divulgação prévia, suas aparições surpreendiam quem passava

pela rua, atraindo a atenção principalmente das famílias e das crianças. Durante a noite, na praça de eventos, situada nas proximidades da rodoviária, bandas locais interpretavam marchinhas, predominantemente compostas por artistas de São Luiz do Paraitinga, embora também incluíssem obras de compositores de outras regiões, preservando o estilo tradicional das marchinhas luizenses. As apresentações tinham início à meia-noite e se estendiam até altas horas da madrugada, atraindo um público significativo. A segurança era estrategicamente posicionada para atuar em eventuais situações de conflito.

Paralelamente, no calçadão próximo à capela das Mercês, ocorriam apresentações de uma banda local, contratada por estabelecimentos comerciais, como bares, restaurantes e lanchonetes. A aglomeração neste local era menor em comparação à praça de eventos, sendo composta majoritariamente por famílias. Em contraste, a praça de eventos atraía um público composto principalmente por turistas, adolescentes e jovens.

A Comerciante 2 observa que o Carnaval de 2024 apresentou características distintas dos anos anteriores, notadamente pela maior participação de famílias, de moradores locais e pelo fortalecimento das medidas de segurança.

Esse ano de 2024, deu pra perceber uma maior participação das famílias, e de crianças que tomaram frente no Carnaval. O meu filho mesmo, conseguiu participar com a turminha dele, sem a tia, sem o pai, sem ninguém acompanhando todo o trajeto que ele resolvia fazer. Ele teve a liberdade de ir e vir, e não teve nenhum problema graças a Deus! Foi um Carnaval bem tranquilo, foi um Carnaval familiar [...] A gente fica mais aliviado, a mentalidade das pessoas parece estar realmente pensando em aproveitar o Carnaval. A gente via muito mais pessoas fantasiadas, menos brincadeiras ofensivas. É um novo ciclo. (Comerciante 2).

Percebe-se no relato da Comerciante 2, assim como no de outros participantes, uma satisfação com a evolução do turismo durante o Carnaval. Esse sentimento se traduz na crença de que o evento está se tornando mais favorável para a participação das famílias, garantindo liberdade e segurança, além de respeitar o espaço de convivência dos moradores de São Luiz do Paraitinga. Os turistas, ao adotarem as fantasias e chitões do Carnaval local, demonstram uma valorização da cultura luizense. Essa atitude sinaliza um movimento em direção à construção de um turismo sustentável durante o Carnaval, que valoriza e dialoga com as tradições culturais da cidade.

Outra questão que a Estudante e o Historiador relataram foi a de que o Carnaval impulsiona o turismo permanente no município, atraindo visitantes que, muitas vezes, não

conheciam São Luiz do Paraitinga e que passam a frequentar a cidade em outros períodos, fora dos eventos festivos. Alguns turistas desenvolvem uma identificação tão forte com o município que decidem adquirir imóveis para aluguel definitivo ou para uso próprio, visitando São Luiz regularmente.

Tem turistas que vem aqui desde 2010, e já tem casa aqui, justamente pelo Carnaval, já criou um vínculo com os próprios luizenses, são amigos. Eu acho isso muito legal! (Estudante).

Tem pessoas que conheceram São Luiz no Carnaval, gostaram da cidade e alugam, compram até casa, sítio, ou até moram aqui hoje. (Historiador).

Em alguns casos, esses visitantes chegam a optar por fixar residência na cidade. De acordo com os participantes, esses turistas desenvolvem um sentimento de pertencimento ao lugar, nutrindo uma afeição pelo espaço e identificando-se com a cultura local e com a população de São Luiz do Paraitinga.

O Historiador ressalta a importância do turismo durante o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, destacando como esse evento proporciona o reconhecimento e a valorização da história cultural do município por parte de visitantes. Alguns desses turistas desenvolvem uma conexão tão profunda com a cidade que começam a se sentir como luizenses, integrando-se à comunidade local e, eventualmente, tornando-se residentes.

Hoje em dia tem um movimento muito forte de pessoas que moravam em cidades grandes e estão se mudando para São Luiz em busca de um modo de vida mais tranquilo, mas tem inúmeras cidades que têm esse perfil de São Luiz. O que diferencia São Luiz dessas cidades é a cultura. E o carro chefe que mostra São Luiz para fora é o Carnaval. (Historiador).

Ao analisar os relatos, observa-se um consenso sobre a importância do turismo durante o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, destacando a geração de recursos financeiros que beneficia comerciantes, músicos locais, trabalhadores temporários, redes hoteleiras e moradores que alugam imóveis ou atuam em comércios temporários. Contudo, a análise também revela que o crescimento contínuo do número de turistas tem criado desafios para a sustentabilidade do evento.

Em contrapartida, vem ganhando força uma visão mais otimista em relação aos últimos carnavais. Alguns participantes admitem que a gestão turística municipal tem feito progressos na organização do evento, com ênfase em melhorias na infraestrutura e na segurança, beneficiando tanto os visitantes quanto a população local, promovendo uma maior participação da comunidade local e o retorno de um perfil mais familiar ao evento.

Também há um consenso de que São Luiz do Paraitinga é reconhecida como uma Estância Turística, valorizada por seu patrimônio cultural material e imaterial. No entanto, a maioria dos entrevistados expressam insatisfação com a atuação do comércio relacionado ao turismo, a gestão turística municipal e até mesmo com os moradores que alugam seus imóveis. Eles destacam que, embora haja um grande investimento durante os dias de Carnaval, faltam investimentos contínuos em eventos culturais ao longo do ano. Essa lacuna impede não apenas o estímulo econômico constante para o município, mas também a integração da população local com os turistas em outras festividades, limitando o potencial para atrair e engajar visitantes em diferentes épocas do ano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do problema da pesquisa sobre o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, que nas últimas décadas tem apresentado uma ampliação expressiva do contingente de turistas e da hibridação cultural, buscou-se através das narrativas de luizenses verificar o entendimento que os luizenses têm em relação ao Carnaval de São Luiz do Paraitinga, considerando a importância cultural, econômica e social desse evento. Através da análise dos relatos observou-se que a maior parte de luizenses se identificam com o Carnaval e percebem a importância e a riqueza cultural presente nessa festa.

Durante as entrevistas a maioria dos participantes se refere aos símbolos e suas manifestações através das canções e blocos de rua, destacando os vínculos com as práticas cotidianas do luizense que ressignificam os valores da cultura popular. Além disso, as análises possibilitaram discutir como o crescimento do número de turistas vem tensionando o sentimento de pertencimento dos luizenses em relação ao Carnaval, colocando em xeque a preservação de sua identidade cultural.

Conforme observado pela maioria dos participantes, a história do Carnaval das Marchinhas de São Luiz do Paraitinga está plasmada à formação identitária da comunidade luizense. Observou-se que os símbolos representados no Carnaval, seja nas canções, nas figuras dos bonecos, nas fantasias, decorações, do cortejo dos blocos, estão intimamente vinculados à tradição musical marcial e a elementos de outras festividades, como as festas religiosas de tradição seculares: Festa do Divino e Semana Santa. O Carnaval emerge como uma fonte de inspiração e realização artística, permitindo que a história cultural da comunidade luizense seja contada reiteradas vezes por meio da música e dos bonecos gigantes que desfilam pelas ruas.

Alguns participantes ressaltaram que o Carnaval também desempenha um papel significativo para a formação cultural e identitária das novas gerações: crianças luizenses encantam-se com os bonecos, interagem com as canções e demonstram curiosidade em conhecer a história por trás dessas figuras, o que contribui para o fortalecimento da identidade cultural local e na manutenção dessa tradição.

O Carnaval de São Luiz do Paraitinga é um exemplo paradigmático da dupla influência da globalização sobre as culturas periféricas. Por um lado, a globalização impõe uma lógica de homogeneização que submete as culturas locais ao padrão das culturas hegemônicas, ameaçando a diversidade cultural. Os meios de comunicação e as novas tecnologias exercem

uma grande influência nesse processo, reforçando estereótipos e pressionando a cultura popular para guetos.

No entanto, por outro lado, a globalização também permite que as culturas periféricas sejam redefinidas e reafirmadas por meio das dinâmicas de recombinação, hibridação e ressignificação do imaginário, das crenças e dos valores. Essa capacidade de recombinação e ressignificação é o que torna uma cultura relevante e viva, permitindo que ela se adapte às mudanças do presente com uma possibilidade de continuidade de futuro sem descaracterizar-se.

Nesse sentido, o Carnaval de São Luiz do Paraitinga se destaca na sua particularidade de forma criativa e inovadora. A cidade é um laboratório vivo de hibridação cultural, onde as tradições locais se encontram com as influências globais. Por outro lado, em alguns momentos as falas dos entrevistados evidenciaram a tensão entre a preservação da identidade cultural local e a influência dos fluxos globais, que podiam ameaçar a particularidade da cultura popular presente no Carnaval. No entanto, observou-se que as marchinhas de Carnaval de São Luiz do Paraitinga não perderam seu valor, mas se transformaram e se moldaram, incorporando outros ritmos e valorizando essa tradição.

Ao mesmo tempo que as influências globais valorizavam o Carnaval, a intensificação das redes de telecomunicação divulgando o Carnaval para o mundo passou também a preocupar os luizenses, aliado ao aumento do número de turistas alheios aos valores culturais locais, resultou em situações que, além de provocar desconforto e insegurança, inibiram a participação de alguns luizenses no evento. Em contrapartida, para alguns, a massificação do Carnaval gerou oportunidades econômicas relevantes, especialmente para comerciantes e residentes que adaptaram suas casas para comércio temporário ou locações de temporada, aguardando com expectativa essa época do ano.

Por outro lado, alguns participantes observaram que, nos últimos anos, o turismo durante o Carnaval tem se desenvolvido de maneira mais planejada, algumas ações alinhando-se, inclusive, com o conceito de turismo sustentável. Há uma expectativa de que esse progresso se mantenha, com a continuidade das iniciativas que visam preservar e transmitir os valores culturais do Carnaval de São Luiz do Paraitinga às novas gerações. Alguns participantes destacaram também a relevância do papel das escolas na construção desse conhecimento, uma vez que, conforme expressões destacadas por eles nas entrevistas, "o luizense é o seu maior patrimônio".

Nesse contexto, o Carnaval desempenha um papel significativo para a formação cultural e identitária das novas gerações, favorecendo a construção de modo lúdico e despertando a curiosidade em conhecer a história por trás desses símbolos. Isso contribui para o fortalecimento da identidade cultural local e na manutenção das culturas populares no Carnaval.

REFERÊNCIAS

Ab'Sáber, A. N. **Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Adorno, T. **Indústria cultural e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

Alluci, R. R. **Carnaval de São Luiz do Paraitinga: conflito entre isolamento e abertura da cidade**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/handle/handle/12873>. Acesso em: 1 abr. 2023.

Allucci, R. R.; Schicchi, M. C. S. São Luiz do Paraitinga: o imaginário fundacional e suas projeções. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 27, p. 1-34, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02672019v27e15>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/cmhfQg9vGR3WTz9Kcn4rKTS/?lang=pt>. Acesso em: 1 abr. 2023.

Arantes, A. A. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

Bloco do Barbosa. **DESAFIO DO DIA... Será que você consegue adivinhar qual ano foi esse?**. São Luiz do Paraitinga, 30 jul. 2020. Instagram: @blocodobarbosa. Disponível em: www.instagram.com/mundoenkukakuka?igsh=b2JzMnp2MzRvzGU5. Acesso em: 4 set. 2024.

Bonafé, Odilon. **Bandeira do Divino recoberta por fotos, objetos e fitas com pedidos de graças**. mai. 2022a. 1 fotografia. Arquivo pessoal.

Bonafé, Odilon. **Benção do Afogado do Divino**. mai. 2022b. 1 fotografia. Arquivo pessoal.

Bosi, A. **Dialética da colonização**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Bosi, A. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

Botossi, J. S. **A dimensão da cultura na construção do desenvolvimento local: análises e perspectiva sobre economia criativa em Taubaté**. 2020. Dissertação (Mestrado em Gestão de Desenvolvimento Regional) – Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2020.

Brisola, E. M. A; Marcondes, N. A. V. Análise por triangulação e métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista UNIVAP online**, v. 20, n. 35, p. 201-208, 2014. DOI: <https://doi.org/10.18066/revunivap.v20i35.228>. Disponível em: <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/228>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Caipira Mazzaropinho. **Ele viu ele com a vaca: seu Bozó, conheceu Mazzaropi**. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (5 minutos e 54 segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GVjFAnJd240>. Acesso em: 6 set. 2024.

Campos, B.; Frade, G.; Lica; Santos, N. (Composição). **Morro da Cueca (Mudança)**. Intérprete: Grupo Paranga. [s.d.], on-line. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/paranga/morro-da-cueca-mudanca/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

Canto e Sabor do Brasil. Canto e Sabor do Brasil especial de carnaval recebe o Grupo Paranga. **TV Brasil**, [on-line], 11 fev. 2024, 11:30. Disponível em: www.tvbrasil.ebc.com.br/canto-e-sabor-do-brasil/2024/02/canto-e-sabor-do-brasil-especial-de-carnaval-recebe-o-grupo-paranga. Acesso em: 6 set. 2024.

Canclini, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

Canclini, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Cândido, A. C. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: 34, 1997.

Cascudo, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

Certeau, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Diniz, A. Legado de Elpídio dos Santos mantém Vanguarda Paulista caipira em ação. **Carta Capital** [on-line], 19 out. 2019, 00:30. Disponível em: www.cartacapital.com.br/cultura/legado-de-elpidio-dos-santos-mantem-vanguarda-paulista-caipira-em-acao/. 2019. Acesso em: 6 set. 2024.

Fernandes, S. Prefeitura de São Luiz do Paraitinga barra e patrocinadora cancela shows. **G1 Vale do Paraíba e Região**, [on-line], 17 jan. 2013, 18:53. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2013/01/prefeitura-de-sao-luiz-do-paraitinga-barra-e-patrocinadora-cancela-shows.html>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Folha de São Paulo. O som do Vale do Paraíba na versão do Paranga. *In: Exposição 40 anos de Marchinhas em São Luiz do Paraitinga*. Museu Dr. Oswaldo Cruz, São Luiz do Paraitinga, set. 2024.

Frade, A.; Egypto, L.; Bombril, R. (Composição). **Dona Maria**. Intérprete: Grupo Paranga. [s.d.], on-line. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/paranga/dona-maria/>. Acesso em: 6 set. 2024.

Frade, G. **Perdizes / Compasso de Espora / Superstar**. Intérprete: Grupo Paranga. Porque hoje é Carnaval, 1993. Suporte: 6 minutos e 26 segundos. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/4LdzLsDF9uED6ZzVMlHr56>. Acesso em: 6 set. 2024.

G1 Vale do Paraíba e Região. Carnaval 2019: São Luiz do Paraitinga divulga programação da folia; confira. **G1 Vale do Paraíba e Região**, 14 fev. 2019, 10:29. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/carnaval/2019/noticia/2019/02/14/carnaval-2019-sao-luiz-do-paraitinga-divulga-programacao-da-folia-confira.gh.html>. Acesso em: 7 abr. 2023.

G1 Vale do Paraíba e Região. São Luiz do Paraitinga cancela folia de carnaval por causa da pandemia de Covid-19. **G1 Vale do Paraíba e Região**, 10 jan. 2021, 09:05. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2021/01/10/com-pandemia-sao-luiz-adia-carnaval-de-marchinhas-para-outubro.ghtml>. Acesso em: 3 abr. 2024.

G1 Vale do Paraíba e Região. São Luiz do Paraitinga adia carnaval após chuva deixar 700 pessoas desalojadas. **G1 Vale do Paraíba e Região**, 13 fev. 2023, 18:53. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/carnaval/2023/noticia/2023/02/13/sao-luiz-do-paraitinga-adia-carnaval-apos-chuva-deixar-700-pessoas-desalojadas.ghtml>. Acesso em: 3 abr. 2024.

G1 Vale do Paraíba e Região. Carnaval em São Luiz do Paraitinga: confira guia completo da folia com blocos e marchinhas. **G1 Vale do Paraíba e Região**, 8 fev. 2024, 05:02. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/carnaval/2024/noticia/2024/02/08/carnaval-em-sao-luiz-do-paraitinga-confira-guia-completo-da-folia-com-blocos-e-marchinhas.ghtml>. Acesso em: 3 abr. 2024.

G1 Vale do Paraíba e Região. São Luiz do Paraitinga volta a ter folia de carnaval após quatro anos; veja a programação. **G1 Vale do Paraíba e Região**, 9 jan. 2024, 14:13. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2024/01/09/sao-luiz-do-paraitinga-volta-a-ter-folia-de-carnaval-apos-quatro-anos-veja-a-programacao.ghtml>. Acesso em: 3 abr. 2024.

Guimarães, A. C. M; Barja, P. R. A reterritorialização da Marchinha: o carnaval “caipira” de São Luís do Paraitinga. **Revista Extraprensa – Cultura e Comunicação na América Latina**, v. 9, n. 2, p. 128-141, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2016.116809>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/116809/114623>. Acesso em: 22 mar. 2023.

Hall, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

Harvey, D. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.

Hespanhol, J. C. Perfil no LinkedIn. [s.d.]. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/julio-cesar-hespanhol-50622149?originalSubdomain=br>. Acesso em: 6 set. 2024.

Hobsbawm, E. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

I Love You São Luiz Do Paraitinga, SP. São Luiz do Paraitinga. Facebook, 9 ago. 2014. Disponível em: www.facebook.com/saoluizdoparaitingasp. Acesso em: 12 set. 2024.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

Instituto Elpídio dos Santos. Um certo Elpídio. 2020. Disponível em: www.elpidiodossantos.org.br/elpidio-dos-santos. Acesso em: 4 set. 2024.

Instituto Moreira Salles. Confraria Carnaval: as marchinhas de São Luiz do Paraitinga. 2020. Disponível em: <https://www.ims.com.br/eventos/confraria-carnaval-as-marchinhas-de-sao-luiz-do-paraitinga-ims-paulista>. Acesso em: 4 set. 2024.

Lane, S. T. M.; Codo. W (org.). **A psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: brasiliense, 1995.

Le Goff, J. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

Leite, A. L. M. S. **Subsídios para o desenvolvimento sustentável na localidade de São Luiz do Paraitinga**. 2010. Monografia (Especialização em Gestão da Produção) – Universidade do Estado de São Paulo, Guaratinguetá. 2010. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/38675/18/monografia_turismo_sustentavel_SLParaitina_Ana_Leite.pdf. Acesso em: 10 mar. 2024.

Leite, A. L. M. S. **A esfinge de São Luiz do Paraitinga: a (in)sustentabilidade do carnaval**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá, 2014. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/111057>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Marchinhas de Carnaval. **Bloco do Barbosa**. [s.d.], on-line. Disponível em: www.letas.mus.br/marchinhas-de-carnaval/1445106/. Acesso em: 7 out. 2024.

Melhado, N. São Luiz do Paraitinga abre licitação para terceirizar Carnaval em 2016. **G1 Vale do Paraíba e Região**, [on-line], 23 nov. 2015, 19:35. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/11/sao-luiz-do-paraitinga-abre-licitacao-para-terceirizar-carnaval-em-2016.html>. Acesso em: 6 set. 2024.

Minayo, M. C. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2002.

Molina, N. Em São Luiz do Paraitinga, só toca marchinha. **Jornal da Tarde**, Caderno Turismo, São Paulo, 5 fev. 2004. *In*: Exposição 40 anos de Marchinhas em São Luiz do Paraitinga. Museu Dr. Oswaldo Cruz, São Luiz do Paraitinga, set. 2024.

Montero, P. Cultura e comunicação: a tradução cultural e a re-invenção da etnicidade. *In*: Dowbor, Ladislau *et al.* (org.). **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 146-154.

Mundo Enkuka Kuka. **Visita dos alunos da Escola Notre Dame da cidade de Campinas/SP**. São Luiz do Paraitinga, 13 de mai. 2024. Instagram: @mundoenkukakuka. Disponível em: www.instagram.com/mundoenkukakuka?igsh=b2JzMnp2MzRvzGU5. Acesso em: 4 set. 2024.

Município da Estância Turística De São Luiz Do Paraitinga. **Lei nº 1859, de 02 de outubro de 2017**. Institui a Taxa de Preservação Ambiental e de Conservação do Patrimônio Histórico e Cultural no Município da Estância Turística de São Luiz do Paraitinga, e dá outras providências. São Luiz do Paraitinga/SP, 02 out. 2017. Disponível em: <https://saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/site/Leis/2017/1859.pdf>. Acesso em: 4 set. 2024.

Município da Estância Turística De São Luiz Do Paraitinga. **Lei nº 1936, de 06 de novembro de 2018**. Dispõe sobre a criação do FUMTUR – Fundo Municipal de Turismo e Conselho Diretor do FUMTUR. São Luiz do Paraitinga/SP, 06 nov. 2018. Disponível em: <https://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/leis/leis-municipais/lei-1936-de-2018-19146>. Acesso em: 4 fev. 2025.

Município da Estância Turística De São Luiz Do Paraitinga. **Lei nº 1954, de 31 de janeiro de 2019**. Altera dispositivos da Lei Municipal nº nº 1.179, de 28 de novembro de 2005, que institui o sistema de estacionamento remunerado de veículos em vias logradouros públicos, dispõe sobre a entrada de ônibus e alternativos de turismo nos dias de Carnaval no perímetro urbano do Município e dá outras providências. São Luiz do Paraitinga/SP, 31 jan. 2019. Disponível em: <https://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/leis/leis-municipais/lei-1954-de-2019-19164>. Acesso em: 4 fev. 2025.

Município da Estância Turística De São Luiz Do Paraitinga. **Lei nº 2223, de 04 de outubro de 2022**. Que declara o AFOGADO prato típico distribuído na Festa do Divino Espírito Santo e o seu modo de fazer na condição de patrimônio cultural de natureza imaterial e dá outras providências. São Luiz do Paraitinga/SP, 04 out. 2022. Disponível em: <https://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/leis/leis-municipais/lei-2223-de-2022>. Acesso em: 4 fev. 2025.

Passati, C. Livro homenageia jornalista que retratou a importância do caipira para o Brasil. **Blog Terra Cidades**, 6 jul. 2024, 11:46. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/livro-homenageia-jornalista-que-retratou-a-importancia-do-caipira-para-o-brasil,acf0182e8fa85fdbc981d58f16096a1skzq5dy7.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 6 set. 2024.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **São Luiz do Paraitinga (SP)**. [s.d.], on-line. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/388/#:~:text=O%20tombamento%20realizado%20pelo%20Iphan,fases%20de%20sua%20expans%C3%A3o%20urbana>. Acesso: nov. 2024.

Redação Band Vale. Ditão Virgílio, ícone da cultura luizense, morre nessa segunda-feira (26). **Blog UOL Band Vale**, 26 dez. 2022, 15:24. Disponível em: www.band.uol.com.br/band-vale/noticias/ditao-virgilio-icone-da-cultura-luizense-morre-nesta-segunda-feira-26-16570948. Acesso em: 4 set. 2024.

Ribeiro, S. L. R. Narrativas e entrevistas e pesquisas qualitativas: história oral como possibilidade teórico-metodológica. **Revista Ciências Humanas**, v.14, n. 1, p. 1-10, 2012. DOI: <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a724>. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/724>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Salles, L. Tradicional em São Luiz do Paraitinga, banda “Estambelhados” completa 20 anos. **O Vale**, [on-line], 20 jan. 2024, 19:48. Disponível: www.sampi.net.br/ovale/noticias/2811452/vale-do-paraiba/2024/01/tradicional-em-sao-luiz-do-paraitinga-banda-estambelhados-completa-20-anos. Acesso em: 6 set. 2024.

Santos, D. M. 60 anos do falecimento de Monsenhor Ignácio Gioia. **Diocese de Taubaté**, [s.d.]. Disponível em: <http://www.diocesedetaubate.org.br/60-anos-do-falecimento-de-monsenhor-ignacio-gioia>. Acesso em: 4 set. 2024.

Santos, D. M. **Os sentidos da patrimonialização no processo de reconstrução de São Luiz Do Paraitinga**. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2016. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3269976. Acesso em: 1 mai. 2023.

Santos, J. R. C. C. **A cultura como protagonista do processo de reconstrução da cidade de São Luiz do Paraitinga/SP**. 2015. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11042016-105654/>. Acesso em: 6 mai 2024.

Santos, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 1996.

Santos, M. **Escombros da Igreja Matriz de São Luiz do Paraitinga. Objetos encontrados na Igreja Matriz**. USP Imagens, São Paulo, jan. 2010. 1 fotografia. Disponível em: <https://imagens.usp.br/editorias/arquitetura-categorias/sao-luiz-do-paraitinga/attachment/3-3/>. Acesso em: mar. 2024.

Santos, M.; Silveira, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Silva, A. L. **A conveniência da cultura popular: um estudo sobre a pluralidade de domínios, danças devocionais e a ação dos mestres no Vale do Paraíba**. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3312>. Acesso em: 30 jul. 2023.

Silva, D. N. Oswaldo Cruz. **História do Mundo**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/oswaldo-cruz.htm>. Acesso em: 4 set. 2024.

Silva, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

Silva, D. L.; Vieira, M. A. F. A. **São Luiz do Paraitinga, sem rabo e sem chifre: a evolução do carnaval das marchinhas na terra de Juca Teles do Sertão das Cotias**. São Paulo: Edição do Autor, 2012.

UNIFESP - Universidade Federal do Estado de São Paulo. Aziz Ab'Saber. **Ciência e Cientistas brasileiros**. Disponível em: <https://www.cienciaecientistas.unifesp.br/cientistas/aziz-absaber>. Acesso em: 4 set. 2024.

UOL. Amácio Mazzaropi: ator, produtor e diretor paulista. **UOL Educação**, 30 jun. 2011. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/amacio-mazzaropi.htm>. Acesso em: 4 set. 2024.

Vieira, G. Ata da Assembleia Geral de Constituição da ABLOC. In: Associação de Blocos Carnavalescos de São Luiz do Paraitinga I., 2009, São Luiz do Paraitinga.

Vicentini, R. Banda Estrambelhados renova a tradicional marchinha de carnaval; ouça. **Blog UOL Música**, [on-line], 26 set. 2016, 16:43. Disponível em: <https://uolmusica.blogosfera.uol.com.br/2016/09/26/banda-estrambelhados-renova-a-tradicional-marchinha-de-carnaval-ouca/>. Acesso em: set. 2024.

APÊNDICE 1

Roteiro para Entrevista

1. Qual a importância do Carnaval para você como luizense?
2. Para você, qual a importância das marchinhas, dos blocos de rua com os bonecos gigantes para a cultura luizense?
3. Como você vê a participação dos turistas no Carnaval?
4. Você vê São Luiz do Paraitinga como uma cidade turística?

ANEXO 1

Termo de Compromisso da Pesquisadora Responsável

ANEXO 1

TERMO DE COMPROMISSO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Eu, Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola, pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa intitulado: A percepção de luizenses em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga, comprometo-me dar início a este projeto somente após a aprovação do Sistema CEP/CONEP (em atendimento ao Artigo 28 parágrafo I da Resolução Resolução 466/12).

Em relação à coleta de dados, eu pesquisadora responsável, asseguro que o caráter de anonimato dos participantes desta pesquisa será mantido e que as suas identidades serão protegidas.

As fichas de registro e/ou outros documentos não serão identificados pelo nome.

Manterei um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os Termos assinados pelos participantes serão mantidos em confiabilidade estrita, juntos em um único arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 05 anos.

Asseguro que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Assentimento (TA, quando couber), Termo de Uso de Imagem (TUI, quando couber) e TI (Termo Institucional, quando couber).

Comprometo-me apresentar o relatório final da pesquisa, e os resultados obtidos, quando do seu término ao Comitê de Ética - CEP/UNITAU, via Plataforma Brasil como notificação.

O sistema CEP-CONEP poderá solicitar documentos adicionais referentes ao desenvolvimento do projeto a qualquer momento.

Estou ciente que de acordo com a Norma Operacional 001/2013 MS/CNS 2.2 item E, se o Parecer for de pendência, terei o prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir da emissão na Plataforma Brasil, para atendê-la. Decorrido este prazo, o CEP terá 30 (trinta) dias para emitir o parecer final, aprovando ou reprovando o protocolo.

Taubaté, ____ de _____ de 2024.


Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola



ANEXO 2

Termo de Autorização do Uso de Voz

ANEXO 2

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ

Eu _____, CPF _____,
RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso da minha voz e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola, residente na Avenida Voluntário Benedito Sérgio, nº 1085, Estiva – Taubaté-SP, telefone (12) 99600-2223, do projeto de pesquisa intitulado: “A percepção do luizense em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga”, pesquisa realizada pela mestrandia da Universidade de Taubaté, rua Visconde do Rio Branco, 210 – Centro – Taubaté/SP a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. O projeto busca compreender a percepção do luizense em relação ao Carnaval, a despeito da importância cultural do evento e da alcunha de capital das Marchinhas conquistada pelo município. A pesquisa envolve riscos a partir da coleta dos relatos, os quais serão amenizados por meio do sigilo das identidades dos participantes e pela escolha do local da entrevista que se dará na própria empresa. A pesquisa contribui para a produção de conhecimento para a comunidade acadêmica, para os trabalhadores e empresa, que poderão ter acesso aos seus resultados, após a conclusão dos resultados da pesquisa. A mesma poderá ter seus resultados publicados em periódicos acadêmicos. Cabe ressaltar que a utilização das falas e voz será realizada de forma a assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou dos trabalhadores e empresa, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros. Sempre que os achados da pesquisa puderem contribuir para a melhoria das condições de vida da coletividade, os mesmos serão comunicados às autoridades competentes, bem como aos órgãos legitimados pelo Controle Social, preservando, porém, assegurando para que os participantes da pesquisa não sejam estigmatizados. Em qualquer momento da pesquisa você poderá decidir retirar o seu consentimento e deixar de participar da mesma.

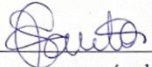


Ao mesmo tempo, libero a utilização da minha fala, voz e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 466/12.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3622-4005, e-mail: cep.unitau@unitau.br.

() Autorizo a utilização da minha voz:

Taubaté, _____ de
_____ de 2024



Pesquisadora responsável pelo projeto

Participante da Pesquisa

ANEXO 3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisa: A percepção de luizenses em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga

Orientadora: Prof. Dra. Rachel Duarte Abdala

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “**A percepção de luizenses em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola. Nesta pesquisa pretendemos investigar os valores culturais do tradicional carnaval de São Luiz do Paraitinga e a expansão do turismo, considerando as transformações socioeconômicas pelas quais o município passou durante a contemporaneidade e sua relação no modo de vida da população local. As entrevistas serão analisadas, comparadas e sintetizadas buscando compreender a questão norteadora da pesquisa, sobre a percepção de luizense em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga .

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem com a construção de conhecimento científico que apresente os resultados das análises investigativas sobre a percepção que o morador de São Luiz tem em relação a umas das maiores manifestações culturais do município, obtendo informações sobre os valores culturais do tradicional carnaval e a expansão do turismo e os riscos se apresentam como: emocionais, que dependendo dos depoimentos concedidos podem desencadear ansiedade, desconforto . Entretanto, para evitar que ocorram danos a identidade dos participantes da pesquisa será mantida em sigilo, além disso o local da realização das entrevistas será realizada pelo participante para que se sinta seguro e confortável, em que o pesquisador fará do momento um ambiente de escuta sem pré-julgamentos. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo, procedimentos que visem à reparação e o direito a buscar indenização.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, (qualquer custo de deslocamento para o local da entrevista ou provedor de internet para comunicação será ressarcido pela pesquisadora), assim como despesas desencadeadas por danos psicológicos, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para



recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr. (a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone “(12) 99600-2223”, inclusive a partir de ligações a cobrar, e-mail “sheilacasc@gmail.com”, ou endereço institucional. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3622-4005, e-mail: cep.unitau@unitau.br

A pesquisadora responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12


Sheila Cristina Cardoso dos Santo Ciola

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador (a) do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**A percepção de luizenses em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Taubaté, _____ de _____ de 2024.

Assinatura do (a) participante

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso do menor entre 11 a 17 anos)

Pesquisa: A percepção de luizenses em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga

Orientadora: Prof. Dra. Rachel Duarte Abdala

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**A percepção de luizenses em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola. Nesta pesquisa pretendemos investigar os valores culturais do tradicional carnaval de São Luiz do Paraitinga e a expansão do turismo, considerando as transformações socioeconômicas pelas quais o município passou durante a contemporaneidade e sua relação no modo de vida da população local. As entrevistas serão analisadas, comparadas e sintetizadas buscando compreender a questão norteadora da pesquisa, sobre a percepção de luizense em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga.

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem com a construção de conhecimento científico que apresente os resultados das análises investigativas sobre a percepção que o morador de São Luiz tem em relação a umas das maiores manifestações culturais do município, obtendo informações sobre os valores culturais do tradicional carnaval e a expansão do turismo e os riscos se apresentam como: emocionais, que dependendo dos depoimentos concedidos podem desencadear ansiedade, desconforto. Entretanto, para evitar que ocorram danos a identidade dos participantes da pesquisa será mantida em sigilo, além disso o local da realização das entrevistas será realizada pelo participante para que se sinta seguro e confortável, em que o pesquisador fará do momento um ambiente de escuta sem pré-julgamentos. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo, procedimentos que visem à reparação e o direito a buscar indenização.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Mas se houver algum gasto que ocorra porque você está participando da pesquisa (como, por exemplo, passagem de ônibus ou refeição), esse valor será devolvido aos seus pais pela pesquisadora Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola.



Ninguém pode forçar você a participar deste estudo e você tem toda a liberdade de deixar de participar do estudo a qualquer momento e isso não irá te causar nenhum problema.

Seu nome e o nome de seus pais/responsáveis não serão divulgados em nenhum momento e suas informações serão analisadas junto com as de outros participantes.

Se você entender que teve algum problema relacionado direta ou indiretamente com a sua participação nessa pesquisa você tem assegurado **o direito de buscar indenização (reparação)**. Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa estiver terminada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Para qualquer outra informação você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone **(12) 99600-2223, inclusive ligações à cobrar, e/ou por sheilacasc@gmail.com.**

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um grupo de pessoas que avalia se essa pesquisa apresenta algum problema ético, ou seja, algum problema como a participação não obrigatória, a garantia de não se identificar os participantes, entre outras informações. Se você tiver alguma dúvida a esse respeito, eles também podem te ajudar. Para isso consulte o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3622-4005, e-mail: cep.unitau@unitau.br.

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.



Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de





assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Taubaté, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do (a) menor

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
RESPONSÁVEL PELO MENOR**

Pesquisa: A percepção de luizenses em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga
Orientadora: Prof. Dra. Rachel Duarte Abdala

O Sr.(a) responsável pelo menor está sendo informado sobre o consentimento do convidado(a) menor a participar como voluntário(a) da pesquisa “**A percepção de luizenses em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola. Nesta pesquisa pretendemos investigar os valores culturais do tradicional carnaval de São Luiz do Paraitinga e a expansão do turismo, considerando as transformações socioeconômicas pelas quais o município passou durante a contemporaneidade e sua relação no modo de vida da população local. As entrevistas serão analisadas, comparadas e sintetizadas buscando compreender a questão norteadora da pesquisa, sobre a percepção de luizense em relação ao carnaval de São Luiz do Paraitinga .

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem com a construção de conhecimento científico que apresente os resultados das análises investigativas sobre a percepção que o morador de São Luiz tem em relação a umas das maiores manifestações culturais do município, obtendo informações sobre os valores culturais do tradicional carnaval e a expansão do turismo e os riscos se apresentam como: emocionais, que dependendo dos depoimentos concedidos podem desencadear ansiedade, desconforto . Entretanto, para evitar que ocorram danos a identidade dos participantes da pesquisa será mantida em sigilo, além disso o local da realização das entrevistas será realizada pelo participante para que se sinta seguro e confortável, em que o pesquisador fará do momento um ambiente de escuta sem pré-julgamentos. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo, procedimentos que visem à reparação e o direito a buscar indenização.

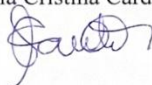
Para participar deste estudo o Sr.(a) responsável pelo menor não terá nenhum custo, (qualquer custo de deslocamento para o local da entrevista ou provedor de internet para comunicação será ressarcido pela pesquisadora), assim como despesas desencadeadas por danos psicológicos, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) responsável pelo menor receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar a participar do convidado menor e a recusa em

participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome do menor ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado, nem o nome do convidado menor em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone “(12) 99600-2223”, inclusive a partir de ligações a cobrar, e-mail “sheilacasc@gmail.com”, ou endereço institucional. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3622-4005, e-mail: cep.unitau@unitau.br

A pesquisadora responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12

Sheila Cristina Cardoso dos Santo Ciola



Consentimento pós-informação

Eu, _____, responsável pelo menor convidado a participar da pesquisa, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e retirar o menor convidado, a qualquer momento do estudo, sem qualquer prejuízo, e poderei modificar a decisão dele participar se assim o desejar. Tendo o meu consentimento da participação do menor do qual sou responsável já assinado, declaro que concordo na participar dele nessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Taubaté, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do responsável pelo (a) menor